



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**MOISÉS TIAGO DA SILVA PEREIRA**

**“À Primeira Vista: Casamos ou não?”**

**Questão de partida para pensar o sentido do sacramento do matrimónio, no contexto da lecionação da unidade letiva *o Projeto de Vida* do programa de Educação Moral e Religiosa Católica**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:  
Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga  
2019**



## AGRADECIMENTOS

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, que me orientou ao longo deste ano com a redação do Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, colocando-se à máxima disposição.

À professora cooperante Eugénia Monteiro, que, com a sua bondade, me recebeu, ajudou e aconselhou durante o ano de estágio na Escola EB 2/3 de Nogueira, em Braga.

À turma A do 9.º ano, que, pela sua heterogeneidade, tão bem me receberam, como também me ajudaram a crescer pelos seus desafiantes e estimulantes diálogos.

A todos aqueles e aquelas que me acompanharam nos dois anos de Mestrado em Ciências Religiosas.

À minha família, pela sua atenção e presença. Aqui, recordo com especial afeto o meu pai, que, certamente, me acompanha na conquista de mais uma etapa na minha vida.

À minha namorada, com quem desejo traçar um projeto a dois, uma história conjunta, pelos desafios e sacrifícios tomados, confrontados e ultrapassados como casal.

Ao meu afilhado, que, pelo seu sorriso de criança, alegre, fortalece e renova o meu coração.

A Deus, no qual se concentra todo o meu trabalho de reflexão, bem como se encontra e se centra o meu modo de viver e de celebrar a vida.



*“Grava-me como selo em teu coração,*

*Como selo no teu braço,*

*Porque forte como a morte é o amor,*

*Implacável como o abismo é a paixão;*

*Os seus ardores são chamas de fogo,*

*São labaredas divinas.*

*Nem as águas caudalosas conseguirão*

*Apagar o fogo do amor,*

*Nem as torrentes o podem submergir”*

Ct 8,6-7

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| <b>RESUMO</b>   | 9  |
| <b>ABSTRACT</b>   | 10 |
| <b>SIGLAS E ABREVIATURAS</b>  | 11 |
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | 14 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO I – CASADOS À PRIMEIRA VISTA: O PROGRAMA TELEVISIVO</b>                       | 16 |
| <b>1. Da contextualização à descrição</b>   | 16 |
| <b>2. O método do <i>coaching</i> e o eneagrama de personalidade</b>                      | 19 |
| <b>3. Participantes e dinâmica de grupo</b>   | 22 |
| <b>4. Pontos de reflexão</b>  | 24 |
| <br>  |    |
| <b>CAPÍTULO II – DO CASAMENTO AO SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO</b>                             | 27 |
| <b>1. O casamento na legislação portuguesa</b>  | 27 |
| <b>2. O Código de Direito Canónico: leitura comparativa com a legislação portuguesa</b>   | 29 |
| <b>3. O sacramento do matrimónio cristão católico</b>                                     | 33 |
| <i>3.1. Introdução sobre sacramento: conceito, símbolo e palavra</i>                      | 34 |
| <i>3.2. Instituição sacramental do matrimónio</i>   | 42 |
| <i>3.3. Apontamentos sobre a Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i></i>  | 47 |
| <i>3.4. Uma perspetiva litúrgico-sacramental</i>  | 50 |
| <i>3.5. A bênção nupcial como síntese teológica no ritual romano, um estudo em aberto</i> | 54 |
| <b>4. Pontos de reflexão</b>  | 60 |

|  |    |
|--|----|
| CAPÍTULO III – <i>O PROJETO DE VIDA, UM CAMINHO EM CONSTRUÇÃO</i>                      | 63 |
| <b>1. Caracterização do agrupamento e da turma</b>                                     | 63 |
| <b>2. Análise da unidade letiva</b>  | 68 |
| 2.1. <i>O projeto de vida, uma abordagem concetual</i>                                 | 68 |
| 2.2. <i>À descoberta de um caminho vocacional: do conceito ao concreto</i>             | 70 |
| 2.3. <i>A felicidade: a meta de um caminho de escolhas, o jogo da construção</i>       | 73 |
| <b>3. Planificação em ato no contexto de sala de aula</b>                              | 75 |
| 3.1. <i>Aula 1: o conceito de projeto e como este se dinamiza</i>                      | 76 |
| 3.1.1. Análise descritiva  | 76 |
| 3.1.2. Leitura avaliativa  | 78 |
| 3.1.3. Plano de aula   | 79 |
| 3.2. <i>Aula 2: da abordagem concetual de vocação e profissão a exemplos concretos</i> | 81 |
| 3.2.1. Análise descritiva  | 81 |
| 3.2.2. Leitura avaliativa  | 82 |
| 3.2.3. Plano de aula   | 84 |
| 3.3. <i>Aula 3: o conceito de casamento e características essenciais</i>               | 86 |
| 3.3.1. Análise descritiva  | 86 |
| 3.3.2. Leitura avaliativa  | 88 |
| 3.3.3. Plano de aula   | 89 |
| 3.4. <i>Aula 4: O programa de televisão Casados à Primeira Vista</i>                   | 91 |
| 3.4.1. Análise descritiva  | 91 |
| 3.4.2. Leitura avaliativa  | 93 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.4.3. Plano de aula   | 94  |
| 3.5. <i>Aula 5: o matrimónio à luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia</i> | 96  |
| 3.5.1. Análise descritiva  | 96  |
| 3.5.2. Leitura avaliativa  | 98  |
| 3.5.3. Plano de aula   | 99  |
| 3.6. <i>Aula 6: a felicidade como meta pessoal e comum, o jogo construtivo de escolhas</i> | 101 |
| 3.6.1. Análise descritiva  | 101 |
| 3.6.2. Leitura avaliativa  | 103 |
| 3.6.3. Plano de aula   | 104 |
| 3.7. <i>Aula 7: Síntese da unidade letiva, o Projeto de Vida</i>                           | 107 |
| 3.7.1. Análise descritiva  | 107 |
| 3.7.2. Leitura avaliativa  | 109 |
| 3.7.3. Plano de aula   | 110 |
| <b>4. Pontos de reflexão</b>   | 112 |
| <b>CONCLUSÃO</b>   | 115 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>  | 117 |
| <b>ANEXOS</b>  | 124 |

## RESUMO

Este Relatório da Prática de Ensino Supervisionada nasce numa atitude de reflexão face a um mundo em crescente evolução nos mais variados campos da vida. Entre estes, evidencia-se o das relações humanas. Ora, a comunicação interpessoal transformou-se, as pessoas situam-se numa outra forma de estar, de pensar, de agir e de viver no mundo. Emergem novas propostas, experiências desafiantes, mas também interrogantes. Neste sentido, e tendo como pano de fundo o programa de televisão *Casados à Primeira Vista*, visa-se em redescobrir e em renovar o olhar sobre o sacramento do matrimónio cristão católico. Por um lado, a redescobrir a sua simbólica e ação sacramental, de modo que se reveste de exclusividade, isto é, tornam-se os dois *numa só* carne, e de indissolubilidade, pelo que nada os separará, devido ao seu consentimento e à bênção de Deus. Por outro, à luz do consentimento mútuo dos noivos, da sua escolha em se entregarem um ao outro, o renovar o olhar está no encontro do *sim* eterno e único, no desejo comum de um projeto de vida como construção contínua. É dar-se e deixar-se entregar nas mãos de um outro, cuja confiança se alicerça no amor. É dispor-se e é comprometer-se em transformar da sua vida e a do outro numa autêntica obra de arte.

**Palavras-chave:** *Casados à Primeira Vista*; matrimónio; exclusividade; indissolubilidade; dois *numa só* carne; nada os separará; o *sim* eterno e único; o projeto de vida como construção contínua; a vida como autêntica obra de arte.

## ABSTRACT

This Report of the Supervised Teaching Practice origins from an attitude of reflection towards a growing world on the most varied life matters. Among them, human relations stands out. Now that interpersonal communication evolved, people have different ways of being, thinking, acting and living their lives on this world. New alternatives and challenging experiences emerge, but with some doubtfulness. In this sense, and with television program *Married at First Sight* as background, I strive to rediscover and refurbish the outlook on the sacrament of christian and catholic marriage. On the one hand, rediscovering its symbolic and sacramental action, in order to cover itself on exclusivity, this is, two become *one* in flesh and of indissolubility, which nothing can tear them apart, due to their consent and God's blessing. On the other hand, as of the mutual consentment of the grooms, of their choice where they give themselves to each other, the renew of the sight is within the eternal and unique *yes*, on the common desire of a life project as a continuous construction. It's to give and let one self on the hand of another, which trust is founded on love. It's being open handed and compromise in transforming your and the other's life in an authentic work of art.

**Keywords:** *Married at First Sight*, marriage, exclusivity, indissolubility, two become *one* in flesh, nothing will tear them apart, the *yes* is eternal and unique, life project as a continuous construction, life as an authentic work of art.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

### *Sagrada Escritura*

| <u>Antigo Testamento</u> |                           | <u>Novo Testamento</u> |                              |
|--------------------------|---------------------------|------------------------|------------------------------|
| Gn                       | Livro do Génesis          | Mt                     | Evangelho segundo São Mateus |
| Ex                       | Livro do Êxodo            | Mc                     | Evangelho segundo São Marcos |
| Lv                       | Livro do Levítico         | Lc                     | Evangelho segundo São Lucas  |
| Dt                       | Livro do Deuteronómio     | Jo                     | Evangelho segundo São João   |
| Rt                       | Livro de Rute             | Rm                     | Carta aos Romanos            |
| 2 Sm                     | Segundo Livro de Samuel   | 1 Cor                  | Primeira Carta aos Coríntios |
| Tb                       | Livro de Tobite           | 2 Cor                  | Segunda Carta aos Coríntios  |
| Sl                       | Livro dos Salmos          | Ef                     | Carta aos Efésios            |
| Pr                       | Livro dos Provérbios      | Cl                     | Carta aos Colossenses        |
| Ct                       | Cânticos dos cânticos     | 1 Tm                   | Primeira Carta a Timóteo     |
| Is                       | Livro do Profeta Isaías   | Heb                    | Carta aos Hebreus            |
| Ez                       | Livro do Profeta Ezequiel | 1 Pe                   | Primeira Carta de Pedro      |
| Os                       | Livro do Profeta Oseias   | 1 Jo                   | Primeira Carta de João       |
|                          |                           | Ap                     | Livro do Apocalipse          |

### *Magistério da Igreja*

|      |  |
|------|--|
| CCE  | Catecismo da Igreja Católica ( <i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i> ) |
| CIC  | Código de Direito Canónico ( <i>Codex Iuris Canonici</i> )               |
| CM   | Ritual Romano da Celebração do Matrimónio                                |
| DV   | Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> sobre a Revelação divina        |
| GS   | Constituição <i>Gaudium et Spes</i> sobre a Igreja no mundo atual        |
| IGMR | Introdução Geral ao Missal Romano  |
| LG   | Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> sobre a Igreja               |
| SC   | Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i> sobre a Sagrada Liturgia      |

### *Documentos Pontifícios*

|     |  |
|-----|--|
| AL  | PP. Francisco. <i>Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia</i> |
| CV  | PP. Francisco. <i>Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus vivit</i>  |
| DCE | PP. Bento XVI. <i>Carta Encíclica Deus Caritas est</i>                 |
| FC  | PP. João Paulo II. <i>Exortação Apostólica Familiaris Consortio</i>    |
| LF  | PP. Francisco. <i>Carta Encíclica Lumen Fidei</i>                      |

### *Legislação Portuguesa*

|     |  |
|-----|--|
| CC  | Código Civil de 1966                         |
| CRP | Constituição da República Portuguesa de 1976 |

*Elementos bibliográficos e textuais*

|                  |                                   |
|------------------|-----------------------------------|
| AAS              | <i>Acta Apostolicae Sedis</i>     |
| <i>art. cit.</i> | artigo citado                     |
| BAC              | Biblioteca de Autores Cristianos  |
| Cf.              | conferir                          |
| coord.           | coordenador da edição             |
| dir.             | diretor da edição                 |
| Ed.              | edição                            |
| <i>Ibidem.</i>   | no mesmo lugar, na mesma obra     |
| Idem.            | o mesmo                           |
| LXX              | versão grega do Antigo Testamento |
| <i>op. cit.</i>  | obra citada                       |
| org.             | organizador da edição             |
| v(v).            | versículo(s)                      |
| vol.             | volume                            |

## INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização na área de Educação Moral e Religiosa Católica, o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada visa a conclusão de uma etapa construída e percorrida ao longo de dois anos de sacrifícios, de aprendizagens, de sucessos, de amizades, de história. Como tal, e fruto de uma reflexão demorada, de encontros e desencontros, este estudo move-se em duas direções, ainda que com a mesma meta, com um objetivo comum: a reflexão, esse ato de pensar, de ler, de analisar, de argumentar. Dito de outro modo, e visto que se trata de um trabalho na área de Educação Moral e Religiosa Católica, é o desafio de dar razões da esperança cristã (cf. 1 Pe 3,15), de modo que a participação de todo o crente face a um mundo social em mudança, em transformação, não seja passiva, mas ativa.

Numa etapa inicial, planeia-se a fundamentação científica do Relatório, num carácter mais teórico, onde se objetiva a articulação entre o programa de televisão *Casados à Primeira Vista* e o casamento nas suas linhas civis, bem como, e em especial, o matrimónio na sua ação e selo sacramental. Esta etapa incide nos dois primeiros capítulos. Aqui, como objetivos, procura-se: analisar a primeira temporada do programa acima mencionado; descobrir o método dinâmico desta experiência social; articular esses dados com os elementos implícitos ao casamento civil; redescobrir a simbólica cristã do matrimónio ora na sua ação sacramental, ora no compromisso que implica o *sim* eterno e exclusivo. Deste modo, intenta-se o *crescendo* de uma reflexão que não é fragmentada, mas sim dinâmica, na medida em que, através de um objeto de análise, neste caso, o *Casados à Primeira Vista* como pano de fundo, chega-se à meta, ao sentido, ao *coração* do estudo.

Numa etapa seguinte, projeta-se a Prática de Ensino Supervisionada na sua ação específica. Ou seja, atendendo ao objeto de estudo e programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, orienta-se para a dinâmica construtiva da planificação e lecionação da unidade letiva do 9.º ano do Ensino Básico, o *Projeto de Vida*. De facto, tendo em conta o local do estágio, o contexto escolar e opções das turmas, o desafio de trabalhar o sacramento do matrimónio, tendo

como objeto de análise o programa *Casados à Primeira Vista*, essa demonstra-se como a opção mais adequada e melhor estruturada para este trabalho. Nesta etapa, objetiva-se a: construir uma planificação analítica, na medida em que caracteriza o contexto escolar do local de estágio, isto é, o Agrupamento e a turma escolhida, como também explora e descobre a unidade letiva nos seus temas internos; projetar uma planificação em ato no contexto de sala de aula, de maneira a que, contando com o processo prévio de planificação analítica, o docente seja capaz de adaptar e adequar os conteúdos ao ambiente da turma nos seus membros individuais, os alunos; articular o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória com o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, incluindo os conteúdos fundamentais dos dois primeiros capítulos. Desta forma, se *Casados à Primeira Vista* é o pano de fundo deste Relatório, o sacramento do matrimónio o *coração*, a Prática de Ensino Supervisionada expressa a *ação* dos conteúdos, é a comunicação e diálogo dos argumentos, é a disposição do trabalho desenvolvido entre o docente e os discentes.

Assim, mais do que um trabalho, ou Relatório Final, na área de Educação Moral e Religiosa Católica, este estudo é proposta de reflexão estimulante e desafiante face a novas propostas, a modelos transformados no campo das relações humanas. Perante esta dinâmica, é-se chamado a uma participação ativa, através do ato de *pensar*, de *agir*, de *educar* e de *ser* vida. Por fim, como dado indicativo, este Relatório segue como metodologia a norma Chicago 16.<sup>a</sup> edição A.

## CAPÍTULO I – *CASADOS À PRIMEIRA VISTA*: O PROGRAMA TELEVISIVO

O presente capítulo desenvolve-se em quatro pontos: o primeiro visa o contexto e descrição do programa *Casados à Primeira Vista*; o segundo ponto consiste num levantamento de dados sobre o *coaching*, o método usado ao longo do programa, e numa descoberta do eneagrama de personalidade como ferramenta de leitura à compatibilidade entre os participantes; o terceiro ruma à exposição dos participantes da primeira temporada do programa, de modo a situar o estudo, e a dinâmica de grupo, a qual se torna uma das forças condutoras da experiência social em si; o último ponto coloca-se numa linha não só de retoma dos elementos tratados ao longo deste primeiro capítulo, mas também, e sobretudo, de complemento, na medida em que explora a visão de *Casados à Primeira Vista* acerca da ideia de *par perfeito*.

### **1. Da contextualização à descrição**

*Casados à Primeira Vista* ou, na versão internacional, *married at first sight* é um programa televisivo de carácter experiencial, cujo retrato consiste na união de duas pessoas desconhecidas entre si pelo casamento, tendo em conta a sua compatibilidade. Surgiu na Dinamarca e, com o seu êxito televisivo, difundiu-se a vários países tais como Austrália, Alemanha, Espanha, entre outros. Portugal tornou-se o 14.º país a adotar este formato televisivo com a sua exibição.<sup>1</sup> Posto isto, levantam-se algumas interrogações: em que consiste este programa? O que implica? E qual a sua finalidade?

Em primeiro lugar, a dinâmica desta experiência social ordena-se, em específico, desde a união de duas pessoas desconhecidas ao acompanhamento dessas relações conjugais, ao longo de oito semanas, por parte de especialistas nas áreas das ciências psicológicas, do *coaching* e das neurociências.<sup>2</sup> Por um lado, essa união, segundo este formato, é feita através de testes de compatibilidade entre dois participantes. Por outro, é a equipa de especialistas que assume esse

---

<sup>1</sup> Cf. Rosa Ruela e Clara Soares, “Bingo! Tem um parceiro”, *Revista Visão*, 25 de outubro, 2018, 76.

<sup>2</sup> O exercício do *coaching* não é um ato extrínseco à área da Psicologia, mas sim uma das suas várias ramificações. Clarifica-se esta observação no ponto seguinte acerca do método e do eneagrama de personalidade.

papel de unir duas pessoas, sendo que, numa fase inicial de testes, esta equipa tem em conta os gostos, as preferências e os critérios de cada participante face ao seu possível *match*, ou seja, o(a) seu(sua) parceiro(a) compatível.<sup>3</sup> Este processo é fruto da análise à personalidade de cada participante, à qual se chega, entre as muitas ferramentas de leitura, pela via do eneagrama de personalidade<sup>4</sup>. De notar que, nesta fase, também conta os dados expostos por cada participante, ou seja, a lista de requisitos/critérios<sup>5</sup> que o *match* terá de reunir, de maneira a que dê acesso a uma relação harmoniosa entre os dois. Reunidas as condições de compatibilidade, comunica-se a cada participante a descoberta do seu par, o que significa também a necessidade de dar início aos preparativos do casamento.

No casamento *tradicional*,<sup>6</sup> poder-se-á dizer que esse tempo de logística tem, em média, a duração de um ano, de forma a que seja possível a preparação desde a indumentária escolhida pelos noivos à escolha do local ora da cerimónia, ora posterior à mesma. Pelo contrário, em *Casados à Primeira Vista*, esse período reduz-se a uma semana.<sup>7</sup> Chegado o dia do casamento, os participantes encontram-se pela primeira vez, a fim de iniciarem uma história a dois por meio do casamento civil. Este momento marca o início de uma fase mais concreta da experiência: da *procura do outro à descoberta de si com o outro*. Como dito acima, esta experiência dura oito semanas, isto é, dois meses com bastantes desafios. Na verdade, todos os casais, caso decidam

---

<sup>3</sup> A intervenção da equipa dos especialistas não se limita apenas ao início da experiência social, mas prolonga-se ativamente ao longo da mesma, através de um acompanhamento atento à evolução da comunicação interpessoal, como ainda dos esposos na sua individualidade. Portanto, os casais participantes não são abandonados à sua sorte, mas acompanhados por estratégias de superação e descoberta de soluções, face aos desafios de uma relação a dois.

<sup>4</sup> Não obstante a escassez de recursos académicos sobre esta ferramenta, são delineados alguns elementos nucleares a que a mesma possa conduzir. A este respeito, veja-se o estudo mais à frente acerca do método e desta ferramenta.

<sup>5</sup> Sobre isto, o Padre Rui Carvalho, coordenador da Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa, numa entrevista à Rádio Renascença a 16 de novembro de 2018, sublinha: “o outro não é uma coisa, não é um eletrodoméstico que eu compro, não é como um carro. Eu posso ir a um stand e dizer ao vendedor que estou à procura de um carro com estas características. No amor, isto não tem lugar. O outro não é um objeto que eu adquiero. É um encontro de pessoas que vão crescendo nesse encontro”.

<sup>6</sup> Um formato com o qual a sociedade portuguesa está familiarizada, isto é, um casamento baseado num processo prévio de conhecimento entre duas pessoas, usualmente chamada de fase de namoro.

<sup>7</sup> Durante essa semana, os participantes: anunciam à família e/ou amigos que casar-se-ão, explicando os termos e condições desse casamento associado ao contexto televisivo; compram o vestuário fundamental para a cerimónia; preparam o essencial a levar para a lua-de-mel; e, eventualmente, organizam uma festa de despedida de solteiro(a). De certa maneira, a preparação de um casamento neste formato não difere muito da organização de uma cerimónia *tradicional*. O que muda é, sobretudo, o tempo predisposto a isso.

continuar ao longo desse período, entram em várias fases<sup>8</sup>: a inicial começa antes do casamento, onde se inicia a procura do *match*; a segunda pauta-se pelos dias de preparação do casamento; a terceira fase é composta pela celebração do casamento e pela semana posterior, habitualmente chamada de lua-de-mel; a quarta fase vai desde a segunda à sétima semanas, nas quais o casal habita no mesmo teto, enfrentando os desafios diários impostos pela presença de um *outro*, diferente no modo de *ser*, de *pensar* e de se *comunicar*; a última fase é a oitava semana, em que cada participante, afastado(a) do(a) seu(sua) parceiro(a), reflete sobre a decisão final: continuar casado ou divorciar-se.

Em segundo lugar, este programa centra-se na ajuda do encontro entre duas pessoas, que, com dificuldades em construir relações amorosas bem-sucedidas, entregam nas mãos de alguns profissionais esse capítulo das suas vidas. Com efeito, pelo seu formato televisivo, *Casados à Primeira Vista* exige uma exposição quase-total do casal numa fase de conhecimento, dado que é transmitido a nível nacional. Por conseguinte, este processo provoca um ambiente de tensão em cada casal, característico do curto espaço de tempo de relação/conhecimento, assim como do mediatismo causado pelos meios de comunicação social, nomeadamente na área televisiva. Mas quem pode integrar esta experiência social? E o que procuram? Segundo a produção televisiva,<sup>9</sup> estão aptos(as) a participar todos(as) aqueles(as) que têm idade superior a 18 anos e não sejam casados(as). De acentuar que, na primeira temporada, todos os participantes já foram casados ou tiveram relações anteriores. De algum modo, partem para uma nova tentativa de viverem o amor, embora, desta vez, com recurso a uma ajuda e perspectiva profissionais.

Em suma, *Casados à Primeira Vista* é uma experiência social, de formato televisivo, que visa a união de duas pessoas desconhecidas entre si pelo casamento, o qual serve de meio para o começo de uma história a dois. De facto, numa relação *comum*,<sup>10</sup> o início dessa história a dois

---

<sup>8</sup> Este delineamento por fases é fruto de uma análise individual ao desenvolvimento do programa.

<sup>9</sup> Toda a informação está disponível em: <https://sic.pt/Programas/casados-a-primeira-vista>. Consultado pela última vez a 13 de janeiro, 2019.

<sup>10</sup> O emprego desta terminologia não pretende determinar um modelo de relação amorosa, mas o processo dinâmico desde o conhecimento entre duas pessoas até à decisão histórica de se tornarem uma família (casamento), precedida pela fase de namoro (revelação/reconhecimento).

dá-se num conhecimento mútuo e ganha corpo na escolha visível do casamento. Em contraste, *Casados à Primeira Vista* propõe uma trama diferente, isto é, o começo dessa história a dois é marcado pelo casamento, desenvolvendo-se, por sua vez, em vista ao conhecimento de um *com* o outro. Por seu lado, esta experiência social não é só um jogo de conhecimento exclusivo de um casal, mas inclusivo a todos os casais, de modo a que, através da dinâmica de grupo<sup>11</sup>, as dúvidas, questões, respostas e os desafios encontram-se interligadas. De resto, é possível que, por meio deste formato, outros casais – fora do contexto mediático, mas inseridos na sociedade – se revejam, encontrem e aprendam novas formas de viver o próprio casamento.

## 2. O método do *coaching* e o eneagrama de personalidade

Mais do que um estudo detalhado e denso a nível exploratório não só acerca do *coaching*, como também do eneagrama de personalidade<sup>12</sup>, este ponto intenta o realce de algumas linhas orientadoras como resposta às questões: o que é o *coaching*? Existe alguma relação com a área da Psicologia? O que se pode notar sobre isso? E o eneagrama de personalidade? Que elementos se podem salientar?

Num primeiro momento, o *coaching* é um método de relação entre duas pessoas, na qual o *coach* (treinador) estimula, gradualmente, a descoberta e o encontro das potencialidades e das competências por parte do *coachee* (cliente). Segundo a Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP), o *coaching* é “um processo que promove a reflexão e a autodescoberta, recorrendo a uma metodologia de questionamento e de incentivo que contribui para a libertação do potencial do *coachee*”<sup>13</sup>. Dito de outro modo, é uma relação dialógica (de diálogo/comunicação) entre duas pessoas, em que uma, o *coach*, provoca, estimula, orienta, enquanto que a outra, o *coachee*,

---

<sup>11</sup> Este elemento é desenvolvido mais à frente, na apresentação dos participantes e dinâmica de grupo.

<sup>12</sup> Entre muitas outras ferramentas, *Casados à Primeira Vista* recorre ao eneagrama de personalidade, com o fim de analisar a possível compatibilidade entre os participantes, atendendo aos mais diversos testes em vários âmbitos, como se observa adiante na exposição desta ferramenta.

<sup>13</sup> Ordem dos Psicólogos Portugueses, *Orientações para as especialidades. Processo de Equiparação*, Janeiro, 2018, 2, consultado a 4 de março, 2019 em: [https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/orientaa\\_aoes\\_especialidades\\_coaching\\_psicologico\\_equiparaa\\_aao.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/orientaa_aoes_especialidades_coaching_psicologico_equiparaa_aao.pdf).

procura-se, estrutura-se e descobre-se num jogo de construção, e desconstrução, de si.<sup>14</sup> Aliás, uma das razões, pelas quais se recorre a este método, consiste na consciência da necessária superação face a dificuldades ora psicológicas, ora até físicas como são, por exemplo, os casos de muitos desportistas em baixo nível de rendimento. Portanto, os fatores sociais, culturais e, até mesmo, pessoais são algumas das causas da muita procura do *coaching*. Por isso, entende-se que o seu foco se centra “na produção de mudanças (atitudes e comportamentos), a curto-prazo, por parte do *coachee*”<sup>15</sup>. De certo modo, o seu campo ativo encontra-se “na solução e não no problema”<sup>16</sup>. No entanto, num dinamismo em que se joga com a pessoa no seu modo de *ser-no-mundo*, a Ordem dos Psicólogos Portugueses defende a exclusividade do exercício do *coaching* somente por psicólogos devidamente credenciados.<sup>17</sup> Numa entrevista concedida pelo presidente da Mesa da Assembleia de Representantes da mesma Ordem, Samuel Antunes, à Rádio Renascença a 16 de novembro de 2018, é dada a observação: “temos conhecimento de pessoas que ficaram gravemente perturbadas por terem entrado em experiências com ‘coaches’ não psicólogos, que não souberam gerir essa relação de ajuda, e, em vez de ajudar as pessoas, desorganizaram, contribuíram para que elas se desorganizassem mentalmente”.

Num segundo momento, sobre a aplicação do eneagrama de personalidade no programa de televisão *Casados à Primeira Vista*, este instrumento pode ser compreendido como um recurso de análise comportamental a cada participante, que passa por uma leitura a três níveis, a saber: emocional, intelectual e motora. Por outras palavras, é um estudo ao jogo das emoções (modo de *ser*: mais dado aos afetos ou resistente e independente a formas de abertura a um outro), do pensamento (modo de *pensar*: mais aventureiro ou mais lógico e concreto) e da ação (modo de

---

<sup>14</sup> Como complemento a esta noção, o *coaching* reúne vastos recursos, instrumentos, ferramentas e técnicas de outras áreas científicas, que se relacionam com o estudo e a leitura do comportamento tais como a psicologia, a sociologia e as neurociências. Dessa forma, torna-se possível o processo de ajuda em vista ao crescimento do *coachee*, assim como o estímulo à contínua descoberta das suas várias potencialidades e competências. Cf. Alex Barbosa Sobreira de Miranda, *Introdução ao Coaching*, Janeiro, 2014, consultado a 4 de março, 2019 em: <https://psicologado.com.br/atuuacao/coaching/introducao-ao-coaching>.

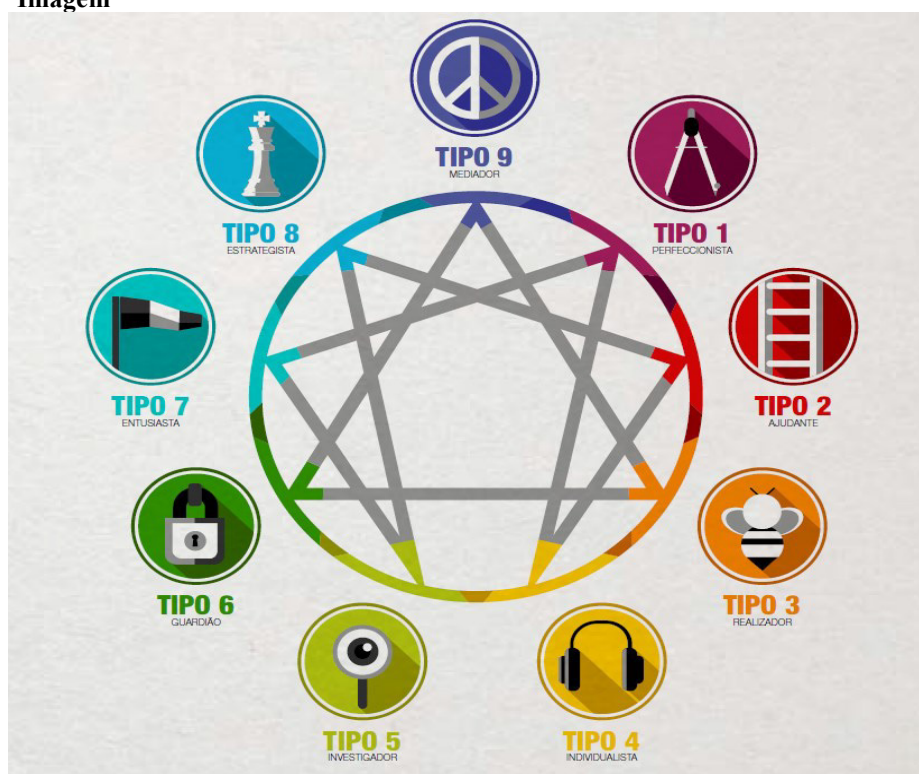
<sup>15</sup> Ordem dos Psicólogos Portugueses, *Orientações...*, *op. cit.*, 3.

<sup>16</sup> *Ibidem*; cf. Alex Barbosa Sobreira de Miranda, *Introdução...*, *art. cit.*: “o coaching não tem respostas prontas, mas perguntas que serão formuladas para resgatar os valores, a missão e a visão do indivíduo”.

<sup>17</sup> De modo a regular a prática do *coaching* e, por sua vez, a exigir a melhor e maior competência profissional, a Ordem dos Psicólogos Portugueses criou uma especialidade avançada em matéria de *coaching psicológico*.

*agir*: mais paciente e calmo ou impulsivo e agressivo). A finalidade na composição deste mapa complexo é a descoberta do tipo de personalidade de cada participante. São propostos nove, os quais se dividem pelos diferentes níveis de estudo acima referidos. Assim, os tipos dois, três e quatro pautam-se pelo mundo das emoções (modo de *ser*); o cinco, o seis e o sete centram-se no âmbito da ação (modo de *agir*); e o oito, o nove e o um ordenam-se a nível intelectual (modo de *pensar*). Apresenta-se de seguida uma imagem ilustrativa desta ferramenta.

Imagem<sup>18</sup>



Terminada esta descrição, uma vez que são escassos os recursos científicos nesta matéria, a fim de desenvolver este instrumento, realça-se somente um último elemento. Este interliga-se com a dinâmica de compatibilidade entre pessoas. A título de exemplo, uma pessoa de tipo um, o perfeccionista, apenas é compatível, atendendo à proposta do eneagrama, com pessoas dos tipos dois, quatro, sete e nove. Ora, a relação entre o um com o quatro e o sete existe por linha direta, tal como se pode verificar na imagem acima exposta. Ora, a compatibilidade entre o um com o dois e o nove é possível pelo facto de serem tipos de personalidade *vizinhos*.

<sup>18</sup> Os direitos da imagem estão reservados a: <https://goo.gl/images/K3JVRD>.

Em síntese, o *coaching* é o exercício de um método de relação entre duas pessoas, o *coach* e o *coachee*. O primeiro incentiva, desafia e orienta, de modo que o último descubra e estimule as suas competências, até então, ocultas. Por seu lado, uma das razões pela procura do *coaching* centra-se, sobretudo, na consciência, por parte do *coachee*, da sua necessária superação perante as dificuldades, às quais contribuem fatores sociais, culturais ou, até mesmo, pessoais. Todavia, este processo de ajuda e de descoberta é perigoso, se o *coach* não está devidamente acreditado e, nesse caso, não está capacitado na utilização de ferramentas das ciências psicológicas. Quanto ao uso do *coaching* em *Casados à Primeira Vista*, esse consiste no acompanhamento dos casais, sendo que, nessa dinâmica conjugal, cada membro, face aos desafios próprios do convívio com um outro, descobre competências que, até então, não tinham sido trabalhadas por eles mesmos. Por sua vez, este jogo movimenta-se no encontro com um outro não só dado como compatível, como também trabalhado ao gosto do participante, em que o eneagrama de personalidade exerce um papel fundamental.<sup>19</sup>

### **3. Participantes e dinâmica de grupo**

Neste terceiro ponto, o estudo centra-se no levantamento de alguns dados dos participantes de *Casados à Primeira Vista*, tendo em conta o seu ambiente social, cultural e económico, bem como de uma das forças dinâmicas desta experiência social como é, por exemplo, o movimento de comunicação entre os casais. Dito de outro modo, o objetivo não é uma leitura fragmentada deste programa de televisão, mas um olhar atento sobre aqueles que, de certa forma, deram vida a este formato, enfrentando diversas etapas e obstáculos inerentes de uma história a dois, que também implica o mundo social que os rodeia.

Por um lado, convém identificar os dois módulos de participação neste programa: um mais ativo e outro mais passivo. O primeiro cabe aos especialistas, ao apresentador e, em particular,

---

<sup>19</sup> Sublinhe-se que, através da leitura desta ferramenta com o fim de descobrir a compatibilidade, também conta os critérios transmitidos por cada participante, tal como é dito no ponto anterior sobre a contextualização e a descrição de *Casados à Primeira Vista*.

aos candidatos que procuram um *match*. O papel mais passivo pertence ao público, já que não interfere diretamente na experiência, mas, e só, no crescimento, ou não, das audiências. Posto isto, segue-se uma tabela com os dados elementares de cada participante da primeira temporada de *Casados à Primeira Vista*, bem como a sua formação em casais.

**Tabela 1**

|   | <b>Nome</b> | <b>Idade</b> | <b>Profissão</b>           | <b>Localidade</b>      |
|---|-------------|--------------|----------------------------|------------------------|
| 1 | Eliana      | 28           | Rececionista               | Caldas da Rainha       |
|   | Dave        | 35           | Instrutor de surf          | Cascais                |
| 2 | Graça       | 55           | Empresária                 | Porto                  |
|   | José Luís   | 56           | Antiquário                 | Porto                  |
| 3 | Ana         | 39           | Instrutora de Fitness      | Odivelas               |
|   | Hugo        | 44           | Motorista de semirreboques | Lisboa                 |
| 4 | Sónia       | 33           | Formadora                  | Santarém               |
|   | João        | 33           | Arquiteto                  | Coimbra                |
| 5 | Daniela     | 36           | Instrutora de yoga         | Setúbal                |
|   | Daniel      | 35           | Empresário                 | Caldas da Rainha       |
| 6 | Lídia       | 44           | Gestora de negócio         | Sintra                 |
|   | Francisco   | 52           | Antiquário                 | Estoril                |
| 7 | Isabel      | 42           | Desempregada               | Sobral de Monte Agraço |
|   | Cláudio     | 38           | Técnico de Informática     | Funchal                |

Através de uma leitura a esta tabela, é possível notar uma diversidade social e cultural entre os participantes e, por isso, os seus diferentes modos de *pensar*, de *sentir* e de se *comunicar*, assim como, em alguns casais, a diferença de idade, que, embora não seja um dado comprovado, pode ser indicativo, ou não, de maturidade e experiência, as quais podem facilitar, ou dificultar, a comunicação entre duas pessoas.

Por outro, a criação de um espaço temporal, onde os casais participantes se encontram não só num ambiente de convívio, mas também, por vezes, de barreiras, é um dos grandes estímulos a nível da experiência social. A título de exemplo, veja-se o jantar entre os casais participantes

no dia anterior à cerimônia de compromisso<sup>20</sup>. É o momento privilegiado de comunicação entre os casais, onde cada um não só se desafia, como também implica os outros ao seu redor. É um modelo de transmissão, onde o jogo relacional se distribui entre a alegria do convívio e a tensão dos conflitos, vivenciados ao longo da semana. Dito de outra maneira, todos os casais, através deste espaço de provocação, são desafiados a colocar em comum as suas dúvidas, fragilidades, sucessos e insucessos com os outros. Como resposta ao processo de entreajuda, cada membro do casal é estimulado a descobrir num outro participante, ou num outro casal, a solução, ou a resposta, perante a sua própria dificuldade. Mais, não só isso, mas também a descoberta de desafiantes compromissos e projetos a traçar a dois.

Em conclusão, *Casados à Primeira Vista* não é uma construção exclusiva de um casal, mas une todos os participantes num mesmo processo de descoberta e encontro de soluções, face às várias oscilações de uma relação conjugal. Logo, esta experiência retrata, em certo sentido, o dia-a-dia de um casal *comum*, onde a construção a dois perpassa a alegria do sucesso, bem como a dificuldade dos obstáculos. Neste âmbito, torna-se claro que o desafio das relações espelhadas neste programa – e, como se referiu, não deixa de ser um retrato das relações da sociedade de hoje – passa, sobremaneira, pelo padrão de comunicação entre os dois.<sup>21</sup>

#### 4. Pontos de reflexão

Uma análise a *Casados à Primeira Vista* descurada da sua composição não contribui para um estudo concreto e fundamentado. Nesse sentido, entende-se a necessidade do levantamento

---

<sup>20</sup> É o encontro no final de cada semana, ao longo da experiência, em que cada membro do casal apresenta não só as dificuldades, mas também os sucessos vividos ao longo da semana perante os especialistas, o(a) apresentador(a) e os demais casais. No final disso, cada qual decide se continua (*ficar*) ou abandona (*terminar*) a experiência. Este processo ocorre ao longo das oito semanas até que, terminado esse período, cada um comunica ao outro se pretende renovar, ou não, os votos de casamento.

<sup>21</sup> Sobre este assunto, remete-se para o estudo em: Daniel Sampaio, *Labirinto de Mágoas. As crises do casamento e como enfrentá-las* (Alfragide: Caminho, 2012), 23-61. Como exemplo de dificuldade nessa comunicação entre homem e mulher, cf. *ibidem*, 46-47: “com frequência, os homens relacionam a intimidade com a partilha sexual, com alguma atividade em que o casal está sozinho, ou com uma viagem romântica a um local relacionado com a história da relação: a noção parece ligada a qualquer coisa que se possa fazer em conjunto e que diga só respeito ao casal. Para a maioria das mulheres, pelo contrário, a noção de intimidade relaciona-se com os sentimentos e com a sua partilha, podendo ocorrer num simples olhar, sem necessidade de nenhuma ‘atividade’”.

de alguns elementos essenciais, ao longo deste capítulo, que compõem esta experiência social: da descrição do programa e suas etapas aos participantes com o seu dinamismo, passando pela leitura ao exercício do *coaching* centrado no acompanhamento dos casais, ainda que estimulado na individualidade de cada participante. Como complemento nesta fase da reflexão, surge uma outra ideia a explorar: a alusão feita pelo programa de um *par perfeito*, que, conseqüentemente, une-se ao desejo de uma relação estável, sólida e segura.

Segundo Miguel Ricou<sup>22</sup>, num artigo de opinião à Rádio Renascença a 16 de novembro de 2018, “tentar convencer as pessoas que a Psicologia pode permitir a descoberta do ‘par ideal’ é perigoso, não só porque essa definição simplesmente não existe, mas também porque o ‘sucesso’ de uma relação – seja lá o que isso for – não depende, no essencial, das características das pessoas tal como elas podem ser avaliadas pela ciência psicológica”<sup>23</sup>. Esta nota surge como argumento face à propaganda difundida pelo programa, que sublinha a utilização da ciência na descoberta de um(a) companheiro(a) perfeito(a), recorrendo a técnicas de ciências psicológicas, como também a ferramentas de descoberta de compatibilidades. Portanto, uma das categorias fundamentais na união de duas pessoas, atendendo à proposta de *Casados à Primeira Vista*, está na semelhança, e não na potenciação da diferença como fator de relação.<sup>24</sup>

Por seu lado, a busca pela perfeição do outro conduz, por sua vez, ao desejo de estabilidade e solidez de uma relação amorosa. No entanto, como escreve Henrique Raposo num artigo de opinião à Rádio Renascença a 8 de junho de 2018, “um casamento estável é uma união rígida que vai quebrar como uma torre de granito mal construída, uma torre sem a flexibilidade para suportar a imprevisibilidade da vidinha”. Isto não significa a falta de uma confiança intrínseca

---

<sup>22</sup> Presidente da Comissão de Ética da Ordem de Psicólogos Portugueses.

<sup>23</sup> Na mesma linha, Margarida Cordo, psicóloga e terapeuta familiar, em entrevista à Rádio Renascença a 17 de novembro de 2018, salientou que “é possível fazer estudos de personalidade que podem concluir que há pessoas mais compatíveis do que outras. Mas isso não significa que se encontre o amor. Até pode acontecer, mas será um mero acaso”.

<sup>24</sup> Em contraste, Jorge Gravanito, presidente da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica, apontou em Rosa Ruela e Clara Soares, “Bingo...”, *art. cit.*, 75: “nós acabamos por nos relacionar no conflito, e é esse desencontro que promove o encontro”.

da relação a dois, na qual se fundamenta o *estar presente* para o outro em todos os momentos.<sup>25</sup>

De facto, o espaço único de descoberta da segurança de uma relação, na qual a flexibilidade e a confiança se entrelaçam, é a própria vida conjunta, pela qual surgem os mais densos e variados obstáculos. Por um lado, a essencial flexibilidade de uma relação ajustável face aos inesperados momentos e ações do dia-a-dia. Por outro, a fulcral confiança num outro que se faz presente, que se dá, onde o sacrifício pessoal não é recusado, mas *sim* estimulado, uma vez que nutre e fortalece a própria relação não apenas construída por um, mas como caminho a dois.<sup>26</sup>

Por fim, uma relação amorosa, que é a base de um projeto de vida a dois como é o caso do casamento, é sinónimo de investimento, de compromisso<sup>27</sup>, de sacrifício, de confiança e, sobretudo, de história. Já o programa *Casados à Primeira Vista* visa mais a individualidade dos participantes, estimulando aspetos não trabalhados, do que na própria construção como casal. Deste modo, compreende-se a visão de Ana Carvalheira, professora e investigadora do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ao destacar: “é preciso as pessoas investirem e não ficarem num processo de individualização que as retira da relação”<sup>28</sup>. E, porventura, saborear o que, sem dúvida, dá sentido à existência de cada um: o amor.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Pode-se ler em Daniel Sampaio, *Labirinto...*, *op. cit.*, 65: “a sensação de que a pessoa amada está perto de nós é essencial para a consolidação da relação. No casamento, o suporte afetivo do parceiro, nas condições difíceis da vida, permite ganhar confiança na relação e lidar melhor com as dificuldades”.

<sup>26</sup> É próprio de um caminho as suas alterações de solo e, da mesma forma, uma relação não anula os seus diferentes estados. Cf. *ibidem*, 67: “Uma relação estável pressupõe momentos de maior proximidade e de afastamento, para o que contribuem fatores externos (como acontecimentos de vida negativos), fatores internos (relacionados com a dinâmica da relação conjugal) e fatores individuais (em relação com a personalidade e vivências de cada um)”.

<sup>27</sup> Pode ler-se em *ibidem*, 68: “o compromisso relaciona-se com o investimento permanente na relação, sem o qual ela não sobreviverá. Investimento significa interesse na relação, fator primordial para a felicidade de cada membro do casal, mas também a noção de ‘trabalho’ ligado ao relacionamento interpessoal”.

<sup>28</sup> Rosa Ruela e Clara Soares, “Bingo...”, *op. cit.*, 76.

<sup>29</sup> Cf. Luc Ferry, *A Revolução do Amor. Para uma Espiritualidade Laica* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2011), 15.

## CAPÍTULO II – DO CASAMENTO AO SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

Este capítulo articula-se em quatro tópicos: o primeiro consiste numa consulta à legislação portuguesa sobre o casamento; o segundo, atendendo ao que é tratado no tópico anterior, pauta-se por uma leitura comparativa com o Código de Direito Canónico, onde já não se faz referência a esta realidade como casamento, mas como matrimónio, abrindo o horizonte da reflexão a uma teologia sacramental; o terceiro centra-se no sacramento do matrimónio cristão católico, o qual se move numa introdução ao conceito de sacramento até ao realce dos elementos orgânicos do matrimónio como sacramento, passando por uma abordagem tanto à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, como ao ritual romano da celebração do matrimónio; o último tópico articula a reflexão entre o programa *Casados à Primeira Vista* e os conteúdos trabalhados neste segundo capítulo, realçando a unidade e a indissolubilidade como intrínsecas ao sacramento do matrimónio cristão católico.

### **1. O casamento na legislação portuguesa<sup>30</sup>**

Uma análise à legislação portuguesa com procura exclusiva a respeito do casamento não significa um tratado jurídico, dado que o cerne do estudo não se insere nesse âmbito, mas um levantamento de elementos essenciais não só como alicerces, mas também, e sobretudo, como complementos a este nível de estudo. Neste sentido, surgem algumas questões primárias: qual é a noção de casamento na legislação portuguesa? Que implicação se dá no âmbito individual e civil? E, no horizonte de *Casados à Primeira Vista*, joga-se com que elementos?

Em primeiro lugar, “o casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida” (CC 1577). Por outras palavras, é um contrato que desenha, num modo visível, o desejo da criação de uma nova família, alicerçada numa vida em comum, conjunta e construída a dois. Como tal, a este espaço comum concentra-se, como alicerce de um jogo a dois, a igualdade entre os cônjuges, que se reflete em direitos e

---

<sup>30</sup> Opta-se por uma leitura ao Código Civil de 1966 (CC) e à Constituição da República Portuguesa de 1976 (CRP), não só pela sua alusão ao casamento, como ainda por serem documentos fundamentais da República Portuguesa.

deveres. Por isso, a construção da vida conjugal implica investimento e preocupação de ambos. De facto, não se reserva a uma atenção de um só, mas estimula-se no diálogo mútuo em vista aos interesses de cada um e, nessa dinâmica, do bem do núcleo familiar (cf. CC 1671). Em vista a este fim, “os cônjuges estão reciprocamente vinculados pelos deveres de respeito, fidelidade, coabitação, cooperação e assistência” (CC 1672). Faltando um destes, o casamento fica aquém do cumprimento da sua meta.

Em segundo lugar, no contexto de *Casados à Primeira Vista*, o casamento torna-se uma via concreta no alcance de um fim: a união de pessoas, tendo como fundo a experiência social<sup>31</sup>. Porém, o recurso a esta modalidade contratual, como é o casamento, implica termos e condições a si associadas. Aqui, não é fundamental um esclarecimento a nível jurídico – aliás, este não é o propósito do estudo –, mas sim um levantamento de possibilidades inerentes a este modo de aplicação do casamento. Por um lado, coloca-se à disposição do leitor a reflexão no âmbito da anulabilidade dos casamentos do programa acima mencionado. Ora, é possível a declaração da anulabilidade desses casamentos, atendendo ao argumento da falta de vontade dos nubentes? (cf. CC 1635)<sup>32</sup> Ou não é justificável esta argumentação e, portanto, a única resolução possível é o divórcio? Por outro lado, a aceitação de uma vida em comum, através do casamento, implica também um jogo patrimonial comum. De facto, como salienta Ana Sofia Gomes, advogada e docente universitária na área do Direito da Família, face à transmissão de *Casados à Primeira Vista*, numa entrevista à Rádio Renascença, a 17 de novembro de 2018: “o casamento não é um jogo..., produz efeitos jurídicos, não só em matéria de sucessão de bens. Mas também em relação às dívidas. Os dois cônjuges podem ter de responder por todas as dívidas, mesmo aquelas que tenham sido contraídas apenas por um deles”.

Em suma, o casamento não é uma proposta de entretenimento, na medida em que não se identifica como um contrato *à experiência*, isto é, um estado social com limite no seu prazo, ou

---

<sup>31</sup> Sobre isto, remete-se para o primeiro capítulo deste estudo.

<sup>32</sup> Em particular, tenha-se em conta o enunciado, acerca da hipótese de se anular um casamento por falta de vontade, nas alíneas b), quando o nubente estava em erro acerca da identidade física do outro contraente, e d), quando tenha sido simulado.

um meio orientado a um fim incerto, mas uma vontade individual de construir uma vida a dois,<sup>33</sup> que pressupõe o desejo de perpetuidade dessa comunhão de vida. A esta vontade está implícita a consciência das implicações sociais e individuais do casamento, as quais tocam, em particular, o campo das relações e da gestão patrimonial. Por seu lado, como projeto que é, “todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade” (CRP 36, §1).

## **2. O Código de Direito Canónico: leitura comparativa com a legislação portuguesa**

Numa articulação com aquilo que é dito previamente, este tópico objetiva o realce de certos elementos sobre o matrimónio cristão católico, assumido como sacramento. Nessa medida, não só é intentado uma lógica coerente na reflexão, de modo que esta modalidade contratual assume os requisitos civis, visto que “a lei civil reconhece valor e eficácia de casamento ao matrimónio católico” (CC 1587, §2), como ainda abre o horizonte do estudo ao nível da sacramentologia: “o pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os baptizados foi elevado por Cristo nosso Senhor à dignidade de sacramento” (CIC 1055, §1).

Como primeiro elemento, a unidade e a indissolubilidade são estruturantes no matrimónio católico (cf. CIC 1056), pelo que este, fora no caso de morte, não pode ser destruído por nenhum poder humano ou causa (cf. CIC 1141). Esta consciência é o reflexo da leitura teológica a duas passagens bíblicas, onde se afirmam: “...o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne” (Gn 2,24)<sup>34</sup>, assim como “...o que Deus uniu não o separe o homem” (Mt 19,6; Mc 10,9). Na primeira passagem, evidencia-se a unidade do matrimónio, na medida em que se individua a relação entre os esposos a *uma só* carne, enquanto que a última sublinha a indestrutibilidade do vínculo matrimonial, fruto da bênção divina e, por sua vez,

---

<sup>33</sup> cf. CC 1619: “A vontade de contrair casamento é estritamente pessoal em relação a cada um dos nubentes”.

<sup>34</sup> Recorre-se à edição: *Bíblia Sagrada*, 5.<sup>a</sup> Ed. (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2009).

imagem tanto da fidelidade de Deus ao Seu povo, aludida ao longo do Antigo Testamento, como reflexo da relação esposal entre Cristo e a Igreja.<sup>35</sup> Deste modo, “do matrimónio válido origina-se entre os cônjuges um vínculo de sua natureza perpétuo e exclusivo; no matrimónio cristão, além disso, são os cônjuges robustecidos e como que consagrados por um sacramento peculiar para os deveres e dignidade do seu estado” (CIC 1134).

Como segundo elemento, a génese do matrimónio católico encontra-se no consentimento dado pelos esposos na celebração sacramental, na qual revelam a sua vontade de se entregarem mutuamente, a fim de formarem uma nova família. Logo, assumem também a consciência de que tal vínculo é indestrutível, salvo no caso de morte. Efetivamente, “origina o matrimónio o consentimento entre pessoas hábeis por direito, legitimamente manifestado, o qual não pode ser suprido por nenhum poder humano” (CIC 1057, §1). Mais, “o consentimento matrimonial é o acto de vontade pelo qual o homem e a mulher, por pacto irrevogável, se entregam e recebem mutuamente, a fim de constituírem o matrimónio” (CIC 1057, §2). Por seu lado, entende-se que este ato de vontade entre esposos, mesmo na sua forma de consentimento interno, é presumível, na medida da linguagem que é assumida por estes ao longo da celebração matrimonial (cf. CIC 1101). É, nesse revestir-se de centralidade do consentimento, onde os esposos são provocados a celebrar ativamente o seu vínculo, o próprio sacramento.

Por fim, tendo como horizonte uma leitura comparativa com a legislação portuguesa, são observáveis, na tabela seguinte, alguns artigos e cânones, que, na sua construção e interpretação, fruto de uma leitura pessoal, se podem ligar. Todavia, esta exposição não tenta um levantamento rigoroso e exaustivo, mas situa-se num plano de articulação entre conteúdos explorados nestes dois tópicos, sobre o casamento na legislação portuguesa e o matrimónio no Código de Direito Canónico.

---

<sup>35</sup> Estes elementos são aprofundados mais à frente, quando se explorar a instituição sacramental do matrimónio.

**Tabela 2**

| <b>Código de Direito Canónico</b>   | <b>Legislação Portuguesa</b>  |
|---|---|
| <p>“O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os baptizados foi elevado por Cristo nosso Senhor à dignidade de sacramento” (CIC 1055, §1).</p>   | <p>“Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida...” (CC 1577).</p>           |
| <p>“As propriedades essenciais do matrimónio são a unidade e a indissolubilidade, as quais, em razão do sacramento, adquirem particular firmeza no matrimónio cristão” (CIC 1056).</p> <p>“Do matrimónio válido origina-se entre os cônjuges um vínculo de sua natureza perpétuo e exclusivo; no matrimónio cristão, além disso, são os cônjuges robustecidos e como que consagrados por um sacramento peculiar para os deveres e dignidade do seu estado” (CIC 1134).</p> <p>“O matrimónio rato e consumado<sup>36</sup> não pode ser dissolvido por nenhum poder humano nem por nenhuma causa além da morte” (CIC 1141).</p> <p>“Os cônjuges têm o dever e o direito de manter a comunhão da vida conjugal, a não ser que uma causa legítima os escuse” (CIC 1151).</p> | <p>“O divórcio dissolve o casamento e tem juridicamente os mesmos efeitos da dissolução por morte, salvas as excepções consagradas na lei” (CC 1788).</p> |
| <p>“Origina o matrimónio o consentimento entre pessoas hábeis por direito, legitimamente manifestado, o qual não pode ser suprido por nenhum poder humano” (CIC 1057, §1).</p>  | <p>“A vontade dos nubentes só é relevante quando manifestada no próprio acto da celebração do casamento” (CC 1617).</p>                                   |

<sup>36</sup> Sobre isto, “o matrimónio válido entre baptizados diz-se somente rato, se não foi consumado; rato e consumado, se os cônjuges entre si realizaram de modo humano o acto conjugal de si apto para a geração da prole, ao qual por sua natureza se ordena o matrimónio, e com o qual os cônjuges se tornam uma só carne” (CIC 1061, §1). E ainda, “celebrado o matrimónio, se os cônjuges tiverem coabitado, presume-se a consumação, até que se prove o contrário” (CIC 1061, §2).

|   |   |
|---|---|
| <p>“O consentimento matrimonial é o acto da vontade pelo qual o homem e a mulher, por pacto irrevogável, se entregam e recebem mutuamente, a fim de constituírem o matrimónio” (CIC 1057, §2).</p>  | <p>“A vontade de contrair casamento é estritamente pessoal em relação a cada um dos nubentes” (CC 1619).</p>  |
| <p>“Podem contrair matrimónio todos aqueles que não estejam proibidos pelo direito” (CIC 1058).</p>   | <p>“Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade” (CRP 36, §1).</p> <p>“O casamento católico só pode ser celebrado por quem tiver a capacidade matrimonial exigida na lei civil” (CC 1596).</p> <p>“Têm capacidade para contrair casamento todos aqueles em quem se não verifique algum dos impedimentos matrimoniais previstos na lei” (CC 1600).</p>                 |
| <p>“O consentimento interno da vontade presume-se conforme com as palavras ou sinais empregados ao celebrar o matrimónio” (CIC 1101, §1).</p>   | <p>“A declaração da vontade, no acto da celebração, constitui presunção não só de que os nubentes quiseram contrair o matrimónio, mas de que a sua vontade não está viciada por erro ou coacção” (CC 1634).</p>   |
| <p>“Somente são válidos os matrimónios contraídos perante o Ordinário do lugar ou pároco, ou o sacerdote ou o diácono delegado por um deles, e ainda perante duas testemunhas, segunda as regras expressas nos cânones seguintes e salvas as excepções referidos nos cân. 144, 1112 §1, 1116, 1127 §2-3” (CIC 1108, §1).</p> <p>“Entende-se por assistente ao matrimónio apenas aquele que, estando presente, solicita a manifestação do consentimento dos contraentes, e a recebe em nome da Igreja” (CIC 1108, §2).</p> <p>“Onde faltarem sacerdotes e diáconos, o Bispo diocesano, obtido previamente o parecer favorável da</p> | <p>“É indispensável para a celebração do casamento a presença:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Dos contraentes, ou de um deles e do procurador do outro;</li> <li>b) Do funcionário do registo civil ou, nos casos de casamento civil sob forma religiosa, do ministro do culto, devidamente credenciado;</li> <li>c) De duas testemunhas, nos casos em que é exigida por lei especial” (CC 1616).</li> </ul> |

|   |   |
|---|---|
| <p>Conferência episcopal e licença da Santa Sé, pode delegar leigos para assistirem a matrimónios” (CIC 1112, §1).</p> <p>“Escolha-se um leigo idóneo, capaz de instruir os nubentes e apto para realizar devidamente a liturgia matrimonial” (1112, §2).</p> |   |
| <p>“Ambos os cônjuges têm iguais deveres e direitos no concernente ao consórcio da vida conjugal” (CIC 1135).</p>   | <p>“O casamento baseia-se na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” (CC 1671, §1).</p> <p>“A direcção da família pertence a ambos os cônjuges, que devem acordar sobre a orientação da vida em comum tendo em conta o bem da família e os interesses de um e outro” (CC 1671, §2).</p> |

### 3. O sacramento do matrimónio cristão católico

A liturgia da Igreja transita entre o sacrifício eucarístico e os demais sacramentos (cf. CCE 1113). E fá-la na consciência da sua densidade de dom, no qual Cristo Se dá continuamente à Sua Esposa.<sup>37</sup> Nessa medida, e porque o núcleo deste estudo encontra-se no matrimónio cristão católico, é essencial traçar um caminho centrado neste sacramento. Como tal, o itinerário cruza não só com uma introdução ao conceito de sacramento, ainda que se tenha em conta a amplitude do tema, como também com uma leitura ao matrimónio na sua instituição sacramental, notando os dados fundamentais nessa área. Por conseguinte, como complemento ao estudo, recorre-se à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, em que se frisa algumas ideias, assim como ao ritual romano da celebração do matrimónio, com o intuito de propor ora um renovado olhar sobre a condução litúrgica deste sacramento, ora num contacto com os seus textos eucológicos, embora, e somente, com análise a uma das bênçãos nupciais previstas. Posto isto, segue-se o estudo *in concretum*, tendo em conta na reflexão a base litúrgica de Romano Guardini: “na liturgia não se trata principalmente de conceitos, mas de realidades. E não de

<sup>37</sup> Cf. CCE 1617: “Toda a vida cristã é marcada pelo amor sponsal de Cristo e da Igreja”.

realidades passadas, mas sim de realidades presentes, que se repetem continuamente em nós e por nós; de realidades humanas em figura e gesto”<sup>38</sup>.

### 3.1. Introdução sobre sacramento: conceito, símbolo e palavra

Um estudo do sacramento como *sinal visível da graça invisível*<sup>39</sup> implica uma abordagem não só ao nível do conceito de sacramento, num encontro da sua relação com *mysterion*, mas também, e sobretudo, ao mundo do simbólico, onde se movimenta a linguagem entre o visível e o invisível, e ao *verbum*, num horizonte de efetividade da celebração do sacramento. Deste modo, ruma-se a um estudo de introdução no campo da sacramentologia, a fim de servir como base orientadora na reflexão acerca do sacramento do matrimónio cristão católico. Por isso, não se tem como horizonte uma exposição densa e exaustiva, embora a complexidade do tema, mas algo mais concreto e conciso, fruto da experiência humana no mundo, sacramento cósmico<sup>40</sup>.

Primeiramente, *sacramentum* é tradução do primitivo termo grego *mysterion*, que, no seu plural, em *mysteria* se associava aos cultos místéricos pagãos. Como tal, e em vista à distinção dos conceitos de *sacramentum* e *mysteria*, sobretudo no Ocidente, deu-se mais relevo à tradução latina, de modo a desassociar o mundo do culto pagão com o Cristianismo.<sup>41</sup> Posto isto, mistério situa-se ao nível do desconhecido, da “intimidade do divino ou o segredo dos deuses”<sup>42</sup>. Numa perspetiva paulina, o mistério de Deus pauta-se pela comunicação da vontade divina de salvação através de Cristo. Efetivamente, “manifestou-nos o mistério da Sua vontade, e o plano generoso

<sup>38</sup> Romano Guardini, *Sinais Sagrados*, 2.<sup>a</sup> Ed. (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 9.

<sup>39</sup> Cf. Enrique Denzinger, *El Magisterio de la Iglesia. Manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de la Iglesia en materia de fe y costumbres. Versión directa de los textos originales por Daniel Ruiz Bueno* (Barcelona: Herder, 1963), §876; cf. Santo Agostinho, “A Cidade de Deus”, X, 3, in José de Leão Cordeiro (org.), *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio* (Fátima: Gráfica de Coimbra, 2003), 3330: “O sacrificio visível é o *sacramentum*, isto é, o sinal sagrado do sacrificio invisível”; cf. Santo Agostinho, “Cuestiones sobre el Heptateuco”, III, 84, in Olegario Garcia de la Fuente (org.), *Obras completas de San Agustín*, XXVII (Madrid: BAC, 1989), 444: *inuisibilis gratiae uisibilia sacramenta*.

<sup>40</sup> Cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir. Liturgia y sacramentos de la Iglesia* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003), 131; cf. Idem, “De la celebración a la teología: Qué es un sacramento?”, in idem (dir.), *La celebración en la Iglesia I. Liturgia y sacramentología fundamental*, 6.<sup>a</sup> Ed. (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006), 391-394.

<sup>41</sup> Cf. Ramón Arnau, *Tratado general de los sacramentos*, 5.<sup>a</sup> Ed. (Madrid: BAC, 2007), 35-37; cf. Tertuliano, “Sobre a prescrição dos hereges”, 40, in José de Leão Cordeiro (org.), *Antologia Litúrgica... op. cit.*, 672. Aqui, Tertuliano distingue os mistérios idólatricos dos sacramentos de Cristo, sublinhando a sua completa separação.

<sup>42</sup> Ramón Arnau, *Tratado general... op. cit.*, 38. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo.

que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo n'Ele o que há no céu e na terra" (Ef 1,9-10).<sup>43</sup> Por sua vez, este mistério assume-se como a intimidade do próprio Deus, revelada e à espera da resposta humana, na qual cada um é estimulado a reconhecer a provocação divina, assumindo na vida essa vida nova, deixando-se transformar e abrindo-se ao mistério.<sup>44</sup> Este mistério assume um rosto: o de "Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2,2-3).

Por seu lado, no mapa do termo *sacramentum*, este, numa leitura clássica, descobre-se em relação com o conceito de juramento, unido ao dinamismo de consagração à divindade.<sup>45</sup> Num ambiente de assimilação do termo *sacramentum*, Tertuliano é quem mais se destaca, no modo como reflete o sacramento do batismo no sentido de compromisso, pacto, promessa.<sup>46</sup> Segundo ele, "do cristão só se espera uma coisa... a confissão do seu nome"<sup>47</sup>. Já em Santo Agostinho, o sacramento ruma mais em vista ao mundo simbólico, no qual o sinal comunica-se numa tensão entre o visível e o invisível, o material e o espiritual, encontrando a sua eficácia no *verbum*, na aplicação da Palavra divina no *elementum* sacramental.<sup>48</sup> Posto este relevo em alguns dados,<sup>49</sup> o estudo segue-se na visão a outras leituras sobre sacramento, numa dinâmica de observação da sua riqueza teológica não só ao nível da fé individual, mas também, e em particular, eclesial, dado que os sacramentos edificam a Igreja.<sup>50</sup>

---

<sup>43</sup> Cf. Xabier Basurko, "La vida litúrgico-sacramental de la Iglesia en su evolución histórica", in Dionisio Borobio (dir.), *La celebración en la Iglesia I. Liturgia...*, op. cit., 85: "Mysterion é a história preparada em Deus, criador do mundo, inicialmente mantida em segredo e que chega ao seu cumprimento, 'na plenitude dos tempos', em Cristo Jesus. Forma parte essencial deste *mysterion* a existência de uma *oikonomia*, preparada pelo mesmo Deus, na qual este *mysterium* está já como revelado e realizado, mas, todavia, espera a sua definitiva consumação". Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo.

<sup>44</sup> Remete-se para o estudo sobre o mistério no *corpus paulino*: Ramón Arnau, *Tratado general...*, op. cit., 40-47.

<sup>45</sup> Cf. Michael Schmaus, *Teologia Dogmatica VI. Los Sacramentos* (Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 1961), 21; cf. Ramón Arnau, *Tratado general...*, op. cit., 64: "a palavra *sacramentum* na sua composição semântica estrutura-se sobre a raiz *sacrum-sacrare*, que significa santificar ou consagrar, o qual equivale a dedicar à divindade e, por ele, a sacralizar, a fazer sagrado mediante um rito ou símbolo o dom oferecido".

<sup>46</sup> Cf. Michael Schmaus, *Teologia Dogmatica...*, op. cit., 23; cf. Xabier Basurko, "La vida litúrgico...", op. cit., 85: "O termo, pois, não é uma criação de Tertuliano, mas foi este autor quem primeiro aplicou *sacramentum* ao batismo cristão como *sacramentum militae Christi*".

<sup>47</sup> Cf. Tertuliano. "Apologético", 2, in José de Leão Cordeiro (org.), *Antologia Litúrgica...*, op. cit., 589.

<sup>48</sup> Esta reflexão é retomada mais à frente, quando se explorar o *verbum* na ação sacramental.

<sup>49</sup> Realçou-se somente alguns elementos do pensamento de Tertuliano e Santo Agostinho, já que este estudo não objetiva a exaustão de informação, mas uma reflexão alicerçada com vista no matrimónio cristão católico. Como contributo a este nível: Ramón Arnau, *Tratado general...*, op. cit., 35-127.

<sup>50</sup> Cf. Santo Agostinho, "La ciudad de Dios", XXII, 17, in Jose Moran (org.), *Obras completas de San Agustín*, XVI-XVII (Madrid: BAC, 1958), 1675.

O conceito de sacramento não se confina só aos ritos litúrgicos, mas expande-se num leque de realidades como “Cristo, a Igreja, a Escritura, a Páscoa”<sup>51</sup>, entre outras. Assim, o sacramento é “a manifestação visível de um mistério ou um dom invisível de Deus”<sup>52</sup>. Com efeito, isto não indica que tudo é sacramento, mas sim e “só as realidades fundamentais da vida, e dentro delas, com especial significado, a dos sete ritos cristãos que marcam as situações nucleares da vida humana”<sup>53</sup>. Como tal, estes sete sacramentos são ritos expressivos da presença de Deus ao longo da vida dos crentes, nomeadamente no nascimento, na celebração do amor, na comunhão, na vulnerabilidade, na fidelidade ministerial e na confirmação/expressão da fé.<sup>54</sup> E já que Cristo é “o sacramento original, porque d’Ele dependem todas as outras realidades sacramentais”<sup>55</sup>, a Igreja é *sacramento de Cristo*, na medida em que nasce d’Ele (cf. SC 5) e, sem dúvida, tudo o que emana da Igreja é “de Cristo e Cristo é de Deus” (1 Cor 3,23). Logo, “o sacramento revela, comunica e expressa Deus presente nele”<sup>56</sup>.

Num segundo ponto, o sacramento está revestido de símbolo<sup>57</sup>, no qual o ser humano é desafiado a adentrar-se numa realidade à qual esse mundo simbólico o remete. Esta linguagem é-lhe acessível, visto que ele mesmo é simbólico e toda a sua linguagem, ao nível da relação com os outros, atravessa esse mundo. Na mesma base, o ser humano comunica-se com Deus na expressão de ritos, carregados de linguagem corporal e verbal (cf. CCE 1146). Nasce, então, o

---

<sup>51</sup> Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 125. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo.

<sup>52</sup> *Ibidem*.

<sup>53</sup> *Ibidem*, 126. Numa observação centrada na experiência humana, cf. Leonardo Boff, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos. Ensaio de Teologia Narrativa*, 28.<sup>a</sup> Ed. (Petrópolis: Editora Vozes, 2012), 23: “o dia a dia é cheio de sacramentos”, pelo que estes são “sinais que contêm, exibem, rememoram, visualizam e comunicam uma outra realidade diferente deles, mas presente neles”.

<sup>54</sup> Cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 132.

<sup>55</sup> *Ibidem*, 126.

<sup>56</sup> Leonardo Boff, *Os sacramentos da vida...*, *op. cit.*, 47.

<sup>57</sup> Cf. Manuel Joaquim Fernandes Costa, “Ritualidade simbólica e encarnação da fé”, *Theologica*, 2.<sup>a</sup> série, 42, 1 (2007) 53-54: “O verbo grego *symbollein* significa literalmente ‘lançar ou pôr em conjunto’. O substantivo *symbolè* designa em sentido lato, toda a ideia de junção, de reunião de contrato ou de pacto. O *symbolon* antigo é justamente um objecto cortado em dois dos quais cada uma das partes do contrato recebe uma metade. Cada uma das metades não tem evidentemente nenhum valor isoladamente e pode significar imaginariamente muita coisa. O seu valor simbólico está dependente da sua relação com a outra metade. É a comunicação das (duas) partes que faz o símbolo”; cf. Matias Augé, *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade* (Prior Velho: Paulinas, 2005), 89-90; cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 178. Como contributo no campo etimológico e teológico: Dionisio Borobio, “De la celebración a la teología...”, *op. cit.*, 409-434.

sacramento, onde o olhar individual, mas, sobremaneira, eclesial se abre ao mistério de Deus.<sup>58</sup> Ou seja, os símbolos sacramentais conduzem ao reconhecimento, efeito de uma interpelação.<sup>59</sup> Como dito anteriormente, os símbolos sacramentais não se reduzem aos ritos celebrativos, mas abrangem outras realidades, as quais, como pano de fundo, habitam ao nível do mistério, numa relação com a intimidade divina. A título de exemplo, a realidade criada é canal de comunicação divina com a humanidade: “o que é visível n’Ele – o Seu eterno poder e divindade – tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras” (Rm 1,20). E, neste lugar de revelação, o ser humano é convidado a relacionar-se com Deus.<sup>60</sup>

Como teologia simbólica, construída numa visão litúrgica-bíblica, o simples “lavar e ungir, partir o pão e partilhar o cálice podem exprimir a presença santificante de Deus e a gratidão do homem diante do seu Criador” (CCE 1148). Mais, “não são o pão e o vinho ‘em si’ que são símbolos, mas a sua determinação como alimento para a vida humana. Verdadeiro símbolo é, por conseguinte, o facto de comer, que, para o homem, sempre constitui algo mais que uma mera ingestão de alimentos”<sup>61</sup>. E este alimento é, em si, símbolo de comunhão, de unidade, de comunicação, de distribuição. Em concreto, e porque o foco deste estudo está no sacramento do matrimónio, a trama das bodas de Caná (cf. Jo 2,1-12)<sup>62</sup>, narrada no Evangelho segundo São João como sinal inaugural da revelação de Jesus Cristo como Filho de Deus, abre o horizonte da festa sem alegria, pois “não há vinho” (v.3), para a comunhão nupcial entre Deus e o Seu povo.<sup>63</sup> Esta linguagem nupcial não é estranha à gramática de Israel, uma vez que, ao longo do

---

<sup>58</sup> Cf. Romano Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 2.<sup>a</sup> Ed. (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 33: “A liturgia não é obra do indivíduo, mas da totalidade dos fiéis. Esta totalidade não resulta apenas da soma de pessoas que se encontram na igreja em determinado momento, e também não é apenas a ‘assembleia’ reunida. Ela ultrapassa todos os limites de um espaço determinado e abarca todos os crentes da terra inteira. Ultrapassa igualmente os limites do tempo, enquanto a comunidade que ora na terra se sente uma só coisa com os bem-aventurados que vivem na eternidade”.

<sup>59</sup> Cf. Manuel Joaquim Fernandes Costa, “Ritualidade simbólica...”, *art. cit.*, 54. Como complemento a este nível, leia-se em Matias Augé, *Liturgia. História...*, *op. cit.*, 89: “a celebração só pode ser pensada e realizada como operadora de comunicação e de comunhão”.

<sup>60</sup> Cf. Ramón Arnau, *Tratado general...*, *op. cit.*, 181.

<sup>61</sup> Walter Kasper, *La liturgia de la Iglesia*, vol. 10 (Espanha: Sal Terrae, 2015), 90. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo.

<sup>62</sup> Como contributo na área bíblica: cf. Xavier Léon-Dufour. *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 1-4 I* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1989), 162-194.

<sup>63</sup> Cf. PP. Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 5.<sup>a</sup> Ed. (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), 318: “a hora das núpcias de Deus com o Seu povo começou com a vinda de Jesus. A promessa escatológica irrompe no presente”.

Antigo Testamento, são vários os escritos<sup>64</sup> que retratam a relação esponsal entre Deus e Israel, selada na aliança: “caminharei no meio de vós, serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (Lv 26,12).

Neste seguimento, abre-se uma nova hipótese de entendimento daquilo que alude o “ainda não chegou a minha hora” (Jo 2,4) de Jesus Cristo. De facto, esta “hora” encontra o seu âmago no mistério pascal, em que Cristo dá a Sua vida, não porque a tiram, mas porque Ele a dá e a dá em abundância<sup>65</sup> (cf. 10,10.18). Tal como do Seu lado nasce a Igreja, Sua esposa (cf. 19,34), simbolizada nessa abertura sacramental, de onde jorra a água e o sangue, assim também, no matrimónio de Caná, Jesus Cristo, por meio da transformação da água em vinho, antecipa e abre o véu da concretização escatológica da nova Aliança entre Deus, em Cristo, e o Seu Povo.<sup>66</sup> É o anúncio das bodas do Cordeiro (cf. Ap 19,9). Por sua vez, é também desse lado aberto que se adentra no mistério divino, tipificado nos sacramentos do Batismo, onde se é integrado numa mesma fé e esperança, e da Eucaristia, memorial da oblatividade divina e provocação ao *ide e ensinai todos os povos* (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15). Sem dúvida, “Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino de louvor” (SC 83). Ou seja, em Cristo, “mediador de uma nova aliança” (Heb 9,15), sumo sacerdote e vítima<sup>67</sup> oferecida uma só vez e uma vez para sempre

---

<sup>64</sup> Dentro de muitos textos, optou-se por este: “Serás como uma coroa brilhante nas mãos do Senhor, e um diadema real nas mãos do teu Deus. Não serás mais chamada a ‘Desamparada’, nem a tua terra será chamada a ‘Deserta’; antes, serás chamada: ‘Minha Dilecta’, e a tua terra a ‘Desposada’, porque o Senhor elegeu-te como preferida, e a tua terra receberá um esposo. Assim como um jovem se casa com uma jovem, também te desposa aquele que te reconstrói. Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus” (Is 62,3-5).

<sup>65</sup> Cf. PP. Bento XVI, *Jesus de Nazaré...*, *op. cit.*, 318: “O sinal de Deus é a superabundância”.

<sup>66</sup> Cf. *Ibidem*, 315-319.

<sup>67</sup> A este propósito, veja-se a construção do prefácio pascal V: “Senhor, Pai Santo, Deus eterno e onipotente, é verdadeiramente nosso dever e nossa salvação que sempre Vos louvemos, mas com maior solenidade neste tempo, em que Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Pela oblação do seu Corpo na Cruz, levou à plenitude os sacrifícios antigos e, entregando-Se a Vós pela nossa salvação, tornou-se Ele mesmo o sacerdote, o altar e o cordeiro”.

(*ephápax*)<sup>68</sup>, dá-se a liturgia do encontro, da comunicação sempre atual (*hosákis*) entre Deus e a humanidade.<sup>69</sup>

Num terceiro ponto, o sacramento e a palavra são fragmentos do mesmo todo movimento litúrgico da Igreja. Segundo Walter Kasper, estes “constituem um todo abarcador. Representam duas faces de uma unidade, dois elementos de uma totalidade”<sup>70</sup>. Já Santo Agostinho, numa reflexão sobre o sacramento do Batismo, observa: “suprime a palavra, e a água é simplesmente água. Mas, se juntarmos a palavra ao elemento, há sacramento, que é também ele como que uma palavra visível”<sup>71</sup>. Contudo, este dinamismo não basta, dado que a palavra em si está vazia. Logo, é essencial que este *verbum* ganhe corpo, na medida em que se torna palavra acreditada. Na verdade, retomando a reflexão de Santo Agostinho, este continua: “donde recebe a água esta grande força, que, ao mesmo tempo que toca o corpo, lava o coração? Vem da palavra, não enquanto pronunciada, mas enquanto acreditada. Na palavra, uma coisa é o som transitório, e outra, o efeito que permanece”<sup>72</sup>. Portanto, “o sacramento é um *verbum visibile*, uma palavra corporizada, condensada num sinal”<sup>73</sup>.

---

<sup>68</sup> Este conceito une-se à categoria de *kairós*, isto é, de tempo favorável, o qual chega à sua plenitude na Encarnação do Verbo na história humana, tornando-a salvífica, ainda que, ao longo do Antigo Testamento, se narre os diversos modos de revelação e ação de Deus. Com efeito, em Cristo, a história chega ao seu pleno, embora isto não signifique uma completude cronológica (*krónos*), mas sim uma consumação plena do tempo, transformando-o em tempo favorável (*kairós*), em dia de salvação (cf. 2 Cor 6,2). Dito de outro modo, este tempo não estagnou em Cristo, mas prolonga-se e atualiza-se no *já* da Igreja, peregrina e em vista à Jerusalém Celeste, *ainda não* revelada. Nesta atualização do evento crístico, o centro encontra-se na Eucaristia, onde se celebra o mistério pascal como *anamnese* da paixão, morte e ressurreição. Este mistério deu-se uma vez para sempre, mas que se estende por todo o tempo (*ephápax*) (cf. Rm 6,10; Heb 7,27; 9,28; 1 Pe 3,18). A este movimento une-se também a atualização desse mistério (*hosákis*) em cada celebração sacramental: “porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1 Cor 11,26). Cf. Julian Lopez Martin, *La Liturgia de la Iglesia. Teología, historia, espiritualidad y pastoral*, 2.ª Ed. (Madrid: BAC, 1996), 19-30.

<sup>69</sup> Cf. Leonardo Boff, *Os sacramentos da vida...*, *op. cit.*, 64: “Pelo homem-Jesus se vai a Deus e pelo Deus-Jesus se vai ao homem. Ele é caminho e termo final do caminho. Nele se encontram os dois movimentos, ascendente e descendente: por um lado é a expressão palpável do amor de Deus (movimento descendente) e por outro é a forma definitiva do amor do homem (movimento ascendente)”.

<sup>70</sup> Walter Kasper, *La liturgia...*, *op. cit.*, 99. Pode-se ler em Christian Duquoc, «*Creo en la Iglesia*». *Precariedad institucional y Reino de Dios* (Santander: Sal Terrae, 2001), 162: “O rito sacramental não é separável da Palavra: está habitado e animado por ela. Com efeito, é ela a que abre o gesto ritual à transcendência”. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo.

<sup>71</sup> Santo Agostinho, “Tratados sobre o Evangelho de João”, LXXX, 3, in José de Leão Cordeiro (org.), *Antologia Litúrgica...*, *op. cit.*, 3303. Sublinhe-se o núcleo deste texto na sua redação original: *Accedit verbum ad elementum, et fit sacramentum*.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

<sup>73</sup> Walter Kasper, *La liturgia...*, *op. cit.*, 97.

Como teologia simbólica, construída numa visão litúrgica-bíblica acerca desta relação, tal como é feita acima sobre o casamento em Caná, observe-se a trama entre Jesus Cristo e os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-33)<sup>74</sup> e como estes O reconheceram ao partir do pão. De facto, o início desta trama começa com uma conversa/discussão entre os dois discípulos acerca do que acontecera em Jerusalém (cf. vv.13-14): a palavra dos dois não está revestida de símbolo, isto é, não é palavra *simbólica* (união), mas sim palavra *diabólica* (separação). Os seus olhares só estão projetados no que tinha acontecido: numa morte sem abertura de um futuro, uma morte no vazio. Porém, a meio do caminho, Jesus aproxima-se deles e com eles toma parte na mesma viagem, mas estes “estavam impedidos de o reconhecer” (v.16). De seguida, Ele questiona-os acerca da razão da sua conversa e, a partir dali, desafia-os constantemente a um trajeto inverso, de volta a Jerusalém. Aqui tudo é referido: desde a vida pública de Jesus de Nazaré, visto como um “profeta poderoso em obras e palavras” (v.19), até à confissão de que este seria aquele que “viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas” (v.21). Por fim, rematam com “alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas, a Ele, não o viram” (v.24).

No seguimento desta dinâmica, Jesus toma a palavra, advertindo-os para o que está contido nas Escrituras. Não só os chama à atenção, como também faz caminho, torna-se viajante com eles, numa explicação a todas elas, “começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas” (v.27). No final deste caminho de elucidação da Palavra de Deus, numa atitude de hospitalidade, Jesus é convidado a ficar com eles. E é, neste momento da trama, onde *elementum* e *verbum* se tornam *sacramentum*. Ora, “quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então os seus olhos abriram-se e reconheceram-no” (vv.30-31). Ora, não O reconheceram só pela toma do pão, mas numa ordem litúrgica do *tomar*, do *pronunciar*, do *partir* e do *entregar*, estimulando a memória dos discípulos ao que havia sucedido no dia da

---

<sup>74</sup> Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio según Lucas IV* (Madrid: Ediciones Cristiandad, S.A., 2005), 570-599; François Bovon, *El Evangelio según San Lucas. Lc 19,28-24,53 IV* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010), 619-652.

instituição da Eucaristia (cf. 22,19-20). Então, “o conjunto de matéria e palavra caracterizam...o sinal sacramental como ação”<sup>75</sup>. E é, em virtude desta ação do sacramento, robustecida pelos gestos e palavras do Senhor, que Ele abre os olhos dos Seus fiéis na mesa da Palavra, mas da Palavra feita pão e vinho. Ele é a Palavra, o *Logos*, que Se fez Carne; Ele habita no meio da humanidade (cf. Jo 1,14), pela Sua Esposa e Corpo, que é a Igreja, fazendo-se presente na vida litúrgica, sobremaneira na Escritura e nos sacramentos.<sup>76</sup>

Por sua vez, esta ação sacramental, revestida pelo estilo de Jesus Cristo,<sup>77</sup> não é entendida como obra humana, mas como dom divino em Cristo e dinamizado na força do Espírito Santo.<sup>78</sup> A eficácia encontra-se em Cristo, que, como mediador e sumo sacerdote, celebra e opera em cada sacramento (cf. CCE 1127). Ou seja, significa que “a acção dos sacramentos é *ex opere operato*” (CCE 1128), isto é, a graça é concedida ao crente pelo ato celebrado, e não está em causa a eficácia sacramental, pelo que o estado do ministro ou de quem recebe o sacramento não é relevante.<sup>79</sup> Com efeito, “os frutos dos sacramentos dependem também das disposições daquele que os recebe” (CCE 1128). Isto significa que, de um lado, a ação sacramental é sempre graça, na medida em que Deus dá sempre o seu dom salvífico; de outro, esta ação sacramental estimula a uma resposta efetiva por parte do recetor, no qual o sacramento se torna visivelmente frutuoso, ou não. “Deus não impõe os seus sacramentos, oferece-os. Daí que os sacramentos suponham um exercício de liberdade, em correspondência sempre com aquele ato radical que comprometeu a mesma liberdade no batismo, e que supõe o compromisso com a aceitação dos

---

<sup>75</sup> Michael Schmaus, *Teologia Dogmatica...*, *op. cit.*, 46.

<sup>76</sup> Cf. PP. Leão Magno, “Sermões para a Ascensão”, II, 3, in José de Leão Cordeiro (org.). *Antologia Litúrgica...*, *op. cit.*, 4340: “o que na vida do nosso Redentor era visível passou para os ritos sacramentais”; cf. Christian Duquoc, «*Creo en la Iglesia*»..., *op. cit.*, 162: “O horizonte da Palavra sacramental está fixado na Palavra escrita”. Desse modo, “ao fecundar o gesto ritual, a Palavra manifesta a sua eficácia: o sacramento revela, assim, a energia potencial da Escritura”.

<sup>77</sup> Este conceito é utilizado por Christoph Theobald na referência aos gestos, palavras e ações de Jesus.

<sup>78</sup> E, por isso, a Igreja só é capaz de louvar e agradecer esse dom divino: “É nosso dever, é nossa salvação”.

<sup>79</sup> Cf. Christian Duquoc, «*Creo en la Iglesia*»..., *op. cit.*, 161: “Não é o ministro quem batiza, quem santifica, mas Cristo”; cf. Leonardo Boff, *Os sacramentos da vida...*, *op. cit.*, 92-93: “A presença da graça divina no sacramento não depende da santidade, seja daquele que administra o sacramento, seja daquele que o recebe. A *causa* da graça não é o homem e seus méritos. Mas unicamente Deus e Jesus Cristo. Daí dizer-se: o sacramento age *ex opere operato*, quer dizer, uma vez realizado o rito sacramental, colocados os sagrados símbolos, Jesus Cristo age e se torna presente”. E ainda, “a graça acontece no mundo sempre vitoriosa, independentemente da situação dos homens”.

sacramentos. Um compromisso que é chamado a renovar-se em cada celebração sacramental, já que nela se me oferece algo pessoalmente, que me afeta no mais íntimo do meu ser e me compromete”<sup>80</sup>. Nesse sentido, “toda a celebração sacramental é um acontecimento de fé”<sup>81</sup>.

Em síntese, “os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dada a vida divina. Os ritos visíveis, com os quais são celebrados os sacramentos, significam e realizam as graças próprias de cada sacramento; e dão fruto naqueles que os recebem com as disposições requeridas” (CCE 1131). De facto, “a graça da vida tende a expressar-se no sacramento. A graça do sacramento tende a realizar-se na vida”<sup>82</sup>.

### 3.2. Instituição sacramental do matrimónio

“Para o crente, o matrimónio é um acontecimento profundamente humano, mas não se reduz a ser um acontecimento simplesmente natural. O matrimónio não foi ‘inventado’ pelos cristãos, mas os cristãos vivem de forma nova o matrimónio”<sup>83</sup>. E que forma é esta? É a de sacramento.<sup>84</sup> Tendo em conta esta afirmação introdutória, no subponto atual, o foco encontra-se nos fundamentos do matrimónio como sacramento cristão católico. Contudo, uma análise a este com uma simples referência à relação sponsal entre Cristo e a Igreja ficaria muito aquém do objetivo do estudo. Por isso, é fulcral uma leitura à génese do matrimónio, situada na criação (cf. Gn 1,26-2,4a; 2,4b-24), e ao seu fundo dinâmico, ordenado na aliança entre Deus e o Seu povo (cf. Lv 26,12). Como remate, em vista à consumação destes últimos temas, a celebração do sacramento do matrimónio entre o homem e a mulher como imagem atualizadora, embora imperfeita, da relação entre Cristo e a Igreja, Sua Esposa e Corpo (cf. Ef 5,25-32).<sup>85</sup>

---

<sup>80</sup> Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 162.

<sup>81</sup> *Ibidem*; cf. SC 59: “os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé”.

<sup>82</sup> Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 155.

<sup>83</sup> Dionisio Borobio, “Matrimonio”, in Dionisio Borobio (dir.), *La celebración en la Iglesia II. Sacramentos* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988), 535. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo.

<sup>84</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>85</sup> Cf. Matias Augé, *Liturgia. História...*, *op. cit.*, 192-193: “o Matrimónio situa-se, antes de mais, no quadro da criação, com o qual é o próprio facto natural que se converte num facto salvífico. O Matrimónio celebrado é criação

Numa linha inicial, “Deus criou o ser humano à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,26-27). Ora, esta imagem divina *impressa* no ser humano revela-se como a *expressão* da capacidade mais íntima do humano: *ser-para-a-relação*. E, neste dinamismo de comunicação humana, Deus revela-Se como comunhão de amor.<sup>86</sup> Aliás, “Deus é amor” (1 Jo 4,8). Neste sentido, “a vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher” (CCE 1603), pelo que “o próprio Deus é o autor do matrimónio” (GS 48). Por seu lado, o outro relato bíblico da criação (cf. Gn 2,4b-24) coloca no centro da sua narração o *adam*’, o ser formado do pó da terra (*adamah*’) e insuflado com o sopro de Deus (*neshamah*’) (cf. v.7). Não obstante esta centralidade em *adam*’, o relato encontra o seu cume na criação da mulher, que surge como resposta à solidão do homem (cf. v.18). Desta forma, manifesta-se a vontade divina na aliança matrimonial entre os dois. Mais, “da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem” (v.22) e é, nesse encontro, que surge, pela primeira vez, a linguagem de *adam*’, uma vez que, até então, ele mesmo ainda não se tinha reconhecido como linguagem. De facto, só neste encontro é que ele se chama a si de *ish*’, isto é, de homem, face à *ishah*’, a mulher.<sup>87</sup>

Todavia, este relato não termina nesse encontro mútuo, onde se salienta a mesma natureza humana do homem e da mulher (v.23),<sup>88</sup> mas encaminha-se para o seu núcleo, isto é, a ação de aliança entre os dois: “...o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois

---

de Deus; faz parte do grande desígnio surgido do amor de Deus. A seguir, o Matrimónio é visto no quadro da aliança: a aliança é uma iniciativa que parte do amor gratuito de Deus, o qual, no Matrimónio, chama precisamente ao amor. O caminho salvífico da aliança ‘Deus-povo’ alcança a sua síntese expressiva na aliança ‘Cristo-Igreja’ e, portanto, também o Matrimónio é plenamente tal quando exprime realmente a união esponsal entre Cristo e a Igreja”.

<sup>86</sup> Cf. Bernard Sesboué, *Invitación a creer. Unos sacramentos creíbles y deseables* (Madrid: San Pablo, 2010), 404: “A alteridade sexual é uma imagem da alteridade misteriosa que existe entre as pessoas divinas”. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo; cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 454: “O matrimónio, que tem como essência a relação interpessoal entre homem e mulher no amor, é todo ele como uma gramática aberta sobre Deus, como o grito de Deus desde as fibras mais fundas e as inclinações mais profundas do ser humano”; cf. AL 11: “O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente”.

<sup>87</sup> Cf. José Granados, *Una sola carne en un solo espíritu. Teología del matrimonio* (Madrid: Ediciones Palabra, 2014), 74; cf. Walter Kasper, *La liturgia...*, *op. cit.*, 437: “A mulher é, de todos os seres vivos, o único ‘tu’ no qual o homem se reconhece, no qual se encontra a si mesmo”.

<sup>88</sup> Cf. Bernard Sesboué, *Invitación a creer...*, *op. cit.*, 400: “Entre o homem e a mulher tudo é parecido e tudo é diferente, desde a constituição da célula elementar até às formas mais elevadas da vida afetiva e espiritual”; cf. Walter Kasper, *La liturgia...*, *op. cit.*, 437.

serão uma só carne” (v.24).<sup>89</sup> Ora, nesta dinâmica do desde “a carne da *minha* carne” (v.23) ao “serão os dois *uma só* carne” (v.24), abre-se um novo movimento: desde a origem a um destino futuro. É a descoberta do novo ser que se abre à relação.<sup>90</sup> E, nesta base, desvela-se o horizonte do matrimónio na sua unicidade, ou seja, esta individuação de *uma só* carne manifesta o âmago do amor na sua exclusividade, totalidade e fecundidade. Nesta entrega de *si* na sua totalidade, como identidade única e irrepetível, a um *tu*, desenvolve-se um dinamismo de semelhante forma de comunicação única, que se liga à capacidade de uma total dedicação a esse *tu*.<sup>91</sup> Em síntese, “ao ‘só para ti’ une-se o ‘sempre para ti’”<sup>92</sup>.

Numa linha seguinte, a unicidade e indissolubilidade do matrimónio baseiam-se na imagem não só dessa vontade original do matrimónio, mas também da aliança selada entre Deus e o Seu povo (cf. Lv 26,12). Efetivamente, “o matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano” (DCE, 11). Por isso, o matrimónio constrói-se nesta certeza ora da exclusividade, ora da indissolubilidade, as quais não são um *não* perpétuo, mas a excelência do *sim*, alicerçado na fidelidade de Deus face a um povo, nem sempre fiel. Logo, o amor também exige a misericórdia, à imagem do Deus misericordioso (cf. Os 11,1-11). É o coração transbordante de amor, é um coração de carne (cf. Ez 36,26).

Numa lógica concreta, no livro do Profeta Oseias, é possível ler: “Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus mais que os holocaustos” (Os 6,6). A esta luz, é essencial uma clarificação em dois sentidos: de um lado, o livro do Profeta Oseias é todo ele desenvolvido como um retrato da relação entre Deus e Israel, tecida entre a fidelidade de Deus

---

<sup>89</sup> Cf. José Granados, *Una sola carne...*, *op. cit.*, 74: “No encontro com Eva a linguagem nasce também como verbo que indica uma ação e, desta forma, abre uma rota: ‘carne *da* minha carne’, ‘do homem *foi tomada*...’, ‘*deixará* o homem o seu pai e a sua mãe...’, ‘*se unirá* à sua mulher...’, ‘*serão* uma carne’. Expressam-se aqui relações de origem e destino”. Todas as traduções desta obra para língua portuguesa é de inteira responsabilidade do autor deste estudo; cf. AL 13: “O fruto desta união é ‘tornar-se uma só carne’, quer no abraço físico, quer na união dos corações e das vidas, e, porventura, no filho que nascerá dos dois e, em si mesmo, há-de levar as duas ‘carnes’, unindo-as genética e espiritualmente”.

<sup>90</sup> Cf. José Granados, *Una sola carne...*, *op. cit.*, 76.

<sup>91</sup> Cf. *Ibidem*, 154.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

e a idolatria de Israel; de outro, numa perspectiva bíblica, o conhecimento de Deus significa não só o amor a Deus, como ainda a comunhão com Ele. Então, o desconhecimento de Deus, com ausência da recordação do Seu nome, significa a rutura com a aliança selada. A fim de retomar essa comunhão, Deus vê como necessário o esquecimento de todos os nomes que não o Seu (cf. 2,19). Só assim se torna possível uma nova união, o *desposar-te-ei* divino, onde Se conhece o Senhor (cf. v.22). Como resultado da retoma dessa comunhão, tudo volta à sua ordem normal, no qual habita a reconciliação e a abertura à fertilidade (cf. vv.23-25). Assim, a misericórdia de Deus face a Israel reflete essa intrínseca abertura do sacramento do matrimónio à reconciliação, à fertilidade, à afirmação do *sim* indestrutível e exclusivo. Além disso, a consumação da aliança entre Deus e Israel, sobretudo neste ambiente sobre o olhar misericordioso de Deus, encontra-se na dádiva de Cristo pela Sua Esposa e Corpo, a Igreja, sacramento de salvação para toda a humanidade (cf. CCE 1612; LG 48).<sup>93</sup>

Numa linha final, o matrimónio cristão atualiza historicamente o dom da fidelidade, da aliança e do amor de Deus pela humanidade no rosto de Seu Filho, Jesus Cristo.<sup>94</sup> Com efeito, “Cristo não institui o matrimónio, o qual teve lugar já na criação, mas ‘elevou-o’ à dignidade de sacramento”<sup>95</sup>. Desta maneira, sustenha-se a reflexão, de forma a reaver um elemento sobre a vontade divina na instituição original do matrimónio na criação. Portanto, é dito que a mulher (*ishah*) foi formada a partir da costela do homem (*ish*) (cf. Gn 2,22). A este respeito, Santo Agostinho observa: “tal como a mulher foi formada do lado de Adão que dormia, assim do lado do Senhor adormecido, isto é, que morria na Paixão, ao ser ferido com a lança, quando estava

---

<sup>93</sup> Cf. LF 19: “se Israel recordava os grandes atos de amor de Deus, que formavam o centro da sua confissão e abriam o horizonte da sua fé, agora a vida de Jesus aparece como lugar da intervenção definitiva de Deus, a suprema manifestação do seu amor por nós”; cf. Walter Kasper, *La liturgia...*, *op. cit.*, 441: “a fidelidade humana é imagem da fidelidade divina e participação nela. Esta fidelidade de Deus ao Seu povo revelou-se plenamente em Jesus Cristo; traduz-se no vínculo da fidelidade entre Cristo e a Igreja”.

<sup>94</sup> Cf. Walter Kasper, *La liturgia...*, *op. cit.*, 476; cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 470: “...este amor de Deus aos homens teve o seu centro e o seu ponto culminante em Cristo, na sua paixão-morte e ressurreição, no mistério pascal. Por isso, os que se ‘casam no Senhor’ representam e atualizam, sobretudo, este acontecimento pascal, no qual é-nos dada a chave de interpretação do sacramento cristão”. E ainda, “...pode dizer-se que o amor pascal é a verdadeira graça do sacramento do matrimónio. E que o matrimónio é como um ‘memorial’ permanente desta graça pascal”.

<sup>95</sup> Dionisio Borobio, “Matrimonio” ..., *op. cit.*, 553.

na cruz, brotaram os sacramentos com os quais formou a Igreja”<sup>96</sup>. Então, da costela de Adão é antecipado o mistério do lado aberto de Cristo, do qual nasce a Igreja, Sua Esposa e Corpo. Assim, tal como o homem reconhece na mulher a mesma natureza humana, a Igreja reconhece-se como Corpo de Cristo, tendo por cabeça o mesmo Cristo (cf. Ef 5,23; Cl 1,18).

Em harmonia com esta reflexão, a analogia paulina avança ao nível da submissão, isto é, “como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo” (Ef 5,24). Com efeito, esta submissão não é sinónimo de escravidão, ou uma obediência cega, mas é a resposta livre ao *como* do amor do Senhor pela Sua Igreja (cf. v.25).<sup>97</sup> Por outro lado, os maridos são chamados a amar as suas mulheres *como* Cristo amou a Igreja (cf. v.25). E onde se situa este *como*? No mistério pascal, nessa entrega *por* ela (cf. v.25), a Igreja, na oblatividade exclusiva, eterna e total.<sup>98</sup> Mais adiante, São Paulo desafia os homens a amarem as suas mulheres “como ao seu próprio corpo” (v.28), pelo que deve alimentá-lo e cuidá-lo, “como Cristo o faz à Igreja” (cf. v.29). Todo este texto é um *crescendo* desde o matrimónio na sua origem entre Adão e Eva (abertura ao mistério) até à união plena entre Cristo e a Igreja (mistério realizado), anunciada já na criação, continuando essa consumação na celebração do sacramento do matrimónio entre homem e mulher (mistério atualizado).<sup>99</sup>

Em conclusão, Jesus Cristo é fundamento e fundador do sacramento do matrimónio cristão. Ora, é fundamento, de modo que “Jesus, na sua vida e na sua morte, é a nova aliança, definitiva e eterna, entre Deus e sua Igreja; aliança que cria uma comunhão perfeita sem deixar de respeitar escrupulosamente a alteridade da esposa”<sup>100</sup>. Ora, é fundador, na forma em que não só confirma

---

<sup>96</sup> Santo Agostinho, “Comentários aos Salmos”, 138, 2, in José de Leão Cordeiro (org.), *Antologia Litúrgica...*, *op. cit.*, 3230.

<sup>97</sup> Cf. Dionisio Borobio, “Matrimonio”..., *op. cit.*, 555: “esta submissão... não se baseia numa posição de poder do marido, nem na inferioridade da mulher, mas no amor que se enraíza no mesmo amor de Cristo, que sendo certamente a ‘cabeça’ (κεφαλή), é também o ‘salvador’ do corpo (σωτήρ)”.

<sup>98</sup> Cf. *Ibidem*: “A relação do amor Cristo-Igreja aparece não só como ponto de comparação, mas também como fundamento (καθώς = ‘como’ e ‘porquê’) da relação de amor do homem à mulher”.

<sup>99</sup> Cf. *Ibidem*, 556; cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para viver...*, *op. cit.*, 462: “O matrimónio cristão está chamado a ser uma atualização, uma representação do matrimónio de amor de Cristo e da Igreja, da união definitiva de Cristo com a Igreja. Por isso, o matrimónio cristão pode considerar-se como verdadeiro símbolo sacramental, que remete e realiza em si a realidade simbolizada. Não se trata de um símbolo que nos leve só a um melhor conhecimento da realidade que simboliza, mas de um símbolo que realiza o que significa, que o faz presente”.

<sup>100</sup> Bernard Sesboué, *Invitación a creer...*, *op. cit.*, 403.

a instituição divina do matrimónio, retomando a sua génese (cf. Mt 19,4-6; Mc 10,6-8), como também acrescenta, reafirmando a indissolubilidade deste sacramento: “...o que Deus uniu não o separe o homem” (Mt 19,6; Mc 10,9).<sup>101</sup> E pode fazê-lo, já que não só Ele é o *Logos* (cf. Jo 1,1-18), como ainda Ele assume em si este valor do matrimónio na Sua entrega total pela Igreja.

### 3.3. *Apontamentos sobre a Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*<sup>102</sup>

*Amoris Laetitia*, a Alegria do Amor. A função de genitivo assumido pelo termo *amor*, dado que é a alegria do amor, e não o amor da alegria, renova o olhar no sentido em que, de facto, o amor exala, faz jorrar, emana alegria. Esta alegria que não é solitária, mas comunitária, porque vivida em comunhão. Esta alegria provinda daquele vinho novo, o último e mais saboroso, da relação matrimonial (cf. Jo 1,9-10). É nesta dinâmica pela qual a exortação se faz atravessar: de uma fundamentação teológica a um cuidado e ternura face a esta força que movimenta a vida eclesial, a família (cf. AL 88), contando com todas as suas dificuldades e desafios (cf. AL 291). Assim, com recurso a esta exortação, intenta-se a abertura de um novo olhar sobre o sacramento do matrimónio e tudo o que nele se insere.

Num primeiro elemento, “o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31) e, nessa perspetiva, é essencial cuidar desta realidade desde a sua génese sacramental, o matrimónio. Mais que um fardo, este sacramento é um caminho dinâmico, cheio de desafios e propostas, vivido a dois (cf. AL 37). Contudo, a dificuldade na sociedade hodierna situa-se na lógica de uma força consumista, onde tudo é descartável, até ao nível das relações humanas (cf. AL 39). Sendo assim, o compromisso torna-se, muitas vezes, embaraçoso e, de certa forma, é uma realidade a fugir.<sup>103</sup> Como combate a esta visão, “precisamos de encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde

---

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>102</sup> A *Amoris Laetitia* é fruto de dois sínodos, convocados pelo Papa Francisco em outubro de 2014 e de 2015, centrados no tema da família, tendo em conta, na sua base sacramental, o matrimónio.

<sup>103</sup> Cf. Zygmunt Bauman, *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* (Lisboa: Relógio d'Água, 2006), 12: “...o compromisso, e em particular o compromisso a longo prazo, é a maior armadilha a ser evitada no esforço por se ‘relacionar’”.

são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio do matrimônio” (AL 40). É um desafio aberto a muitas condições externas, as quais dificultam não só a vivência do sacramento, como também a realização do mesmo: desde as dificuldades socioeconômicas, como falta de casa ou a exigência da migração, até às propostas contra a dinâmica da família, onde deixa de habitar a fidelidade, o compromisso, a abertura à vida e o alimento das relações (cf. AL 41-53).

Num segundo elemento, o matrimônio só pode ser compreendido e saboreado no mistério da oblatividade amorosa de Cristo pela Igreja (cf. AL 59).<sup>104</sup> Como tal, o matrimônio é chamado a ser imagem dessa oblatividade, não obstante os seus limites, a sua imperfeição (cf. AL 72). Porém, nesta relação entre Cristo-Igreja e homem-mulher, o dinamismo não fica só na imagem, mas também, e sobremaneira, na ação atual de Cristo na vida matrimonial: “o sacramento não é uma ‘coisa’, nem uma ‘força’, mas o próprio Cristo” (AL 73). E é esta força do amor de Cristo que provoca os esposos a abrirem-se à vida, à fecundidade do seu amor, na medida ora de um novo ser, que brota desse amor,<sup>105</sup> ora numa vida fecunda à luz das relações humanas e no serviço ao outro nos mais diversos âmbitos.<sup>106</sup> Aliás, “desde o início, o amor rejeita qualquer impulso para se fechar em si mesmo, e abre-se a uma fecundidade que o prolonga para além da sua própria existência” (AL 80). Por isso, o amor vivido entre homem e mulher, dois *numa só carne* (cf. Gn 2,24), estimula a vida eclesial, uma vez que o seu amor é aberto e, *per si*, dinâmico

---

<sup>104</sup> Sobre isto, remete-se ao estudo do subponto anterior acerca da instituição sacramental do matrimônio, onde se desenvolve o matrimônio como uma realidade instituída na criação, entre as figuras de Adão e Eva, plenificada na entrega de Cristo pela Igreja e atualizada esta consumação em cada matrimônio celebrado, através da Igreja, entre homem e mulher.

<sup>105</sup> Cf. CCE 2366: “O filho não vem de fora juntar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio coração deste dom mútuo, do qual é fruto e complemento”.

<sup>106</sup> Cf. AL 184: “A sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade”; cf. CCE 2379: “o Evangelho mostra que a esterilidade física não é um mal absoluto. Os esposos que, depois de esgotados os recursos médicos legítimos, sofrem de esterilidade, associar-se-ão à Cruz do Senhor, fonte de toda a fecundidade espiritual. Podem, porém, vincar a sua generosidade, adotando crianças abandonadas ou cumprindo serviços exigentes para com outrem”; GS 50: “o matrimônio não foi instituído só em ordem à procriação da prole. A própria natureza da aliança indissolúvel entre as pessoas e o bem da prole exigem que o mútuo amor dos esposos se exprima convenientemente, aumente e chegue à maturidade. E por isso, mesmo que falem os filhos, tantas vezes ardentemente desejados, o matrimônio conserva o seu valor e indissolubilidade, como comunidade e comunhão de toda a vida”.

(cf. AL 88). Este amor matrimonial, construído em família, é reflexo puro da “Igreja doméstica” (LG 11).

Num terceiro elemento, o matrimónio baseia-se não só numa boa relação de amizade, onde se dinamiza a “busca do bem do outro, reciprocidade, intimidade, ternura, estabilidade e uma semelhança entre os amigos que se vai construindo com a vida partilhada” (AL 123), bem como numa união de compromisso exclusivo e indissolúvel, pelo “que se expressa no projeto estável de partilhar e construir juntos toda a existência” (AL 123). De facto, “quem vive intensamente a alegria de se casar não está a pensar em algo de passageiro” (AL 123), mas sente-se na alegria de um futuro definitivo, sem tempo ou prazo determinado. É uma relação aberta a um futuro de construção contínua e firme (cf. AL 123), onde esse amor “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13,7). Porém, esta relação também exige o seu cuidado, o “cuidar a alegria do amor” (AL 126). Como? Não só com palavras, mas, e em especial, “com mais atos de amor, com atos de carinho mais frequentes, mais intensos, mais generosos, mais ternos, mais alegres” (AL 134). É essencial ouvir e dialogar, expressar-se sem ferir. É cultivar uma comunicação de amor, de modo a torná-la sempre criativa e renovada como resposta negativa a uma cultura do vazio, da monotonia da relação (cf. AL 136-141). É um caminho de crescimento e ajuda mútuas, onde “o amor celebra cada passo, cada etapa nova” (AL 163).

Em suma, o matrimónio é uma construção diária, exclusiva e indestrutível, com o outro, em que o “sim significa dizer ao outro que poderá sempre confiar, não será abandonado” (AL 132), independentemente de todos os desafios, propostas ou acontecimentos que surjam. Porque o amor é forte como a morte (cf. Ct 8,6). É o selo entrelaçado por duas pessoas, em que cada um se comunica ao outro: “o meu amado é para mim e eu para ele” (Ct 2,16); “eu sou para o meu amado e o meu amado é para mim” (6,3). Nesta dinâmica, contando com o contributo da Exortação *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, visou-se a abertura de uma nova visão sobre o matrimónio, através de uma análise menos abstrata e mais humana (cf. AL 36).<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> Ficaram temáticas por abordar, já que não fazem parte do objeto deste estudo. Entre elas, a abertura aos filhos e sua educação; os casais divorciados não-recasados e recasados; o papel da Igreja face a estas situações difíceis e

### 3.4. *Uma perspectiva litúrgico-sacramental*<sup>108</sup>

A celebração do matrimónio exige, em si, um certo estímulo na acuidade dos nubentes, de modo a que estes, através de uma purificada/renovada visão litúrgica, participem de forma ativa no sacramento celebrado. E, desta maneira, entendam o matrimónio não só como compromisso, mas também, e sobretudo, como celebração sem fim, pois “o dom de Jesus Cristo não se esgota na celebração do matrimónio, mas acompanha os esposos ao longo de toda a existência” (FC 56).<sup>109</sup> Assim, o subponto atual orienta-se num desvelamento da celebração em si, na sua ordem litúrgica e na sua riqueza teológica. Não obstante, esta leitura visa somente o rito da celebração do matrimónio dentro da missa (cf. CM 45-78), já que esta modalidade retrata de melhor forma a aliança sponsal entre Cristo e a Igreja, na medida do Seu sacrifício eucarístico.<sup>110</sup>

Ora, “como verdadeiros protagonistas e ministros da celebração”<sup>111</sup>, os noivos, com a sua entrada processional, marcam o início da celebração litúrgica. Nesse caminho até ao local a eles destinado, os nubentes são convidados a dirigirem os seus olhos em frente, em direção ao altar, onde se expressa a máxima do amor de Cristo, o Esposo, pela Igreja, Sua Esposa. E, conscientes da sua integração eclesial pelo batismo,<sup>112</sup> a vida dinamizada pelo Espírito de Cristo é o mesmo que anima os fiéis, neste caso, os nubentes.<sup>113</sup> Chegados aos seus lugares, o sacerdote saúda não só a eles, mas também a comunidade, através do sinal da cruz<sup>114</sup>, abrindo o sentido da celebração ao mistério pascal. Entretanto, é feita uma introdução pelo sacerdote à assembleia,

---

contrárias ao núcleo do sacramento do matrimónio; entre outras. Como suplemento e subsídio nesta temática dos divorciados, remete-se para a abordagem feita em Christian Duquoc, «*Creo en la Iglesia*»..., *op. cit.*, 41-46.

<sup>108</sup> Como complemento a este subponto, tenha-se em conta as disposições em IGMR 46-90.

<sup>109</sup> Cf. CM 11: “Deus, que chamou os esposos ao Matrimónio, continua a chamá-los no Matrimónio”.

<sup>110</sup> Cf. Matias Augé, *Liturgia. História...*, *op. cit.*, 193: “...o *Ordo celebrandi matrimonium* inseriu dinamicamente o rito do Matrimónio num contexto celebrativo que, normalmente, encontra o seu ponto culminante na participação no sacramento do sacrifício pascal: a Eucaristia. Nisto se baseia a eucologia do rito, quando faz referência ao tema pascal, aludindo explicitamente à alegria pascal ou ao ministério da morte e ressurreição de Cristo, como nova aliança com o povo de Deus”; cf. CM 29: “Celebre-se o Matrimónio habitualmente dentro da Missa”.

<sup>111</sup> Dionisio Borobio, “Matrimonio” ..., *op. cit.*, 587.

<sup>112</sup> Nesta leitura, está pressuposto o ideal de esposos verdadeiramente crentes. Cf. *Ibidem*, 586-587; cf. FC 67: “O matrimónio cristão exige, por norma, uma celebração litúrgica que exprima de forma social e comunitária a natureza essencialmente eclesial e sacramental do contrato conjugal entre os batizados”.

<sup>113</sup> Cf. Romano Guardini, *Sinais...*, *op. cit.*, 22: “Cristo vive em nós de maneira muito particularmente profunda no sacramento do altar: o seu corpo faz parte do nosso corpo, o seu sangue circula em nosso sangue”.

<sup>114</sup> Cf. *Ibidem*, 13: “É o sinal mais santo que existe. Fá-lo bem: devagar, amplo, conscientemente. Envolverá então todo o teu ser, corpo e alma, pensamentos e vontade, sentido e sentimentos, actos e ocupações, e tudo nele ficará robustecido, assinalado, consagrado na força de Cristo, em nome de Deus uno e trino”.

em especial aos noivos, de modo a conduzi-los à celebração do sacramento do matrimónio, “no dia em que se propõem constituir o seu lar” (CM 52). Aqui, destaque-se o tom familiar, fundamentado numa dimensão comunitária e à luz da indissolubilidade do sacramento.<sup>115</sup> Como conclusão dos ritos iniciais, o sacerdote, contando com a oração dos noivos e da assembleia, convida à oração coleta com o *oremos*. Esta é rezada, ou cantada, depois de um breve momento de silêncio, uma vez que a *coleta* significa a dinâmica de *receber* as intenções individuais dos fiéis e *apresentá-las* a Deus numa fórmula de oração comunitária.<sup>116</sup>

Posto isto, inicia-se uma nova fase litúrgica, a da liturgia da Palavra. Esta “é parte integrante e essencial”<sup>117</sup>, em virtude da especial presença de Cristo na Sagrada Escritura (cf. SC 7). Deste modo, “a leitura é um sinal da presença de Cristo na assembleia”<sup>118</sup>. Contudo, esta leitura não leva em si *uma* palavra vazia de sentido, mas é Palavra dinâmica, é facto, é acontecimento, é Palavra performativa. Em hebraico, é o *dabar*.<sup>119</sup> Por isso, é Palavra construtora da comunidade eclesial, bem como o seu estímulo a tornar-se testemunha viva no mundo.<sup>120</sup> Desta maneira, a liturgia da Palavra no matrimónio assume o mesmo formato de uma celebração dominical, se bem que com leituras mais situadas neste sacramento (cf. CM 179-222). Como tal, nesta modalidade<sup>121</sup>, o ritual romano propõe como leituras: o livro do Génesis, em que se recorda o matrimónio na sua origem, situada na vontade divina; o salmo responsorial como eco da leitura

---

<sup>115</sup> CM 52: “Irmãos caríssimos, reunimo-nos com alegria na casa do Senhor para participarmos nesta celebração, acompanhando N. e N. no dia em que se propõem constituir o seu lar. Esta hora é para eles de singular importância. Acompanhem-nos com o nosso afecto e amizade e com a nossa oração. Juntamente com eles escutemos a Palavra que Deus hoje nos vai dirigir. Depois, em união com a Santa Igreja, por Jesus Cristo, nosso Senhor, supliquemos a Deus Pai que acolha benignamente estes seus servos, que desejam contrair Matrimónio, os abençoe e os una para sempre”. Nesta modalidade ritual, ainda há uma outra proposta de admoção, a qual não é apresentada, de modo a não tornar o estudo demasiadamente extenso e exaustivo.

<sup>116</sup> Cf. José Aldazábal, “Eucaristia”, in Dionisio Borobio (dir.), *La celebración en la Iglesia II. Sacramentos...*, *op. cit.*, 394-395. Este ritmo litúrgico encontra-se também na oração sobre as oblatas e na oração depois da comunhão.

<sup>117</sup> Dionisio Borobio, “Matrimónio”..., *op. cit.*, 588.

<sup>118</sup> Luis Maldonado, “La Celebración Litúrgica: Fenomenología y Teología de la Celebración”, in Dionisio Borobio (dir.), *La celebración en la Iglesia I. Liturgia...*, *op. cit.*, 240; cf. José Aldazábal, “Eucaristia”..., *op. cit.*, 398: “Cristo está presente e ativo na proclamação da Palavra, porque Ele é a palavra definitiva de Deus e, desde a sua existência gloriosa, se nos dá na celebração”. Mais, “o Espírito Santo, o ‘dador de vida’, o mesmo que atuou como protagonista na encarnação, na ressurreição de Cristo, no Pentecostes, é Ele que agora, na celebração, não só atua sobre os dons eucarísticos ou sobre a comunidade que participa deles, mas já na proclamação da Palavra”.

<sup>119</sup> Cf. Luis Maldonado, “La Celebración Litúrgica...”, *op. cit.*, 240-241.

<sup>120</sup> Cf. José Aldazábal, “Eucaristia”..., *op. cit.*, 398.

<sup>121</sup> Celebração do matrimónio dentro da missa.

anterior, no qual se cria um diálogo entre salmista e a assembleia;<sup>122</sup> a epístola do apóstolo São Paulo aos Efésios, onde se explora o matrimónio humano como imagem da relação esponsal entre Cristo e a Igreja; e o Evangelho segundo São Mateus, que retoma a atitude de Jesus Cristo perante as questões dos fariseus sobre o divórcio (cf. CM 56).<sup>123</sup> No final, segue-se a homilia,<sup>124</sup> onde o contributo do sacerdote situa-se num plano mais existencial, e menos erudito.<sup>125</sup> Ora, no matrimónio, o sacerdote é chamado a dar novo alento aos esposos, de forma a despertá-los para uma renovada consciência, ao nível da densidade do mistério do matrimónio, da dignidade do amor mútuo e da importância da celebração do sacramento (cf. CM 57).

Seguidamente a esta abertura ao entendimento da Palavra divina (cf. Lc 24, 32), chega-se ao concreto do rito do matrimónio numa ordem litúrgica específica (cf. CM 59-67). Numa fase inicial, os noivos são convidados pelo sacerdote a declararem as suas disposições sobre o seu desejo de contraírem matrimónio, tendo em conta a sua liberdade, fidelidade, abertura aos filhos e a educação dos mesmos (cf. CM 60). Feito isso, os nubentes são convidados a manifestarem o seu consentimento mútuo, através da união das mãos direitas, onde cada um comunica a sua entrega confiante na promessa do outro, alicerçada na fidelidade, no amor e no respeito (cf. CM 61-63). Esta união de mãos é a visibilidade desse desejo de mútua doação, de construção a dois na mesma história.<sup>126</sup> É o *dar-se* e o *receber* numa íntima expressão corporal, no toque das duas mãos, a existência total do outro no seu mistério como pessoa.<sup>127</sup> Recebido o consentimento, o sacerdote, numa atitude de testemunha e ministro da Igreja, pede a Deus o selo e a bênção da aliança estabelecida pelos esposos.<sup>128</sup> Aqui, a comunidade é também chamada a intervir, através

---

<sup>122</sup> Cf. *Ibidem*, 402-403: “Trata-se de dar à celebração um tom de serenidade contemplativa: o salmo prolonga poeticamente a mensagem da primeira leitura, que é, assim, aprofundada, entre as estrofes do salmista e a resposta, a ser possível cantada, por parte da comunidade”.

<sup>123</sup> A propósito dos textos, orienta-se para um dos subpontos anteriores, onde se trabalha a instituição sacramental do matrimónio.

<sup>124</sup> Cf. *Ibidem*, 404: “é uma exortação a levar à nossa vida a mensagem que as leituras bíblicas nos anunciaram, assim como a iluminar com ela o rito sacramental que segue”.

<sup>125</sup> Cf. Luis Maldonado, “La Celebración Litúrgica...”, *op. cit.*, 259-261.

<sup>126</sup> Cf. Dionisio Borobio, “Matrimonio”..., *op. cit.*, 589.

<sup>127</sup> Cf. Romano Guardini, *Sinais...*, *op. cit.*, 14-16.

<sup>128</sup> Cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 490; cf. Romano Guardini, *Sinais...*, *op. cit.*, 60-62.

de uma aclamação, como sinal da dimensão eclesial neste sacramento.<sup>129</sup> Numa fase final, por meio da bênção e da entrega das alianças, os esposos revelam, numa forma mais visível, o seu desejo de entrega fiel e de amor mútuos: “N., recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (CM 67). Feito isto, retomase à liturgia da Palavra com a oração universal, onde se intercede, unidos aos noivos e à restante assembleia, pelos primeiros, para que o seu matrimónio seja, de facto, frutuoso (cf. CM 69).<sup>130</sup>

À liturgia da Palavra sucede a liturgia Eucarística, onde a Palavra revelada e escutada se torna alimento (cf. DV 21).<sup>131</sup> Esta transição dá-se na apresentação dos dons, onde os crentes, na oferta do pão e do vinho, oferecem a sua própria vida no altar (cf. Rm 12,1). Por seu lado, no matrimónio, o ritual romano abre a hipótese de os esposos levarem ao altar esses elementos (cf. CM 70), de modo que simbolize a oblação da vida matrimonial na mesa do sacrifício, onde se recorda o mistério do amor de Cristo pela Igreja, Sua Esposa e Corpo. Aliás, o pão e o vinho são elementos matrimoniais, na medida da Sua transubstanciação em Corpo e Sangue de Cristo: “Cristo tornou-se para nós pão e vinho. Comida e bebida. Podemos comê-Lo e bebê-lo. O pão é fidelidade e constância. O vinho é audácia, alegria para além de toda a medida terrena, perfume e beleza, amplitude de desejo e liberalidade sem limites”<sup>132</sup>. Depois disto, a Eucaristia segue a sua ordem litúrgica habitual: a oração sobre as oblatas, o prefácio e a oração eucarística. Todas elas sublinham-se o tema do matrimónio (cf. CM 70-71). Por sua vez, “no fim do Pai nosso, omitido o Livrai-nos de todo o mal, o sacerdote, voltado para os esposos, invoca sobre eles a bênção de Deus, o que nunca se deve omitir” (CM 72). À semelhança da atitude orante

---

<sup>129</sup> Cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para vivir...*, *op. cit.*, 488: “A assembleia...deve ser consciente de que a sua presença e participação não é acidental, mas sim fundamental na celebração do matrimónio, pois, por ela, manifesta-se de um modo mais claro a presença da Igreja inteira, ela mesma é testemunha do compromisso dos novos esposos e compromete-se a animá-los e sustentá-los na realização do seu matrimónio na vida. Sem a assembleia crente, a celebração carece de um dos seus elementos mais importantes”.

<sup>130</sup> O momento mais intenso do exercício do sacerdócio comum dos fiéis insere-se na oração universal, ou oração dos fiéis, onde os crentes, graças ao seu batismo, reunidos como Igreja (*ekklesia*), oram não só pelos seus membros, mas por todo o mundo (cf. 1 Tm 2,16; LG 10); cf. José Aldazábal, “Eucaristia”..., *op. cit.*, 408; cf. Luis Maldonado, “La Celebración Litúrgica...”, *op. cit.*, 265: “A oração litúrgica é uma forma concreta, única, de participar eclesialmente na oração de Jesus”.

<sup>131</sup> Estas duas partes, intimamente unidas entre si, compõem a Eucaristia como um único ato de culto (cf. SC 56).

<sup>132</sup> Romano Guardini, *Sinais...*, *op. cit.*, 51; cf. Jo 6,55-56: “...a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue, uma verdadeira bebida. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica a morar em mim e Eu nele”.

de Tobias e Sara (cf. Tb 8,5-9), é feita uma oração<sup>133</sup>, de forma a que Deus abençoe os esposos neste novo caminho do matrimónio.<sup>134</sup> Concluída a bênção nupcial, a Eucaristia regressa ao seu ritmo litúrgico até à comunhão. Nesta circunstância, os esposos são convidados a receberem a comunhão sob as duas espécies (cf. CM 76).<sup>135</sup>

Por fim, os ritos conclusivos, apesar da sua terminologia, não significam a conclusão da celebração, uma vez que esta se prolonga na vida do crente, comprometendo-o: “da vida vivemos, com a vida celebramos, à vida voltamos. A eucaristia celebra a vida. A vida celebra a eucaristia. Dá-se, pois uma mútua exigência de eucaristia e vida”<sup>136</sup>. Da mesma maneira, o matrimónio não termina na sua celebração, mas começa aí.<sup>137</sup> Ora, no final tanto do convite do sacerdote à oração depois da comunhão (cf. CM 76), como da bênção solene (cf. CM 77), prevista no final da celebração, os esposos são desafiados, através da despedida, a realizarem, exemplarmente, o que expressaram e celebraram ao longo do sacramento do matrimónio.<sup>138</sup> Dito de outro modo, “sede testemunhas do amor de Deus no mundo” (CM 77).

### 3.5. *A bênção nupcial como síntese teológica no ritual romano, um estudo em aberto*

Neste último tópico, a respeito do sacramento do matrimónio cristão católico, visa-se uma análise a uma das bênçãos nupciais previstas no ritual romano (cf. CM 74.242.244), de modo a que este estudo não dispense um contacto mais direto com os textos eucológicos<sup>139</sup> escolhidos ao longo da celebração deste sacramento. Não obstante a sua riqueza teológica, este subponto

---

<sup>133</sup> Embora esta oração seja só recitada pelo sacerdote, este convida previamente os presentes a orarem com ele: “Irmãos, imploremos a bênção de Deus sobre estes esposos...”.

<sup>134</sup> A bênção nupcial é trabalhada mais atentamente no subponto seguinte.

<sup>135</sup> É de peculiar riqueza antropológica e teológica a partilha do mesmo cálice entre os esposos. Este é como que o símbolo do vínculo assumido entre os dois, à semelhança da Nova Aliança estabelecida entre Cristo e a Igreja pelo Seu Corpo entregue e o Sangue derramado. Este é o melhor vinho (cf. Jo 2,10). Por sua vez, é expressão do desejo de uma fidelidade indestrutível: “não insistas para que te deixe, pois onde tu fores, eu irei contigo e onde pernoitares, aí ficarei; o teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, também eu quero morrer e ali serei sepultada. Que o Senhor me trate com rigor e ainda o acrescente, se até mesmo a morte me separar de ti” (Rt 1,16-17). Tenha-se em atenção que esta abertura à comunhão sob as duas espécies não é só no sacramento do matrimónio, mas também se levanta a hipótese deste formato numa Eucaristia dominical, não obstante se deva ter em conta se tal ato é possível, atendendo ao número dos fiéis (cf. SC 55).

<sup>136</sup> Dionísio Borobio, *Celebrar para viver...*, op. cit., 366.

<sup>137</sup> Cf. Dionísio Borobio, “Matrimonio”..., op. cit., 507.

<sup>138</sup> Cf. *Ibidem*, 592.

<sup>139</sup> Pode-se entender a eucologia como as orações em si, na sua construção, bem como o estudo às mesmas.

consiste mais num desafio a eventuais investigações futuras. A esta luz, o estudo é fruto de uma análise individual, alicerçada nos conteúdos trabalhados até aqui.

Antes da bênção sobre os esposos, o sacerdote convida a assembleia, através de uma breve introdução, a associarem-se a esse momento de oração em silêncio (cf. CM 73). É o silêncio de uma Igreja orante face ao mistério do Deus que é, em Si mesmo, bênção. E, se é bênção, também é dom, é promessa, é aliança. E, em tudo, é fiel e providente.<sup>140</sup> Sendo assim, “só Deus pode abençoar”<sup>141</sup>, pois “Deus abençoa consigo mesmo; dá-se a Si mesmo na bênção”<sup>142</sup>. Como tal, o sacerdote, de mãos estendidas sobre os esposos (cf. CM 74), *in persona Christi*<sup>143</sup>, é canal de comunicação da bênção divina, invocada por todos em favor dos esposos, confiantes na promessa de Deus, em Cristo e dinamizada na força do Espírito Santo: “Eu estarei sempre convosco” (Mt 28,20). Posto isto, é visível na tabela seguinte o objeto de análise.

**Tabela 3**<sup>144</sup>

|  |
|--|
| <p>“Deus, Pai Santo, que pelo vosso infinito poder fizestes do nada todas as coisas e, na harmonia primordial do universo, formastes o homem e a mulher à vossa imagem e semelhança, dando um ao outro como companheiros inseparáveis, para se tornarem os dois numa só carne, e assim nos ensinastes que nunca é lícito separar o que Vós mesmo unistes;</p> <p>Deus, Pai Santo, que no grande mistério do vosso amor consagrastes a aliança matrimonial, tornando-a símbolo da aliança de Cristo com a Igreja;</p> <p>Deus, Pai Santo, que sois o autor do matrimónio e destes à primordial comunidade humana a vossa bênção que nem a pena do pecado original nem o castigo do dilúvio nem criatura alguma pôde abolir;</p> |
|--|

<sup>140</sup> Sobre isto, veja-se os vários marcos ao longo da história da salvação, onde Deus faz continuamente aliança com o Seu povo, abençoando-o e mantendo-se fiel à Sua promessa, que não é mais do que Ele mesmo. De facto, através da Encarnação do Verbo (cf. Jo 1,14), a promessa ganha um rosto: o de Jesus Cristo, pelo qual não só é consumada essa aliança, como também é transformada e atualizada numa nova e eterna aliança: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19; 1 Cor 11,24; cf. Ex 12,14; 1 Cor 11,25).

<sup>141</sup> Romano Guardini, *Sinais...*, *op. cit.*, 60.

<sup>142</sup> *Ibidem*, 61.

<sup>143</sup> Na pessoa de Cristo. Com a finalidade de uma melhor compreensão desta matéria, o sacerdote não age como um substituto de Cristo, mas consciente de que o seu ministério sacerdotal emana do modelo sacerdotal de Cristo. Ele é o único e sumo sacerdote. Em virtude disso, como exemplo: o sacerdote batiza *in persona Christi*, isto é, não é ele quem batiza, mas Cristo. Cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para viver...*, *op. cit.*, 524-527.

<sup>144</sup> CM 74.

Olhai benignamente para estes vossos servos, que, unindo-se pelo vínculo do Matrimónio, esperam o auxílio da vossa bênção: enviai sobre eles a graça do Espírito Santo para que, pelo vosso amor derramado em seus corações, permaneçam fiéis na aliança conjugal.

Seja a vossa serva N. fortalecida com a graça do amor e da paz, imitando as santas mulheres que a Escritura tanto exalta.

Confie nela o coração do seu marido, honrando-a como companheira igual em dignidade e com ele herdeira do dom da vida, e ame-a como Cristo amou a Igreja,

Nós Vos pedimos, Senhor, que estes vossos servos N. e N. permaneçam unidos na fé e na observância dos mandamentos; fiéis um ao outro, sirvam de exemplo pela integridade da sua vida; fortalecidos pela sabedoria do Evangelho, dêem a todos bom testemunho de Cristo; (recebam o dom dos filhos, sejam pais de virtude comprovada, e possam ver os filhos dos seus filhos,) e, depois de uma vida longa e feliz, alcancem o reino celeste, na companhia dos Santos.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo”. R: Amen.

Esta bênção nupcial movimenta-se num jogo teológico entre invocação, anamnese, epiclese e doxologia. Ora, veja-se

A invocação como chamamento, ou apelo, individuado:

- “Deus, Pai Santo...;
- Olhai...;
- ...Senhor...”.

A anamnese como memorial de ações, marcos ou momentos, específicas:

- “...fizestes do nada todas as coisas...;
- ...formastes o homem e a mulher à vossa imagem e semelhança...;
- ...dando um ao outro como companheiros inseparáveis...;
- ...para se tornarem os dois numa só carne...;
- ...ensinastes que nunca é lícito separar o que Vós mesmo unistes;
- ...grande mistério do vosso amor consagrastes a aliança matrimonial...;

- ...tornando-a símbolo da aliança de Cristo com a Igreja;
- ...sois o autor do matrimónio...;
- ...deste à primordial comunidade humana a vossa bênção...;
- ...como Cristo amou a Igreja”.

A epiclese como ação, embora trabalhada previamente por uma súplica:

- “Olhai benignamente para estes vossos servos, que, unindo-se pelo vínculo do Matrimónio, esperam o auxílio da vossa bênção: enviai sobre eles a graça do Espírito Santo para que, pelo vosso amor derramado em seus corações, permaneçam fiéis na aliança conjugal”.

A doxologia como adoração, no final do texto eucológico, em ação de graças pela glória divina:

- “Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo”.

Este sublinhado em certos elementos textuais não deixa de fora o *amen*, a resposta de toda a assembleia face a tudo quanto é dito. De facto, é a resposta de confiança na bênção de Deus, na fidelidade e promessa assumidas em Cristo, porque Ele mesmo é o *Amen* (cf. Ap 3,14), o *sim* eterno, o *sim* da promessa. “Nele todas as promessas de Deus se tornaram ‘sim’ e é por isso que, graças a Ele, nós podemos dizer o ‘amen’ para glória de Deus” (2 Cor 1,20).<sup>145</sup>

Concluído este realce, é essencial, neste momento, aprofundar alguns destes elementos. Ora, através da invocação “Deus, Pai Santo...”, a bênção fala de Deus como Pai, que cuida, olha, adverte e abraça (cf. 2 Sm 7,14; Os 11,1.3-4; Lc 15,20.22-24.32), como também como o Santo, a fonte de toda a santidade<sup>146</sup> (cf. Lv 11,45; 1 Pe 1,16). Quanto ao “olhai...”, este recurso ao modo do imperativo indica uma intenção de súplica, de pedido, em vista a uma ação ulterior. Por seu lado, “...Senhor...” é um dos vários nomes de Deus, mencionados ao longo da Sagrada

<sup>145</sup> No final da oração eucarística, a resposta da assembleia – ‘amen’ – é como que o selo de toda a oração, a sua validação ou autenticidade. Por seu lado, o ‘amen’ vincula-se também ao *marana tha*, “vem, Senhor Jesus” (Ap 22,20; cf. 1 Cor 16,22), devido ao facto do ‘sim’, contido no ‘amen’, anunciar uma resposta de fé, de confiança na promessa de Cristo: “‘Sim. Virei brevemente’” (Ap 22,20). No campo litúrgico, o ‘amen’ toca *já* na liturgia celeste, *ainda não* revelada plenamente (cf. SC 8). É o toque entre o dom divino e a resposta humana mediado pelo único e verdadeiro ‘Amen’, Jesus Cristo.

<sup>146</sup> Tal como é rezado na oração eucarística II: “Vós, Senhor, sois verdadeiramente santo, sois a fonte de toda a santidade”.

Escritura com base na consciência de que Ele é o “Senhor dos senhores” (Dt 10,17; Sl 136)<sup>147</sup>. Retomando a invocação “Deus, Pai Santo...”, esta abre a oração num sentido de anamnese, na medida em que alude ao ato criador de Deus como Pai.

Este movimento de anamnese centra-se, sobremaneira, no ato criador de Deus ora como elemento da instituição original do matrimónio (“...fizestes do nada..., formastes o homem e a mulher..., dando um ao outro..., para se tornarem os dois numa só carne...; ...sois o autor do matrimónio...”), ora como símbolo do arquétipo do matrimónio: a relação entre Cristo e a Igreja (“...consagrastes a aliança matrimonial, tornando-a símbolo da aliança de Cristo com a Igreja”). Além disso, nota, ao longo do texto eucológico, a unidade e a indissolubilidade como nucleares ao matrimónio (“...como companheiros inseparáveis, ...os dois numa só carne, ...nunca é lícito separar o que Vós mesmo unistes; ...a vossa bênção que nem...; ...ame-a como Cristo amou a Igreja”). Nesta linha, o dinamismo da epiclese concentra-se numa súplica, à luz da fidelidade e indestrutibilidade do amor de Cristo pela Igreja, Sua Esposa e Corpo, confiante na ação do Espírito Santo, como dador de vida, de amor e de auxílio (cf. Rm 8,14-17), na vida dos esposos, de modo que estes sejam fiéis na aliança conjugal (cf. Heb 13,4).<sup>148</sup> E é, nesta certeza da bênção divina, onde Deus Se revela amor (cf. 1 Jo 4,16), já que a bênção é Ele mesmo, que se propõe, no final da eucologia, a adoração e o louvor a Deus na Sua comunhão trinitária, confirmada e selada com o *amen* de toda a assembleia.

Como complemento à análise, esta bênção nupcial é rica na sua fundamentação bíblica. Ou seja, todo o seu texto, ainda que, por vezes, encoberto ou não tão visível, é construído na base de alguns textos da Sagrada Escritura tanto do Antigo Testamento, como do Novo Testamento. Devido à sua variedade, não se colocam todos os textos, mas somente alguns. No entanto, não se deixa de colocar a referência bíblica.

➤ “...formastes o homem e a mulher à vossa imagem e semelhança” (cf. Gn 1,26);

---

<sup>147</sup> Este salmo encontra-se assinalado em conformidade com a numeração hebraica. Já na versão dos LXX e da Vulgata, este salmo é enumerado como 135. Esta última forma de enumeração é aquela que é assumida na Liturgia.

<sup>148</sup> Só na confiança do auxílio divino é que se torna crível a indestrutibilidade do matrimónio, guardando o amor, a fidelidade e o respeito. “Pois, sem Mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5).

- “...dando um ao outro como companheiros inseparáveis...”
  - ❖ “Da costela que retirara do homem... ‘esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne...’” (Gn 2,22-23);
- “...os dois numa só carne...” (cf. Gn 2,24);
- “...ensinastes que nunca é lícito separar o que Vós mesmo unistes” (cf. Mt 19,6; Mc 10,9);
- “...grande mistério do vosso amor... aliança de Cristo com a Igreja” (cf. Ef 5,32);
- “...a vossa bênção que nem...”
  - ❖ “Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor... Nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir” (Ct 8,6-7);
  - ❖ “Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?... Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso” (Rm 8,35.38-39);
- “...permaneçam fiéis na aliança conjugal” (cf. Heb 13,4);
- “Confie nela o coração do seu marido...” (cf. Pr 31,11);
- “...ame-a como Cristo amou a Igreja”
  - ❖ “...amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela...” (Ef 5,25);
- “...recebam o dom dos filhos, sejam pais de virtude comprovada, e possam ver os filhos dos seus filhos, e, depois de uma vida longa e feliz, alcancem o reino celeste...”
  - ❖ “A tua esposa será como videira fecunda... os teus filhos serão como rebentos de oliveira ao redor da tua mesa... Possas contemplar a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida, e chegues a ver os filhos dos teus filhos” (Sl 128,3.5-6)
  - ❖ “Olharei por vós, far-vos-ei crescer e multiplicar...” (Lv 26,9);

Como último elemento, a construção desta bênção vincula-se, de certa maneira, com a atitude orante de Tobias e Sara no leito conjugal (cf. Tb 8,5-7).

Em suma, esta bênção nupcial é toda ela construída como uma síntese teológica, ao nível litúrgico-bíblico, a partir da afirmação paulina: “grande é este mistério” (Ef 5,32). Na verdade, este texto eucológico alude ao matrimónio desde a criação, na sua instituição primordial, até à redenção, levado à plenitude o matrimónio original na oblatividade de Cristo pela Igreja, sendo atualizada, essa consumação, no hoje, através do sacramento do matrimónio cristão católico.<sup>149</sup> Logo, a bênção nupcial é o momento do despertar de consciência dos esposos face à revelação de um Deus que, tal como eles, é peregrino. É-o, sobremaneira, na vida sacramental, onde se celebra os momentos fundamentais do crente. É no sacramento do matrimónio, onde se lhes é oferecido o melhor vinho, o vinho bom (cf. Jo 2,10). E é no amor conjugal, onde Cristo Se dá a reconhecer como o Esposo, que ama e cuida da Sua Esposa, a Igreja, nos seus membros (Ef 5,25-30).

#### **4. Pontos de reflexão**

“Ninguém duvida de que o matrimónio é uma das realidades humanas mais importantes e ricas de toda a vida”<sup>150</sup>. E é devido ao que abarca em si mesma: o compromisso, a fidelidade exclusiva a um outro, a indestrutibilidade desse vínculo, o respeito mútuo, a alegria de elevar a categoria mais íntima do ser humano, isto é, de *ser-em-relação*, a outros níveis, o descobrir-se como símbolo do modelo esponsal entre Cristo e a Igreja, entre outros elementos. Desta forma, pretende-se articular os conteúdos explorados neste segundo capítulo com o estudo a propósito de *Casados à Primeira Vista*, no primeiro capítulo deste trabalho.

Por um lado, “a própria razão humana insinua que não pode ser aceitável, ao mostrar como é pouco convincente admitir que se faça uma ‘experiência’ em relação a pessoas humanas, cuja

---

<sup>149</sup> Para uma abordagem mais atenta a este respeito, orienta-se para um dos subpontos anteriores sobre a instituição sacramental do matrimónio.

<sup>150</sup> *Ibidem*, 447.

dignidade exige que sejam sempre e só termo de um amor de doação, sem limite nenhum nem de tempo nem de qualquer outra circunstância” (FC 80). Efetivamente, o matrimônio não é um acontecimento *à experiência*, no qual se coloca a dúvida, ou a condicionante, logo à partida, de que se usufrui desse estado até determinado momento, onde começam a surgir as dificuldades e obstáculos de uma relação a dois. Pelo contrário, esses desafios são oportunidade de o casal crescer na sua relação, no seu matrimônio: “depois de ter sofrido e lutado unidos, os cônjuges podem experimentar que valeu a pena, porque conseguiram algo de bom, aprenderam alguma coisa juntos ou podem apreciar melhor o que têm. Poucas alegrias humanas são tão profundas e festivas como quando duas pessoas que se amam conquistaram, conjuntamente, algo que lhes custou um grande esforço compartilhado” (AL 130). É construção de uma vida, de uma história a dois pelos dois, em que “cada um, cuidadosamente, desenha e escreve na vida do outro” (AL 322). É comunicação da relação flexivelmente sólida, a qual não é sinónimo de um cárcere, de um fardo, mas a certeza do *sim* imperecível e exclusivo, fundamentado na confiança do amor e respeito mútuos.

Por outro lado, esta realidade que, em si, é indestrutível e exclusiva vê-se, nos dias de hoje, ameaçada por contextos, onde flui “a prática dos matrimônios arranjados”<sup>151</sup>. A este propósito, sublinha-se o programa de televisão *Casados à Primeira Vista*. Como é dito no capítulo inicial deste estudo, este programa, ou experiência social, recorre ao casamento como meio de união entre duas pessoas desconhecidas entre si, mas com o mesmo desejo: o de encontrarem um(a) parceiro(a) compatível, a fim de estabelecerem uma relação amorosa.<sup>152</sup> Aqui, o casamento não é resultado, ou desejo, de uma relação fundamentada numa história a dois já iniciada pela fase de namoro, mas é o começo de uma relação ainda não criada, em vista à hipótese de a continuar,

---

<sup>151</sup> XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo” (Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco, Vaticano, 24 de outubro, 2015), 25, consultado a 13 de maio, 2019 em:

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20151026\\_relazione-finale-xiv-assembly\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html)

<sup>152</sup> Tenha-se em atenção, nesta fase, o processo de procura de um outro compatível: os critérios de cada participante face ao *match*, ou seja, os traços que querem encontrar no outro. Conta-se também com o resultado do eneagrama de personalidade, que apresenta o nível de compatibilidade entre duas pessoas. Mais informações sobre isto e sobre o programa, veja-se o trabalho realizado no primeiro capítulo deste estudo.

ou não. Ou seja, *Casados à Primeira Vista* não estimula o matrimónio na sua indissolubilidade e exclusividade, uma vez que é *à experiência*. Emerge, desde o início, a possibilidade de uma rutura ao vínculo, consoante a concordância, ou não, da diferença do outro no seu modo de *ser*, de *pensar* ou de *agir*. Desde logo, são colocadas condicionantes numa realidade que, *per si*, é incondicional.<sup>153</sup> Por isso, “um amor frágil ou enfermiço, incapaz de aceitar o matrimónio como um desafio que exige lutar, renascer, reinventar-se e recomeçar sempre de novo até à morte, não pode sustentar um nível alto de compromisso” (AL 124). Se é assim numa relação de amor, ainda que frágil, imagine-se como é a construção de uma relação sem esse sentido de fidelidade, de amor, sem história e sem rosto.

Enfim, só se casa quem ama (cf. AL 217), e só ama quem se abre ao mistério do amor definitivo, indestrutível, exclusivo e com fundamento no rosto de uma história em crescimento, onde a diferença não é *um* obstáculo, mas *o* desafio fecundante, onde se dá lugar a um renovado consentimento, a “um novo ‘sim’ que torna possível o amor renascer reforçado, transfigurado, amadurecido, iluminado” (AL 238). E é este amor, que brota da fonte que é Cristo, que funda, constrói e faz permanecer o matrimónio como sacramento indestrutível, exclusivo e símbolo do amor oblativo de Cristo pela Sua Igreja, “qual noiva adornada para o seu esposo” (Ap 21,2): “prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada” (LF 52).

---

<sup>153</sup> Cf. Dionisio Borobio, *Celebrar para viver...*, *op. cit.*, 477: “Só há amor verdadeiro quando é incondicional e para sempre, não quando em princípio parte de condicionantes, ou o faz depender de um espaço e um tempo determinados. Amor duradouro, fidelidade e indissolubilidade não são aspetos dissociáveis, mas vertentes complementares e integrantes da mesma realidade do amor matrimonial”.

### CAPÍTULO III – *O PROJETO DE VIDA*, UM CAMINHO EM CONSTRUÇÃO

O presente capítulo constrói-se em quatro pontos: o primeiro visa uma caracterização desde o agrupamento de Escolas Alberto Sampaio à turma A do 9.º ano da Escola EB 2/3 de Nogueira, em Braga, do ano letivo 2018/2019; o segundo ponto pauta-se por uma análise da unidade letiva *o Projeto de Vida*, frisando três temas fundamentais como o conceito de projeto e a sua dinâmica interna, a vocação como um chamamento e o ato de resposta a algo de concreto no mundo, e a felicidade como meta de todo o projeto de vida, construída sempre na relação com os outros; o terceiro orienta-se para a planificação em ato no contexto de sala de aula, o qual se move entre a análise descritiva, a leitura avaliativa e o plano de aula; o quarto ponto procura a articulação do perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória com o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, tendo em conta as metas curriculares e objetivos previstos a atingir, incluindo a relação com o estudo dos dois primeiros capítulos, ora sobre o programa televisivo *Casados à Primeira Vista*, ora a respeito do casamento nas suas linhas civis e o matrimónio na sua ação sacramental.

#### **1. Caracterização do agrupamento e da turma**

O dinamismo pedagógico estabelecido entre docente e discentes implica uma análise prévia a dois níveis: amplo e restrito. Ou seja, torna-se essencial uma leitura não só ao contexto social, económico e cultural, no qual se movimenta o agrupamento, no conjunto das suas escolas e na singularidade de cada uma delas, mas também à individualidade da turma nos seus alunos, onde se jogam coletivamente os elementos específicos de cada um. Apesar desta divisão na análise, os dois momentos formam um todo. Como tal, e no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, este ponto visa uma caracterização ampla da Escola EB 2/3 de Nogueira, tendo em atenção as características e objetivos do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, em Braga, bem como restrita, na medida de um delineamento a propósito da turma A do 9.º ano, no período letivo de 2018/2019, da escola acima referida.

Por um lado, em vista à caracterização da Escola EB 2/3 de Nogueira, a leitura pauta-se por alguns dados referentes ao Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. Este “foi constituído em 29 de Abril de 2013 e resultou da fusão entre o Agrupamento de Escolas de Nogueira e a Escola Secundária de Alberto Sampaio”<sup>154</sup>. Quanto ao contexto, este “é urbano/semiurbano e rural”<sup>155</sup>. No campo da dinâmica educativa da escola acima mencionada, esta baseia-se no objetivo do seu Agrupamento, que “pretende ser um espaço privilegiado de formação da sociabilidade do homem, um espaço aberto à realidade envolvente, ao meio onde se insere, fonte promotora de troca de experiências e de realizações, e um espaço privilegiado de convívio entre alunos, entre professores e alunos, entre estes e o restante pessoal que nela trabalha”<sup>156</sup>. Mais do que união de escolas, onde os alunos são membros ativos da sua ação, o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio propõe-se a ser um núcleo social, no qual participam não só os alunos, mas também os outros atores sociais, que, de certa forma, ativa ou passivamente, estimulam a construção da sociedade educativa, alicerçada num dinamismo de relação, na qual se interage, dialoga-se e onde se potencia o crescimento humano.<sup>157</sup> Então, a sua proposta encontra-se ao nível de uma educação interativa, promotora de mudança, uma vez que inclusiva, compreensiva e aberta a diferentes modos de pensar e de agir.<sup>158</sup> É uma educação “orientada para a dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos e equidade social”<sup>159</sup>.

Por outro lado, no sentido de uma caracterização da turma A do 9.º ano da Escola EB 2/3 de Nogueira, não basta só a descrição dos alunos na sua composição numérica e contexto social e económico. Na verdade, uma leitura descuidada de dados individuais de cada aluno como, por exemplo, a sua perceção da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ou os seus gostos

---

<sup>154</sup> Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Regulamento Interno* (2016), 1, consultado a 29 de maio, 2019 em [http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016\\_RI\\_AESAS\\_vfinal.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016_RI_AESAS_vfinal.pdf).

<sup>155</sup> *Ibidem*.

<sup>156</sup> *Ibidem*.

<sup>157</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo. Triénio 2016-2018* (2015), 18, consultado a 29 de maio, 2019 em [http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE\\_AESAS\\_2016\\_2018.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE_AESAS_2016_2018.pdf): “o objetivo central de uma escola é garantir o sucesso educativo dos seus alunos, nas diversas dimensões que este pode e deve assumir”. Entre estas dimensões está a social, na qual se estimula ao respeito, à interação, ao diálogo com o outro, à perceção da diferença do outro no seu modo de *ser no mundo*, mas igual em direitos e deveres.

<sup>158</sup> Cf. *Ibidem*, 16.

<sup>159</sup> *Ibidem*.

e preferências individuais, resulta numa abordagem despersonalizada e fragmentada. Como tal, dificulta a ação e interação educativas entre o docente e os alunos. Ditas estas considerações, o 9.ºA da Escola EB 2/3 de Nogueira, do ano letivo 2018/2019, é constituído por 27 alunos, entre os quais 15 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. As idades situam-se entre os 13 e os 15 anos.<sup>160</sup> Não obstante esta variedade de idades, nenhum(a) aluno(a) é repetente. Quanto ao contexto social-económico, a turma situa-se numa classe média/alta. De um modo geral, é uma turma atenta e desafiadora, na medida em que possui uma comunicação trabalhada, embora, às vezes, confusa e não tão bem fundamentada. Com efeito, é capaz de construir, e desconstruir, o seu pensamento, recorrendo, sempre que possível, ao diálogo e discussão de ideias, num modo desafiante e aliciante. Por isso, é uma turma estimuladora não só para o docente, mas também para cada um dos discentes, na maneira em como interagem uns com os outros.

Como complemento a esta fase, procurou-se, através de um inquérito por questionário,<sup>161</sup> conhecer, de uma melhor forma, os alunos do 9.ºA desde o seu modo de pensar à sua forma de viver. Este exercício é composto por cinco questões, as quais movimentam-se entre uma visão avaliativa dos alunos face à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, assim como um diagnóstico sobre alguns elementos abordados na unidade letiva lecionada, *o Projeto de Vida*, cruzando com o conhecimento de objetivos, planos, gostos e as preferências individuais de cada aluno. Devido a este carácter pessoal, opta-se pela não-divulgação das respostas dos alunos neste exercício. Ou melhor, os dados não são especificados, ainda que se faça um levantamento generalizado destes, de modo a entender a turma na individualidade dos seus membros. Por seu lado, a escolha deste recurso fundamenta-se na sua garantia de recolha de dados significativos

---

<sup>160</sup> Com 13 anos, são 7 discentes do sexo feminino e 2 do sexo masculino; com 14 anos, são 8 do sexo feminino e 9 do sexo masculino; com 15 anos, somente 1 do sexo masculino.

<sup>161</sup> O inquérito por questionário é um instrumento de recolha de dados, com o qual se procura alcançar um objetivo. Neste caso específico, o docente procura conhecer os alunos no seu modo de pensar e de viver, desde a sua visão da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica até aos seus gostos e passatempos pessoais, através de um conjunto de questões, portadoras dessa meta: avaliar e caracterizar a turma. Pode-se ver, numa melhor organização, a estrutura deste exercício no documento 1 na secção dos anexos.

para este trabalho. Na elaboração deste exercício, apenas 26 dos 27 alunos o fizeram, visto que um aluno faltou à aula. Assim sendo, são abordadas as seguintes questões:

1. O que pensas sobre a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC)? E sobre os temas abordados até agora? Dentro dos limites desta disciplina, gostarias de estudar outro tema ou aprofundar algum em particular?
2. Escreve um pouco, segundo a tua perceção, sobre profissão e vocação? Achas que estão relacionados? Ou são independentes um do outro?
3. Neste momento, tens alguma noção do que gostarias de fazer? Quais os teus objetivos de vida? Enuncia-os, caso te sintas confortável, não só a nível profissional, como também pessoal.
4. Fora do ambiente escolar, quais os teus passatempos favoritos? Por seu lado, no campo dos programas de televisão, o que preferes ver?
5. Conheces o programa da SIC ‘casados à primeira vista’? Se sim, o que achas? Se não, o que te sugere este título?

Numa leitura dos dados adquiridos, na questão inicial, a respeito da visão dos alunos sobre a Educação Moral e Religiosa Católica, a turma, na sua maioria do sexo feminino, sublinha a importância da disciplina no desenvolvimento de uma consciência crítica e no crescimento de cada um como pessoa, apoiado num sistema de valores. Outros sublinham o interesse desta disciplina no campo do conhecimento de outras culturas e religiões, promovendo o diálogo e o respeito pela diferença. A esta luz, alguns alunos propõem uma maior atenção em alguns temas, tais como a vida, o aborto, a sexualidade, a liberdade, entre outros.

Na segunda questão acerca dos conceitos de vocação e profissão, as respostas variam entre a diferença e/ou mútua relação. Na maioria dos casos, não existe clareza nas afirmações, pelo que ora situam-se numa diferença entre conceitos, ora numa semelhança. De modo global, os discentes interligam a profissão ao exercício de um ofício e a vocação como aquilo que se gosta, ou onde existe competência/habilidade para tal.

Por conseguinte, atendendo à singularidade da terceira questão, uma vez que se procura conhecer os objetivos futuros de cada discente, a turma responde de diferentes formas, embora com traços comuns: formar uma família, alcançar uma boa carreira e ter um bom salário. Poucos realçam como objetivo *ser feliz* e, de certo modo, orienta o docente para uma atitude de clareza a este respeito: o que entendem os alunos por felicidade? O que é preciso para ser-se feliz? E, em virtude do trabalho concentrado no tema do casamento, só dois alunos apontam como desejo futuro *casar*.

Na quarta questão, com horizonte na ação e influência dos meios de comunicação social na turma – de que modo os jovens dispõem do seu tempo livre? Em desporto e atividades ao ar livre? Ou em programas de televisão e outros passatempos dentro de casa? –, os discentes, sem muitas diferenças, situam como passatempo favorito *assistir filmes e séries* de televisão. Outros, e não deixa de ser interessante, reservam o seu tempo livre para a prática de *desporto*, frisando a importância de *sair* de casa, interagindo com outras pessoas. Por seu lado, um dos dados com relevo neste exercício está na perceção de que, uma escassa percentagem da turma, destaca o *estar ao telemóvel* como um hábito, uma ocupação nos tempos livres.

Na quinta questão, a propósito de *Casados à Primeira Vista*, a maioria da turma mostra o seu conhecimento do programa. Alguns avaliam o programa como *interessante, engraçado e bom* no entretenimento, bem como ao nível da experiência social em si. Outros classificam-no como *estranho e sem qualidade*, ao ponto de nada contribuir para uma boa construção social. Sobre isto, note-se a resposta de uma aluna, a qual observa que, apesar dos estudos realizados no programa ao nível da compatibilidade entre participantes, isto não significa a possibilidade de uma relação amorosa, muito menos duradoira, visto que o casamento se baseia numa relação prévia de conhecimento entre duas pessoas, e não no dinamismo contrário. Quanto àqueles que desconhecem o programa, não apresentam uma análise, mesmo com a questão do docente sobre o que sugere o título.

Em suma, com este exercício diagnóstico de conhecimento aos alunos, o docente consegue elementos essenciais, ao ponto que o ajuda na construção de uma planificação atenta à turma em questão. Assim, destaca-se o empenho, a ativa participação e a colaboração dos discentes com respostas concretas, concisas e fundamentadas neste exercício.

## **2. Análise da unidade letiva**

O Programa de Educação Moral e Religiosa Católica<sup>162</sup> para o 9.º ano propõe a lecionação de três unidades letivas: *a dignidade da Vida Humana; Deus, o grande Mistério; e o Projeto de Vida*. Atendendo ao estudo desenvolvido sobre o casamento/matrimónio, o ponto atual orienta-se numa análise da terceira unidade letiva, *o Projeto de Vida*, de modo a clarificar os conteúdos previstos para a lecionação. Em vista à sua articulação interna, sublinhe-se os temas essenciais, tendo em atenção as indicações do manual do 9.º Ano<sup>163</sup>: o conceito de *projeto*, através da ideia da sua construção e como esta se desenvolve; a *vocação*, numa descoberta à sua concetualização e modos concretos de resposta; e, por último, a temática da *felicidade*, onde se dinamiza o jogo das escolhas e opções na vida, implicando cada ser humano nessa construção inacabada. Assim sendo, à luz destas considerações, explora-se de seguida cada um destes temas.

### *2.1. O projeto de vida, uma abordagem concetual*

A análise da unidade letiva acima referida prevê, em linha inicial de reflexão, a abordagem ao conceito de projeto. Esta é feita em duas direções, as quais rumam no mesmo sentido: a fase inicial consiste na etimologia e derivações da palavra; a fase seguinte pauta-se pela construção de um projeto e como este se desenvolve. Neste sentido, objetiva-se a exposição do conceito de projeto e como este é o processo intrínseco à vida de cada pessoa. Na verdade, a vida revela-se como o projeto inerente à história de cada ser humano, que se vai construindo nas suas diversas

---

<sup>162</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã (coord.), *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Moscavide: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014).

<sup>163</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho (coord.), *Quero Ser! Manual do Aluno. Educação Moral e Religiosa Católica. 9.º Ano do Ensino Básico* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 93-124.

etapas, através do delineamento de objetivos e pelas demais escolhas, configurando a vida como caminho de responsabilidade e de sentido.<sup>164</sup> Por isso, intitula-se de *Projeto de Vida*.

Numa fase inicial, o conceito de projeto pode variar entre lançar para a frente e, numa outra derivação latina, pelo verbo *cogito*, pensar ou conceber. Mais, tendo em conta a formação deste verbo, ou seja, *con-agito*, o verbo *agito* significa fazer avançar ou pôr em movimento. Portanto, em qualquer uma destas derivações etimológicas, o conceito de projeto indica movimento, isto é, não é um processo estático, mas dinâmico, na medida em que não termina, mas desenvolve-se gradualmente. De facto, tanto no alemão, com os vocábulos *entwurf* e *plan*, como no francês, com o substantivo *projet*, o conceito reveste-se de uma nova significação, o de esboço, ditando essa contínua construção, um dinamismo sem fim, com linhas de projeção ora de êxito, ora sem. Desta forma, pode-se imaginar um projeto de vida não só como uma arquitetura, ou planta,<sup>165</sup> mas também como a construção de um edifício como, por exemplo, de uma casa.

Numa fase seguinte, o conceito de projeto conduz a um conjunto de verbos a si associados, tais como planear, avaliar, escolher, entre outros.<sup>166</sup> E, à luz do que é trabalhado anteriormente, um projeto, como construção que é, consiste num sistema de etapas, ou passos, que, de alguma maneira, tocam nos verbos acima mencionados. Ou seja, um projeto começa no delineamento de ideias, face a uma meta desejada, bem como de objetivos em vista a esse fim. De seguida, inicia-se a etapa do planeamento, no qual se procura a melhor forma de execução desses objetivos. Na última etapa visa-se o desenvolvimento de estratégias, de modo a avaliar o como chegar à meta desejada. Dito de outro modo, pode-se dizer que um projeto nasce num conjunto de ideias rumo a um fim. Neste caminho de construção entram em jogo os objetivos, os planos e as estratégias definidas, a fim de que, na sua articulação, se chegue à meta desejada. E já que um projeto de vida é diferente dos demais projetos da atividade humana, graças à sua condição

---

<sup>164</sup> Cf. *Ibidem*, 95.

<sup>165</sup> Na língua inglesa, o vocábulo *plan* significa planta, plano, projeto.

<sup>166</sup> Cf. *Ibidem*, 96.

de exclusividade, pois cada pessoa é chamada a traçar o seu caminho, através das suas escolhas, a meta está na sua felicidade, na realização pessoal.<sup>167</sup>

Em síntese, o projeto de vida não se resume ao delineamento de objetivos, mas à arquitetura e construção da história individual, como edificação de uma casa, na medida das decisões feitas ao longo desse caminho, configurando-lhe sentido e, por sua vez, responsabilidade. Na verdade, cada pessoa torna-se responsável pela construção da sua própria história, a qual, não obstante o desafio de escolhas pessoais, não deixa de influenciar o mundo de relações. Sem dúvida, é uma construção em conjunto, é o projeto de vida em relação com os outros.<sup>168</sup> E, tal como dito acima, um projeto de vida é diferente de todos os outros, próprios da atividade humana, pelo que não é caminho estático, mas dinâmico, em movimento e em construção com êxito e, por vezes, sem sucesso. Logo, é um caminho contínuo, inacabado e em evolução, tendo em conta o relevo das escolhas e decisões tomadas. É o conhecimento constante de *si* e da sua história em relação *com* os outros.

## 2.2. *À descoberta de um caminho vocacional: do conceito ao concreto*

Seguidamente à reflexão acerca do conceito de projeto e como este é o processo intrínseco da história de cada ser humano, o subponto atual intenta a descoberta etimológica de vocação, bem como a perceção dos seus modos concretos de ação no mundo. Aqui, note-se a necessidade de clarificação dos conceitos de vocação e profissão, assim como da sua relação, já que, muitas vezes, se identifica a primeira com o exercício de um ofício, ou função profissional: “a vocação pessoal, no entanto, não se limita ao exercício de uma atividade profissional”<sup>169</sup>. Efetivamente, a vocação é resposta a um chamamento específico no mundo, a qual se vai concretizando num projeto de vida.<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> Cf. *Ibidem*, 97.

<sup>168</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>169</sup> *Ibidem*, 100.

<sup>170</sup> Cf. *Ibidem*.

Em primeiro lugar, vocação vem do verbo *vocare*, que significa chamar, convidar, desafiar, provocar. Isto é, trata-se de um chamamento, de um convite, de um desafio, de uma provocação a algo concreto. E, se é um chamamento, este implica um jogo entre emissor e recetor. De facto, aquele que chama/convida, – o emissor – exige, ou provoca, através da ação de interpelar, uma resposta do recetor.<sup>171</sup> E é nesta dinâmica dialógica que se vai revelando, num caminho contínuo de descoberta, a vocação pessoal. Então, a vocação já não é só o chamamento a algo específico, mas a resposta dinâmica, porque atual e constante, de cada ser humano. Na perspetiva cristã, Deus chama cada pessoa a uma vocação concreta, em vista à felicidade, mas sempre em relação com os outros.<sup>172</sup> Além disso, é no contacto com os outros que o eu se descobre e se conhece. E, por meio deste conhecimento de si, vai-se traçando o caminho vocacional, tendo em conta as potencialidades, qualidades e características de cada um. Sobre isto, pode-se pensar a vocação, recorrendo à terminologia inglesa de *inclination*, como a tendência, ou a inclinação, para uma determinada resposta no mundo.

Em segundo lugar, a vocação e profissão não são conceitos independentes, mas dialogantes entre si. Ora, a profissão é o modo prático de responder à vocação pessoal, através do exercício de um ofício. Porventura, este pode, ou não, relacionar-se com a vocação pessoal.<sup>173</sup> A esta luz, profissão deriva do latim *professio*, que indica não só o exercício profissional, como também a ação de ensinar. Portanto, o seu conceito não fica somente pela descrição de um estado laboral, mas vai mais longe, na medida em que abre o horizonte do exercício laboral como ato de ensino. Mais, ainda que o ato laboral seja igual para todos, cada um é capaz de trazer algo único de si para esse ofício. Como complemento a esta fase, no inglês, com os vocábulos *job* e *profession*, e no italiano, com o termo *mestiere*, a profissão é entendida como obra, tarefa, função, carreira

---

<sup>171</sup> A resposta do recetor, no que toca ao *projeto de vida*, é a afirmação da sua responsabilidade na construção desse caminho de descoberta, da sua história pessoal. Consequentemente, essa descoberta só se torna possível, na medida de escolhas e opções, decidindo o seu próprio rumo. Neste dinamismo, vai-se construindo o *projeto de vida*, dando-lhe *sentido*. Como complemento ao conceito de *sentido*, veja-se o termo francês *vocation*: propósito.

<sup>172</sup> Na teologia bíblica, a relação é expressão de vida. E, se é vida, é júbilo, é alegria, é felicidade. Pelo contrário, a não-relação significa a morte. Logo, é sinónimo de tristeza, de abandono, de solidão, de infelicidade. Em síntese, a resposta à vida provoca, *per si*, a abertura a um outro. E é, em comunhão com ele, onde se descobre a vocação de toda a pessoa: *ser feliz*. Cf. *Ibidem*, 100-101.

<sup>173</sup> Cf. *Ibidem*, 101.

ou ofício. Como tal, já não é simples exercício laboral,<sup>174</sup> mas a resposta ao chamamento de dar sentido à vida, através do trabalho, de um ofício, o qual, à luz da sua etimologia, torna-se obra individual. E é assim, na maneira em que lhe-é dada, traz consigo, algo de único de quem a faz, transformando-a em obra de arte<sup>175</sup>.

Em último lugar, tal como é dito anteriormente, o caminho vocacional não só é a contínua descoberta de cada ser humano, mas a resposta ao chamamento de dar sentido à própria história. E esta ação configura na vida de cada pessoa um modo concreto de resposta, um sim atual e contínuo ao longo de um projeto de vida específico. Como exemplos disso: a formação de uma família, através ora do compromisso do casamento/matrimónio, ora da fecundidade do lar com o nascimento dos filhos, bem como a entrega da vida em serviço aos outros no ministério do sacerdócio. Assim, em vista à continuidade da análise da unidade letiva e a articulação com o núcleo deste estudo, detenha-se aqui a reflexão, para que se possa traçar algumas linhas sobre a etimologia de casamento e matrimónio.<sup>176</sup> Por um lado, casamento vem do latim *casamentum*, que, atendendo à formação da palavra (*casa-mentum*), significa uma propriedade rural, uma pequena quinta ou um terreno com habitação. Logo, o casamento alude à etapa inicial de um projeto a dois, retratado numa casa a ser habitada, ou melhor, a ser construída e transformada por eles. Por outro lado, matrimónio provém do latim *matrimonium*, o qual, tendo em conta a formação da palavra (*matri-monium*), expressa, ou faz pensar/lembrar, a qualidade/condição de mãe. Então, o seu conceito une-se à noção de fecundidade, alicerçada na relação. Aliás, é um dos dois modos de transmissão cultural na sociedade, onde se dá o vínculo entre duas pessoas, num movimento horizontal.<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> São características elementares de uma profissão as competências académicas, práticas e a renumeração, como troca/recompensa do trabalho.

<sup>175</sup> Sem forçar a reflexão, esta perspetiva do exercício laboral como arte na vida pessoal vai ao encontro da análise trabalhada mais à frente sobre a vida como arte, atendendo à meta de todo o ser humano, a *felicidade*, que se vai construindo num determinado caminho vocacional, num *projeto de vida*.

<sup>176</sup> Recorde-se que, no caso de um casamento civil, o vocábulo empregue é o de casamento. Porém, quando se trata de uma cerimónia ou casamento religioso, o termo utilizado é o de matrimónio.

<sup>177</sup> O outro vocábulo relacionado com *matrimonium*, ainda que com a sua independência, é *patrimonium*, ou seja, património. À luz da formação da palavra (*patri-monium*), esta comunica, faz pensar/lembrar, a condição de pai. Aliás, uma das suas derivações é a de herança, tal como no inglês, pelo termo *heritage*, e no alemão, com o termo *erbe*. Neste sentido, *patrimonium* é o outro modo de transmissão cultural, no qual se transmite/educa-se de geração

Em conclusão, o caminho vocacional já não é só um objetivo a descobrir continuamente, mas a resposta ao chamamento de dar sentido à vida pessoal. Esta não é sinónimo de solidão, ou isolamento, mas de relação com os outros, espaço de encontro e de contacto entre histórias, projetos e mundos. Por sua vez, a vocação não se limita ao exercício de um ofício laboral, mas é o seu núcleo, de onde recebe o desafio de dar sentido à história individual: “o importante não é apenas fazer coisas, mas fazê-las com um sentido, com uma orientação” (CV 257). Esta visa a felicidade como construção de um projeto de vida, sempre dinâmica e inacabada, através não só da procura, descoberta e resposta vocacional, mas também da atitude e vontade laboral em transformar a vida em obra de arte.

### 2.3. *A felicidade: a meta de um caminho de escolhas, o jogo da construção*

Na última etapa de análise da unidade letiva *o Projeto de Vida*, o horizonte da abordagem está na ideia de felicidade e como esta é construída ao longo da história de cada pessoa, a partir das suas opções e escolhas, revestindo, por sua vez, a vida de responsabilidade e sentido. Apesar da densidade e complexidade do tema, não se visa uma reflexão profunda, mas o delineamento de algumas ideias, tendo em conta o contexto pedagógico-educativo, de maneira a articular os diferentes temas da unidade letiva já mencionada: *o projeto de vida* como construção contínua, inacabada e dinâmica; a *vocação* como chamamento a algo específico, assim como a resposta sempre atual e constante a essa interpelação; e a *felicidade* como meta da longa trama individual e provocação à responsabilidade nas escolhas pessoais.

Num primeiro momento, felicidade procede do latim *felicitas*, que, por sua vez, se relaciona com as ideias de boa sorte, fecundidade e fertilidade. Ou seja, de um lado, a felicidade é efeito da sorte, de um estado de vida com o qual não se identifica a vulnerabilidade, o fracasso, o erro, o insucesso. Aliás, é notória esta ideia em várias terminologias, tais como: *luck* no inglês, *glück*

---

em geração, num movimento vertical. Dito de outro modo, é a transmissão contínua da identidade de uma família, na qual se preserva a sua herança, a sua cultura, as suas características identitárias. Aqui, sublinhe-se o termo inglês *property*, que, entre vários significados, define património e característica.

no alemão, *bonheur* no francês e *fortuna* no italiano. Em todos une-se a felicidade ao sentido de sorte. De outro lado, o contacto etimológico entre felicidade e fecundidade reveste a primeira de um novo significado, isto é, relaciona-se com a capacidade de gerar, de dar vida a algo novo. Todavia, não se delimita esta dinâmica a uma dimensão biológica, mas abre-se o horizonte para umas das respostas constantes ao longo da história pessoal: gerar no outro através da categoria de *ser-em-relação*. A título de exemplo, o docente é capaz de gerar nos seus alunos uma nova forma de olhar, de refletir/pensar, de agir no mundo. Não quer isto dizer uma transmissão de conteúdos, mas uma comunicação capaz de dialogar, refletir e de provocar. E, nesse movimento de geração, de doação de si, nomeadamente na reflexão académica, o docente sente-se realizado pelo facto de responder e corresponder à sua vocação, de levar a bom porto a sua função laboral. Logo, a felicidade é sempre construída na relação com os outros. Toda a proposta que recusa, que desafia essa relação não dinamiza um projeto de vida feliz, um caminho de felicidade.

Num segundo momento, “na pista que leva à felicidade, não existe linha de chegada”<sup>178</sup>. À luz desta afirmação, a felicidade não é um dado adquirível, ou definitivo, mas é caminho de movimentos, de dinâmicas oscilantes consoante as decisões e escolhas feitas por cada pessoa. Ora, cada um é chamado a dar sentido à sua própria história, como que artistas face a uma obra de arte.<sup>179</sup> Sem dúvida, “a vida não pode deixar de ser uma obra de arte se é uma vida humana – a vida de um ser dotado de vontade e liberdade de escolha”<sup>180</sup>. É nesta liberdade exclusiva, que cada ser humano é desafiado a ser responsável pelo seu próprio trajeto no mundo. É nas demais escolhas e decisões ao longo da história individual, que a vida é moldada e aperfeiçoada como obra de arte. Portanto, cada um é chamado a ser o seu próprio artista, o seu escultor.<sup>181</sup> Apesar da exclusividade de cada um no seu projeto, tal como é frisado anteriormente, o caminho não é solitário, ou em isolamento, mas em relação com os outros, pelo que, neste dinamismo

---

<sup>178</sup> Zygmunt Bauman. *A Arte da Vida* (Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2017), 21.

<sup>179</sup> Cf. *Ibidem*, 77: “...somos *artistas* capazes de criar e moldar coisas, tanto quanto podemos ser, nós mesmos, um *produto* dessa criação e moldagem...”.

<sup>180</sup> *Ibidem*.

<sup>181</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho (coord.), *Quero Ser!..., op. cit.*, 104.

de contacto com os outros e, se em contacto com outros, em relação com os seus objetivos, com as suas opções, com a sua história, o projeto de vida é um caminho de felicidade em conjunto. Efetivamente, “caminhando e crescendo juntos, daremos verdadeiro sentido à nossa vida”<sup>182</sup>.

Por fim, a articulação entre a meta de ser feliz e o jogo de escolhas a tomar no decurso da história pessoal significa o espaço, ou a dinâmica, onde se movimentam o sucesso e o insucesso, o erro e a aprendizagem, o êxito e o fracasso dessas opções. Com efeito, o caminho é construído, mesmo com a presença constante do *se*,<sup>183</sup> da incerteza sobre *se tudo correrá bem*.<sup>184</sup> Porém, é, por este dinamismo *incerto*<sup>185</sup>, que a vida, no seu projeto e na sua procura da felicidade, assume um sentido: a da responsabilidade e da criatividade na construção da sua história, da sua própria trama, porque “as nossas vidas, quer o saibamos ou não e quer o saudemos ou lamentemos, são obras de arte”<sup>186</sup>.

### 3. Planificação em ato no contexto de sala de aula

O exercício docente, no que toca à planificação de conteúdos, não se limita à criação de grelhas, ou planos de aula, como elementos centrais do ato da lecionação, mas exige uma outra dinâmica de trabalho e de reflexão desde o contexto escolar – o agrupamento, a escola, a turma, os discentes e outros atores da ação educativa – aos conteúdos a lecionar – a unidade letiva, as metas curriculares e os objetivos, de maneira que, com estes elementos, os planos de aula sejam fim, sejam resultado de uma dinâmica específica de preparação de conteúdos, e não meio de despersonalização.<sup>187</sup> Ora, atendendo aos conteúdos tratados anteriormente – a caracterização do agrupamento e da turma e a análise da unidade letiva –, este ponto visa a exposição do resultado

---

<sup>182</sup> *Ibidem*, 105.

<sup>183</sup> Cf. Zygmunt Bauman. *A Arte...*, *op. cit.*, 34.

<sup>184</sup> Cf. *Ibidem*, 78-79.

<sup>185</sup> Incerto no modo em que é habitado pela incerteza do êxito no caminho, mas alicerçado na confiança/certeza (*in-certeza*) de que aquela ou esta escolha são tomadas pela própria pessoa, revestindo-a de responsabilidade e sentido.

<sup>186</sup> *Ibidem*, 34.

<sup>187</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã (coord.), *Programa de Educação...*, *op. cit.*, 159.: “...uma boa planificação, que é sempre indispensável, exige que o docente adquira conhecimento sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a lecionação tanto aos Objetivos e conteúdos como à população discente”.

de uma planificação concreta e pensada para determinado contexto e turma. Por isso, designa-se de planificação em ato no contexto de sala de aula, pelo que apresenta três fases essenciais, a saber: a análise descritiva, no qual se descreve a leção; a leitura avaliativa, de modo que o docente seja capaz de construir uma leitura crítica não só de si, mas também dos seus projetos e planos educativos, visto que a planificação não deixa de ser construção contínua; e o plano de aula como resultado de um trabalho prévio de reflexão. Por outro lado, sublinha-se as metas curriculares<sup>188</sup>, bem como os objetivos previstos a alcançar em cada aula.

### 3.1. Aula 1: o conceito de projeto e como este se dinamiza

Nesta aula, o objetivo é estimular os alunos a serem capazes de identificar a necessidade e importância de projetos ao longo da vida pessoal como elementos de responsabilidade e sentido na construção da sua história. Como meta, os discentes devem reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, pelo que cada um é livre e goza do direito de pensar, de construir e escolher caminhos, mas sem esquecer que a vida não é um projeto isolado de todos.

#### 3.1.1. Análise descritiva

No percurso total de sete aulas, a primeira intervenção, em contexto de sala de aula, iniciou-se com recurso ao jogo da *forca*.<sup>189</sup> Este serviu não só como meio de acolhimento e estímulo dos alunos, mas também como introdução a um novo estudo, uma nova unidade letiva, *o projeto de vida*. No desenvolvimento desta dinâmica, foi notória certa confusão/agitação dos alunos, que, por sua vez, dificultou a escuta de cada um. Não obstante, após a descoberta de algumas

---

<sup>188</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 2.

<sup>189</sup> Este jogo consiste na seleção de uma palavra por parte de um moderador/orientador, o qual, com recurso a um quadro, dispõe o número de letras necessárias, por meio de tracejado, para completar a palavra-mistério. Esse estimula a participação do seu público, pedindo uma letra, de cada vez e com tempo, do alfabeto. Por um lado, caso a letra corresponda a algum tracejado, o jogo continua sem qualquer tipo de consequência. Por outro, caso não se insira, inicia-se a construção de um pelouro com uma figura pendurada, embora esta seja feita de forma gradual. Esta dinâmica pode chegar ao fim de duas formas: a primeira é no momento em que se descobre a palavra; a segunda pauta-se pelo momento em que é traçada uma linha horizontal entre a cabeça e o tronco da figura.

letras, a turma, na sua maioria, expôs a frase escondida: *projeto de vida*. Finda esta etapa inicial, o docente, auxiliado por uma apresentação PowerPoint,<sup>190</sup> começou a aula na sua fase nuclear.

Como complemento ao dinamismo de diálogo com os alunos, realizou-se uma recolha de palavras a partir de *projeto*. Entre alguns termos mencionados, realçou-se, por exemplo, planos, objetivos e, até mesmo, casa. Este resultou de uma reflexão com horizonte na arquitetura prévia à construção de uma casa. Atendendo às respostas, o docente aproveitou para fazer uma ponte a alguns verbos visíveis no PowerPoint: planejar, escolher, avaliar e caminhar. Posto isso, num modo mais sistemático, foram indicadas etapas que podem fazer parte de um projeto: das ideias à meta, passando pela reflexão dos objetivos, planos e estratégias. Contudo, ao observar alguma inquietude dos alunos, o professor recorreu à imagem da construção de uma casa, a fim de simplificar a linguagem. Nessa medida, ao recuperar a ideia de uma aluna, e estimulando, por conseguinte, a sua capacidade argumentativa, aprofundou-se esse processo de edificação da casa como um caminho dinâmico. Ou seja, oscila entre a tensão do sucesso e do insucesso, da aprendizagem e do erro. Mediante esta ideia, também se observou que a trama de um projeto de vida é um caminho feito por etapas, traçado, ao longo do percurso, por decisões, as quais revestem a vida de sentido, de responsabilidade, pelo facto de cada um ser chamado a construir o seu próprio caminho. É, nesta base, um caminho pessoal, mas não só. É também social, na medida em que se une a outras histórias, à própria teia de relações, pela sua capacidade de *ser-relação*.

Por fim, tendo em vista a aplicabilidade do que foi dito, refletido e comentado, o docente apresentou algumas questões como ponto de partida para a reflexão sobre o projeto individual de cada aluno, entre as quais: quem sou eu? Como me descreveria? Que objetivos tenho? Quais as minhas qualidades? A reação dos discentes a este exercício não foi tanto de motivação, mas de consideração de que tal já tinha sido feito no âmbito do acompanhamento vocacional escolar. A esta luz, o docente, face à imprevisibilidade dos discentes, salientou que a tarefa proposta se

---

<sup>190</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 3.

insere numa área mais densa, que perpassa o pensamento não só sobre uma futura profissão, mas também, e sobretudo, da vocação pessoal, em relação a um estudo psicológico vocacional, que visa somente o exercício e desempenho profissionais. Findo o estudo, e aproveitando alguns minutos para o toque de saída da sala de aula, o docente, com a ajuda dos alunos, fez a síntese da aula, salientando as ideias essenciais.

### 3.1.2. Leitura avaliativa

Realça-se, nesta aula, a conduta dos discentes, que, por vezes, se mostravam agitados na sala de aula com atitudes de conversas paralelas, bem como de comentários soltos, sobrepondo-se a um(a) outro(a) colega no seu tempo de palavra. Com efeito, este comportamento pode ter sido reação face a um professor desconhecido e que, por isso, recorreram a um jogo de leitura deste último e das suas estratégias na gestão da sala de aula. Não obstante os obstáculos, nota-se a capacidade de comunicação estimulante da turma. Por seu lado, sublinha-se a necessidade do docente em adotar outras estratégias, de modo a transformar a sala de aula num espaço de construção comunicativa entre docente e alunos.

### 3.1.3. Plano de aula



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Ano letivo 2018/2019

## Planificação de Aula

Unidade Letiva 03: O projeto de vida

Aula n.º 1

Ano: | Turma: 9.ªA

Data: 10 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 45 minutos

**SUMÁRIO: Introdução ao estudo sobre o projeto de vida: do conceito à exigência das escolhas pessoais.**

| Metas de aprendizagem  | Objetivos a atingir  | Conteúdos a desenvolver                        | Estratégias/Atividades de Ensino   | Recursos                                    | Tempo | Avaliação formativa  |
|--|--|--|--|---|-------|--|
|  |  |  | - Acolhimento e introdução à unidade letiva, recorrendo ao jogo da <i>forca</i> : à descoberta de <i>projeto de vida</i> .   | - Quadro e giz.                             | 10'   | Comportamento na entrada da sala de aula. Expressão oral. Respeito pelos outros e pelo tempo dado a cada um. |
| <b>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</b> | - Identificar a necessidade e importância de projetos na vida pessoal. | - Da conceitualização à descoberta de projeto. | - Apresentação PowerPoint n.º 1:<br><br>Num primeiro momento, o docente provoca os alunos a dizerem palavras/conceitos relacionados com projeto, em que estes últimos devem fundamentar a sua escolha. | - Manual do 9.º Ano, computador e projetor. | 30'   |  |
|  |  | - A vida como caminho interpessoal.            | Num segundo momento, o professor expõe uma possível estrutura de como <i>nasce</i> um projeto. A este propósito, de modo a facilitar a aprendizagem por parte dos                                      |   | (10') |  |
|  |  |  |  |   | (15') |  |

|  |  |  |  |  |                       |   |
|--|--|--|--|--|-----------------------|---|
|  |  |  | <p>discentes, o professor recorre à imagem da construção de uma casa: dos sonhos à meta, um caminho não só pessoal, mas também social.</p> <p>Num último momento, o docente propõe algumas questões fundamentais, que possam servir de ponto de partida para um projeto de vida: da necessidade do autoconhecimento à reflexão sobre os objetivos para o futuro. A partir deste ponto, os discentes são desafiados a apresentar uma possível projeção de futuro: 'como serei daqui a vinte anos?'</p> <p>- Síntese da aula, tendo em atenção o <i>feedback</i> dos alunos.</p> |  | <p>(5')</p> <p>5'</p> | <p>Capacidade de trabalho em turma.</p> |
|--|--|--|--|--|-----------------------|---|

### 3.2. Aula 2: da abordagem concetual de vocação e profissão a exemplos concretos

Nesta aula, os objetivos encontram-se no estímulo dos alunos a serem capazes de identificar a necessidade e importância de projetos ao longo da vida pessoal como elementos de sentido e responsabilidade na construção da história individual, mas também de reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade, de maneira a entender o *porquê* da escolha pelo sacerdócio. Como metas de aprendizagem, os discentes devem não só reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, pelo que cada um é livre e goza do direito de pensar, edificar e escolher caminhos, como também construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, de modo a perceberem *ao que leva* a escolher o sacramento da Ordem.

#### 3.2.1. Análise descritiva

Na segunda aula, orientou-se o estudo em vista aos conceitos de profissão e vocação, sendo que, no horizonte da reflexão, procurou-se entender de que forma os conceitos se relacionam. Assim, a fase inicial da aula pautou-se por uma revisão dos conteúdos trabalhados na semana anterior, de maneira a encadear o próprio pensamento. Aqui, os alunos participaram ativamente, não obstante o exercício de provocação por parte do docente, a fim de explorar, ao máximo, as ideias apreendidas pelos alunos. Findo este momento, o docente, recorrendo a uma apresentação PowerPoint,<sup>191</sup> deu início à fase central da aula.

Ao estudo sobre um determinado tema está implícito o movimento de uma problemática, isto é, o levantamento de interrogações. Neste sentido, como linha de condução da aula, foram apresentadas algumas questões, tendo em vista tanto uma abordagem aos conceitos de profissão e de vocação, como também alguns exemplos concretos dos mesmos. Assim, com recurso à etimologia das duas palavras, salientou-se, no essencial, o seguinte: a profissão é o modo prático de responder à vocação pessoal, e a vocação é a resposta ao chamamento de dar sentido à vida,

---

<sup>191</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 4.

através da responsabilidade das escolhas, que, conseqüentemente, vão construindo esse projeto contínuo. De sublinhar que, neste período da aula, os alunos, por eles mesmos, conseguiram estabelecer uma ponte com algumas ideias discutidas na aula passada. Por outro lado, no final desta exposição, fez-se, num modo de síntese, a leitura comparativa entre profissão e vocação, colocando em relevo o que os une, na medida em que o exercício profissional responde à vocação pessoal. A este propósito, os alunos interligaram esta ideia com o tema da felicidade.<sup>192</sup> Por seu lado, num formato mais dinâmico, o docente desafiou os discentes a reconhecerem, por meio de um jogo de exemplos, a imagem que correspondia ou à vocação, ou à profissão. Não obstante esta última se relacione com a primeira, tal como já exposto, o objetivo foi distinguir a condição de vida (vocação) do exercício de um ofício (profissão). No entanto, esta dinâmica não teve êxito completo, uma vez que se revelou confuso e ambíguo no seu propósito. Apesar deste obstáculo, os discentes não deixaram de interagir ativamente com o professor.

Numa última etapa da aula, o docente delineou alguns apontamentos sobre o sacerdócio e o trajeto até essa escolha vocacional, recorrendo, sobremaneira, à sua experiência pessoal desse percurso de alguns anos. Nesta fase da aula, os discentes mostraram-se bastante interessados e empenhados a descobrirem mais sobre o tema. Terminado o diálogo, num último apontamento, evidenciou-se o sacerdócio como um projeto de vida de serviço aos outros. Posto isto, embora se tenha planificado para o final da aula uma síntese da mesma, esta não foi possível, já que o tempo estabelecido para o diálogo sobre o sacerdócio se estendeu até ao toque de saída da sala de aula.

### 3.2.2. Leitura avaliativa

Nesta intervenção, salienta-se uma melhoria tanto no comportamento na sala de aula, como também na participação ativa dos discentes. De facto, a aula foi produtiva e estimulante, pelo

---

<sup>192</sup> Sobre isto, alguns comentários feitos pelos alunos: ‘uma pessoa que não trabalha naquilo que gosta não é feliz’; ‘um médico que não tem jeito para interagir com pessoas não é bom médico’; ‘existem pessoas que não são felizes, porque trabalham em áreas que não gostam ou não são estimulantes para elas’.

facto da atividade contínua dos alunos no progresso da mesma, ainda que se tenha evidenciado mais no momento do jogo de exemplos. Como referido acima, esta dinâmica mostrou-se algo confusa na sua objetividade. Por isso, reconhece-se a necessidade de adotar outro tipo/modo de dinâmica ou, até mesmo, de uma explicação prévia mais eficaz do jogo e do objetivo. Contudo, note-se que a dinâmica em si foi determinante na mudança de atitude dos discentes na sala de aula e, em certo sentido, do próprio docente.

### 3.2.3. Plano de aula



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Ano letivo 2018/2019

## Planificação de Aula

Aula n.º 2

**SUMÁRIO: A profissão e a vocação: da abordagem conceptual a exemplos concretos. Alguns apontamentos sobre a vocação ao sacerdócio.**

Data: 17 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 45 minutos

| Metas de aprendizagem  | Objetivos a atingir  | Conteúdos a desenvolver  | Estratégias/Atividades de Ensino  | Recursos                                    | Tempo        | Avaliação formativa  |
|--|--|--|---|---|--------------|--|
|  |  |  | - Acolhimento e revisão da aula anterior.   |   | 10'          | Comportamento na entrada da sala de aula. Expressão oral. Respeito pelos outros e pelo tempo dado a cada um. |
| <b>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</b> | - Identificar a necessidade e importância de projetos na vida pessoal. | - Vocação e profissão: das definições às concretizações no mundo social. | - Apresentação PowerPoint n.º 2:<br><br>Numa primeira etapa, o professor propõe um caminho de descoberta dos conceitos ora de profissão, ora de vocação, a partir das suas raízes latinas. De forma a facilitar a apreensão de algumas palavras fundamentais a este respeito, o discente explora, numa leitura comparativa, os dois modos de responder no mundo social. | - Manual do 9.º Ano, computador e projetor. | 30'<br>(13') | Capacidade de concentração.  |

|   |  |   |  |  |       |                                  |
|---|--|---|--|--|-------|----------------------------------|
| <b>Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b> | - Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade. | - A concretização da vocação no mundo social: o sacerdócio. | <p>Numa segunda etapa, através de um jogo de exemplos, os alunos são interpelados a responderem, consoante a imagem apresentada, se corresponde a um estado de vida (vocação) ou a um ofício concreto (profissão).</p> |  | (7')  | Capacidade de argumentação.      |
|   |  |   | <p>Numa última etapa da aula, o docente aborda, em breves considerações, o sacerdócio e, por sua vez, o trajeto prévio a essa escolha vocacional.</p>  |  | (10') |                                  |
|   |  |   | <p>- Síntese da aula, tendo em atenção o <i>feedback</i> dos alunos.</p>   |  | 5'    | Capacidade de trabalho em turma. |

### 3.3. Aula 3: o conceito de casamento e características essenciais

Nesta aula, o objetivo é estimular os alunos a serem capazes de identificar a necessidade e importância de projetos ao longo da vida pessoal como elementos de responsabilidade e sentido na construção da sua própria história e como esta se cruza com outros mundos, outros projetos, se encontra com um outro. Aqui, com particular destaque no casamento como projeto a dois. Como meta, os discentes devem reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, pelo que cada um deve ser respeitado na sua integridade e unidade.

#### 3.3.1. Análise descritiva

A terceira intervenção, em contexto de sala de aula, pautou-se por um estudo acerca do casamento. Num momento inicial, em formato de acolhimento, fez-se uma revisão de conteúdos trabalhados na aula anterior, contando com uma boa participação por parte de alguns alunos. De salientar a necessidade de alguma provocação do docente no diálogo com a turma, de modo a fortalecer algumas ideias não tão bem esclarecidas. Posto isto, e numa forma de articular as aulas, o docente recordou a etapa final da semana passada, onde apresentou o sacerdócio como projeto de serviço aos outros. Por seu lado, no horizonte do casamento sobressai a sua proposta de um caminho a dois. Neste sentido, e colocada à disposição da turma esta linha contínua na reflexão, começou-se a fase nuclear da aula com recurso a uma apresentação PowerPoint.<sup>193</sup>

Em conformidade com o método utilizado na aula anterior, esta teve como ponto de partida algumas questões introdutórias sobre o casamento: o que é? Em que se fundamenta? E o que se pode falar sobre este projeto? Num primeiro dado, o docente falou sobre a etimologia da palavra casamento, sendo que, previamente, procurou perceber quais as ideias tácitas dos alunos sobre isto. Com efeito, demonstraram que não tinham qualquer tipo de ideia a respeito deste assunto. Nessa medida, o docente prosseguiu com uma abordagem dos conteúdos: casamento, tendo em conta a sua raiz latina *casamentum*, significa *terreno com habitação*. Isto é, a existência de um

---

<sup>193</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 5.

espaço com uma casa representava a condição fundamental de um projeto de vida em conjunto. Desta forma, sem perder o fio condutor entre conteúdos, o docente lembrou o projeto de vida como construção contínua da casa. A essa visão, propôs o casamento como o *preencher* dessa casa a dois, onde a dinâmica oscila entre sucessos e insucessos. Dito de outro modo, é essencial edificar essa casa, tendo em atenção a sua manutenção e o investimento ininterrupto. Nesta fase da aula, assinala-se a atitude atenta dos discentes face ao pensamento orientado pelo professor.

Na continuidade, o desafio do docente concentrou-se no fundamento do casamento, ou seja, em que se baseia este modo de construção de vida. Aqui, os discentes, numa dinâmica de desconstrução e de descoberta, compreenderam como o alicerce de uma relação conjugal a comunicação (relação dialógica). Ou seja, como síntese daquilo que foi entendido pela turma, é fundamental a existência de uma relação de diálogo e comunicação, em que ambos se dedicam um ao outro. Por isso, anteriormente ao casamento pressupõe-se a existência de uma fase de conhecimento entre as duas pessoas, apesar de nunca acabada. Esta conclusão construída pelos alunos resultou de um diálogo com o docente, o qual, com recurso ao PowerPoint, elaborou uma problemática a partir da relação entre duas pessoas, A e B. Uma relação entre A e B, sendo que só existe um investimento ou um sentimento cultivado por parte de A face ao B, apresenta um fundamento sólido para um casamento? Ou vice-versa, onde só investe e sente o B face ao A? Ou ainda, uma relação entre A e B, onde não existe um investimento ou, até mesmo, um desconhecimento dos dois, expõe uma base sólida para um futuro casamento? Em todas estas questões, a turma, de forma unânime, respondeu negativamente. Só foi atribuída uma resposta positiva no caso da relação entre A e B, onde há investimento e conhecimento mútuos. No final desta dinâmica, o docente abriu a perspectiva dos alunos para o conteúdo da aula seguinte sobre o programa televisivo *Casados à Primeira Vista*. Aqui, foi notória a reação dos alunos a tal tema, por meio de comentários. Face a isto, o docente teve de intervir, lembrando o núcleo da presente aula.

Por fim, com recurso a um jogo, explorou-se o casamento no que se pode falar sobre ele, através de artigos de opinião e da legislação portuguesa. A título de exemplo, analisou-se este projeto a dois como: algo flexível, ainda que esta flexibilidade se dinamize numa estabilidade; como proposta de felicidade, embora exija sacrifício pessoal mediante os desafios diários; ou como contrato, que expressa visivelmente, como símbolo, o desejo de construir uma vida a dois. Como sùmula, o docente, contando com a atenção e a cooperação dos discentes, não só reviu conteúdos fulcrais trabalhados ao longo da aula, como também deu pistas para a aula seguinte.

### 3.3.2. Leitura avaliativa

Nesta terceira aula destaca-se o bom comportamento dos alunos, que, por conseguinte, ajudou na condução da própria aula não só a nível da abordagem de conteúdos, como também no diálogo entre docente e alunos. A este propósito, realça-se a atitude participativa da turma, apesar de ter sido feita somente por alguns discentes. De facto, com recurso aos dados relativos à semana anterior, percebe-se que a turma é capaz de um contributo mais ativo. Por seu lado, a utilização de alguns títulos dos artigos de opinião provocou ambiguidade na condução do jogo. Neste sentido, reconhece-se a necessidade ou de uma outra dinâmica, ou de mais tempo para justificar o recurso não só a esses títulos, como também aos próprios artigos. Aliás, em atenção ao tempo que restou no final da aula, o docente poderia ter explorado mais o jogo.

### 3.3.3. Plano de aula



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Ano letivo 2018/2019

## Planificação de Aula

Aula n.º 3

Data: 24 de janeiro de 2019

**SUMÁRIO: Análise à realidade do casamento: o conceito e algumas características essenciais.**

Tempo previsto: 45 minutos

| Metas de aprendizagem  | Objetivos a atingir  | Conteúdos a desenvolver                                    | Estratégias/Atividades de Ensino   | Recursos                 | Tempo           | Avaliação formativa  |
|--|--|--|--|--------------------------|-----------------|--|
|  |  |  | - Acolhimento e revisão da aula anterior.  |                          | 10'             | Comportamento na entrada da sala de aula. Expressão oral. Respeito pelos outros e pelo tempo dado a cada um. |
| <b>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</b> | - Identificar a necessidade e importância de projetos na vida pessoal. | - A concretização da vocação no mundo social: o casamento. | - Apresentação PowerPoint n.º 3:<br><br>Numa primeira fase, o docente propõe aos alunos três questões, as quais servirão como ponto de partida ao estudo na aula: o que é o casamento, o que o fundamenta e o que podemos falar sobre ele?<br><br>Interligando com conteúdos lecionados nas últimas aulas, numa segunda fase, o professor aborda o conceito de casamento a partir da sua raiz latina: o casamento como o | - Computador e projetor. | 30'<br><br>(5') | Capacidade de concentração.<br><br>Capacidade de argumentação  |

|  |  |  |  |  |                                    |   |
|--|--|--|--|--|------------------------------------|---|
|  |  |  | <p><i>preencher</i> contínuo de uma casa a dois.</p> <p>Posteriormente, os alunos são provocados a descobrirem o que fundamenta o casamento: a relação dialógica de amor entre duas pessoas. A este respeito, alguns apontamentos a apresentar pelo docente, com a finalidade de 'abrir o véu' para a aula seguinte: o programa televisivo 'casados à primeira vista'.</p> <p>Numa última fase, com recurso não só a artigos, mas também à legislação portuguesa, o professor provoca os alunos ao jogo do sim/não, de forma a apresentar algumas características a propósito do casamento.</p> <p>- Síntese da aula, tendo em atenção o <i>feedback</i> dos alunos.</p> |  | <p>(5')</p> <p>(20')</p> <p>5'</p> | <p>Capacidade de trabalho em turma.</p> |
|--|--|--|--|--|------------------------------------|---|

### 3.4. Aula 4: O programa de televisão *Casados à Primeira Vista*

Nesta aula, o objetivo é estimular os alunos a serem capazes de identificar a necessidade e importância de projetos ao longo da vida pessoal como elementos de responsabilidade e sentido na construção da sua própria história e como esta se cruza com outros mundos, outros projetos, se encontra com um outro. Aqui, com particular destaque no casamento como projeto a dois, tendo como objeto de reflexão o programa *Casados à Primeira Vista*. Como meta, os discentes devem reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, pelo que cada um deve ser respeitado na sua integridade e unidade.

#### 3.4.1. Análise descritiva

Na quarta aula intentou-se uma análise crítica ao programa *Casados à Primeira Vista*. Com efeito, o objetivo não se resumia a um levantamento de informações sobre os casais, mas, e sobretudo, num estudo exploratório de alguns aspetos relativos ao programa. Como tal, numa fase inicial, o docente, contando com a participação dos alunos, fez uma revisão dos conteúdos trabalhados na aula anterior, de modo a que estes servissem de apoio na análise. Feito este acento, a aula começou na sua fase central com recurso a uma apresentação PowerPoint,<sup>194</sup> a fim de auxiliar o docente na condução da aula.

À semelhança das lições anteriores, o estudo teve como ponto de partida várias questões. A título de exemplo: o que é o *Casados à Primeira Vista*? Onde surgiu? Qual a sua finalidade? Qual o método utilizado? Na abordagem a estes traços de problemática, o docente desafiou, em alguns momentos, os alunos a cooperar na construção do próprio estudo, na medida a não tornar a aula somente expositiva. Entre essas partes, e na tentativa de uma certa interdisciplinaridade, o docente, como resposta à questão sobre o local onde surgiu o programa, apresentou a bandeira da Dinamarca, pedindo o nome do país representado naquela bandeira. Noruega, Finlândia, Suécia, entre outros foram algumas das respostas dadas pelos alunos até à certa. Por meio deste

---

<sup>194</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 6.

exercício, os discentes consciencializaram-se da necessidade de um melhor empenho no âmbito da Geografia. Posto isto, avançou-se para uma exposição sobre a finalidade do programa e os modos de participação – ativa e passiva – em *Casados à Primeira Vista*, sem qualquer tipo de desafio para e com os alunos.

Num momento ulterior, o docente delineou com os alunos alguns traços do eneagrama de personalidade, não obstante os tenha avisado, previamente, de alguma dificuldade académica e científica. Nessa medida, foi realizada uma leitura superficial, onde se explicou, por exemplo, que, jogando numa análise de tipos de personalidade compatíveis, o tipo dois, o ajudante, só é compatível, segundo a leitura do programa *Casados à Primeira Vista*, com os tipos um, três, quatro e oito. Por um lado, a compatibilidade do tipo dois com o um e três resume-se ao facto de serem tipos de personalidade *vizinhos*. Por outro, a compatibilidade com os tipos quatro e oito consistem pela sua ligação direta. Terminada esta explicação, concretizou-se, num formato visual, com a apresentação de uma imagem, onde se podia observar à volta de uma mesa várias pessoas, as quais representavam, cada uma, os nove tipos de personalidade face à mesma situação.

Numa última fase da aula, os alunos foram estimulados a desenvolverem o seu espírito crítico, na medida em que, face a frases não só de artigos de opinião sobre *Casados à Primeira Vista*, mas também da obra *Amor Líquido* de Zygmunt Bauman, mobilizem algumas ideias trabalhadas sobre o casamento. Através desta tarefa, o docente provoca os alunos a construírem o seu próprio saber, encadeando a reflexão desenvolvida ao longo destas aulas. Na verdade, foi relevante a cooperação e estimulação dos discentes. Por exemplo, foram capazes de interligar a questão da responsabilidade associada às escolhas individuais, mediante o próprio projeto de vida, com o facto de os participantes não escolherem os seus parceiros, mas sim uma equipa de especialistas. Ou ainda, recordaram como base sólida do casamento uma relação dialógica, onde os dois investem de igual medida e dialogam entre si.

Como sinopse prática da aula, os discentes foram desafiados a um jogo, o qual consistiu em atribuírem a um conceito a sua realidade, ou seja, associarem ou ao casamento, ou ao programa *Casados à Primeira Vista*. Nesta fase, é de notar a atitude assertiva dos alunos, os quais conseguiram mobilizar, de facto, tudo o quanto foi trabalhado. Apesar da planificação de uma síntese mais teórica no final da aula, esta não foi feita, dado que o tempo da aula terminou. Todavia, também se mostrou desnecessária, já que se fez um jogo nesse sentido.

#### 3.4.2. Leitura avaliativa

Não obstante a agitação inicial da turma perante o tema proposto, esta mobilizou-se para o estudo face aos desafios do docente. Salienta-se a capacidade dos alunos na mobilização dos conhecimentos e execução das tarefas com aproveitamento. De resto, foi uma aula proveitosa e estimulante, onde se percebeu que o encadeamento das aulas estava a resultar e, por sua vez, os alunos estavam a conseguir desenvolver um espírito crítico.



|  |  |  |  |       |   |
|--|--|--|--|-------|---|
|  |  | <p>particular, o docente apresenta, numa forma simples, o instrumento de análise utilizado para conhecer os vários tipos de personalidade (o eneagrama), a fim de perceber o nível de compatibilidade entre os vários participantes do programa.</p> <p>Numa última etapa, com recurso a alguns artigos relacionados com a visibilidade do programa, o professor provoca os alunos com algumas citações, estimulando, por sua vez, a mobilização de conteúdos trabalhados nas aulas anteriores. Após a discussão das frases propostas, os discentes são desafiados a refletirem, em modo de jogo, sobre conceitos, a fim de os ligarem ou com o <i>casamento</i>, ou com o programa televisivo <i>Casados à Primeira Vista</i>, tendo em conta o que já foi trabalhado.</p> <p>- Síntese da aula, tendo em conta o <i>feedback</i> dos alunos.</p> |  | (15') | Capacidade de articulação com outros conteúdos estudados. |
|  |  |  |  | 5'    | Capacidade de trabalho em turma.                          |

### 3.5. Aula 5: o matrimónio à luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*

Nesta aula, os objetivos pautam-se pelo estímulo dos alunos a serem capazes de reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos, assim como de reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade, de maneira a entender o *porquê* da escolha pelo sacramento do matrimónio, e não somente pela celebração de um casamento civil. Como metas, os discentes devem não só reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, pelo que cada um deve ser respeitado na sua integridade e unidade, como também construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, de maneira a perceber a profundidade do sacramento do matrimónio, tendo como objeto de reflexão a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco.

#### 3.5.1. Análise descritiva

A quinta intervenção, em contexto de sala de aula, visou o estudo ao matrimónio, numa via de leitura à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco. Não se rumou à reflexão do matrimónio na sua perspetiva sacramental. Porém, de forma a complementar as duas últimas aulas, tentou-se transformar o *preencher* da casa, abordado no tema do casamento, em *dar vida* ao lar, numa perspetiva de comunhão e relação interpessoal, em vista ao cuidado da família, das relações. Em atenção a esta sequência na reflexão, o docente recordou, com a ajuda dos discentes, alguns dados analisados na aula anterior. Concluída esta revisão, o docente prosseguiu para a fase nuclear da aula, auxiliado por uma apresentação PowerPoint.<sup>195</sup>

Numa primeira fase, o docente introduziu o tema do matrimónio em vista à relação com o conceito de património. Tendo em conta a etimologia comum destes dois termos, abordou-se, através da raiz latina de ambos, a sua relação. De um lado, o matrimónio liga-se com o conceito de mãe. Logo, significa a fecundidade ou, no seu âmago, a relação, o vínculo entre duas pessoas. De outro, o património relaciona-se com o conceito de pai. Isto é, simboliza a herança ou, numa

---

<sup>195</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 7.

linguagem cultural diferente da atual, é a figura do sustento familiar. Portanto, os dois conceitos complementam-se, na medida em que representam dois modos de transmissão cultural. A esta luz, o docente completou a reflexão com uma referência ao movimento interlinear da sociedade: num dinamismo horizontal, onde se sublinha o matrimónio, encontra-se as relações e vínculos interpessoais; numa dinâmica vertical, onde se nota o património, encontra-se a transmissão de geração em geração.

Numa segunda fase, e como linha inicial de um pensamento mais centrado no matrimónio, os alunos foram confrontados com uma frase, retirada da *Amoris Laetitia*, em que colocava em evidência o matrimónio como caminho dinâmico, e não como um fardo tal como é anunciado e impulsionado no pensamento atual. De ressaltar, neste período da aula, o sublinhado da turma em *caminho dinâmico*, mobilizando, por sua vez, o pensamento para os conteúdos trabalhados em aulas anteriores. A título de exemplo, foram ditas algumas ideias tais como o facto desse dinamismo ou exigir uma flexibilidade face a desafios e obstáculos diários, ou representar a construção de uma casa, que, por conseguinte, deve-se investir continuamente. Além disto, os discentes atestaram a afirmação de que este projeto de vida é proposto, hoje em dia, não tanto como um projeto de felicidade, mas mais como uma obrigação social.

Numa terceira fase, foi apresentada como objeto de leitura e análise, tendo em conta o núcleo do estudo da aula, a passagem bíblica de 1Cor 13,4-7 como o dinamismo próprio do amor entre os esposos. Neste sentido, e feita a acentuação em algumas palavras do texto, expôs-se um conjunto de frases da *Amoris Laetitia*, a fim de que os discentes consigam não só associar ideias já trabalhadas, como também desenvolver o seu espírito crítico. Além disso, ainda que a violência doméstica não faça parte da unidade letiva, o docente, face ao acréscimo de notícias a esse respeito, abordou este tema através das frases mencionadas. Foi tratada esta questão, sobremaneira, por meio do conceito da paciência. De facto, a paciência é amar o outro na sua diferença, nas suas dificuldades e desafios, mas não é dizer *sim* à falta de respeito ou à violência. Ainda nesta perspetiva, lançou-se na sala de aula a afirmação de que os “ciúmes não é amor”,

uma vez que são efeito de um sentimento de posse, de propriedade sobre o outro. A esta luz, vários discentes discordaram e procuraram argumentar, o que, por conseguinte, fez com que o docente interviesse na discussão. Este não suspendeu a troca de ideias, mas orientou de modo a articular as várias opiniões<sup>196</sup>. Por sua vez, desafiou os alunos a verem o ciúme não como algo bom, na perspetiva de que se sente ciúme é porque ama, mas como mau e corrosivo na relação, na medida em que alimenta uma visão de posse sobre o outro. Com a evolução desta troca de argumentos, não se conseguiu prosseguir, devido ao toque para a saída da sala de aula.

### 3.5.2. Leitura avaliativa

Nesta quinta aula, notou-se alguma agitação por parte dos discentes face ao conteúdo inicial da lição, onde se ligaram os conceitos de matrimónio e de património. Não obstante isto, houve uma participação ativa, sobretudo, na fase dos comentários às afirmações, onde resultou uma troca de ideias sobre a paciência, a violência doméstica e os ciúmes. Apesar da planificação não ter sido cumprida, é positivo o tempo dado para a troca de ideias. Sobre isto, o professor pode pensar em mais dinâmicas a este nível da discussão e exposição, embora sejam necessárias estratégias de controlo no tempo de palavra de cada um e no seu próprio modo de expressão.

---

<sup>196</sup> Entre todos os elementos discutidos, evidencia-se a afirmação de uma aluna: ‘há ciúmes bons e ciúmes maus’.

### 3.5.3. Plano de aula



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Ano letivo 2018/2019

## Planificação de Aula

Aula n.º 5

Data: 14 de fevereiro de 2019

**SUMÁRIO: O matrimónio à luz da *Amoris Laetitia* do Papa Francisco. Alusão ao dia dos namorados.**

Tempo previsto: 45 minutos

| Metas de aprendizagem   | Objetivos a atingir  | Conteúdos a desenvolver                                     | Estratégias/Atividades de Ensino   | Recursos   | Tempo           | Avaliação formativa  |
|---|--|---|--|--|-----------------|--|
|   |  |   | - Acolhimento e revisão da aula anterior.  |  | 10'             | Comportamento na entrada da sala de aula. Expressão oral. Respeito pelos outros e pelo tempo dado a cada um. |
| <b>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</b>        | - Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos. | - A concretização da vocação no mundo social: o matrimónio. | - Apresentação PowerPoint n.º 5:<br><br>Num primeiro momento, o docente apresenta aos alunos a relação entre 'matrimónio' e 'património' como meio introdutório à aula.        | - Computador e projetor.   | 25'<br><br>(7') | Capacidade de concentração.  |
| <b>Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b> | - Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade.                       |   | Num segundo momento, os alunos são provocados com uma afirmação retirada da <i>Amoris Laetitia</i> , evidenciando o pensamento social moderno sobre o matrimónio como "fardo". | - Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i> do Papa Francisco. | (3')            | Capacidade de articulação com outros conteúdos trabalhados.  |

|  |  |  |  |                      |       |                                  |
|--|--|--|--|----------------------|-------|----------------------------------|
|  |  |  | <p>Num terceiro momento, é proposto uma passagem bíblica – 1Cor 13,4-7 – como imagem da fonte relacional entre esposos: a dinâmica do amor. Terminada a leitura e o realce de algumas partes desta passagem bíblica, o professor recorre a várias afirmações retiradas da Exortação supramencionada, de modo a que, através do seu aprofundamento, os alunos possam atribuir palavras já trabalhadas ao longo das aulas a cada afirmação. Finda esta apresentação, o docente, em modo de síntese, propõe aos alunos uma lista de termos/palavras fundamentais relacionadas com o casamento/matrimónio.</p> <p>- Síntese da aula, tendo em conta o <i>feedback</i> dos alunos.</p> <p>- Breve alusão ao <i>dia dos namorados</i>.</p> | - Sagrada Escritura. | (15') |                                  |
|  |  |  |  |                      | 5'    | Capacidade de trabalho em turma. |
|  |  |  |  |                      | 5'    |                                  |

### 3.6. Aula 6: a felicidade como meta pessoal e comum, o jogo construtivo de escolhas

Nesta aula, os objetivos pautam-se pelo estímulo dos alunos a serem capazes de reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos, assim como de reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade. Como metas de aprendizagem, os discentes devem não só reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, pelo que cada um deve ser respeitado na sua integridade e unidade, como também construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, de maneira a perceberem como a vida é um projeto em relação com os outros, e nunca isolado de todos.

#### 3.6.1. Análise descritiva

Na sexta aula planificou-se uma abordagem ao tema da felicidade, tendo como pano de fundo o projeto de vida ao nível da sua construção pessoal e social. Além disso, expôs-se alguns traços próprios do jogo da vida: de um lado, o dinamismo entre os sucessos e os insucessos, as vitórias e os erros; de outro, a tensão entre *ter* e *ser*, onde a felicidade se encontra na medida da relação com outros, e não tanto pela conquista de poder, dinheiro, influência social em recusa dessa abertura a um outro. Embora este objetivo, o docente, numa fase inicial da aula, terminou a explanação de alguns dados da aula anterior, já que tal não foi possível, devido ao período de tempo dado à discussão de certos assuntos. Posto isto, numa linha de consolidação de conteúdos sobre o matrimónio e, até mesmo, de alusão ao dia dos namorados, o docente seguiu para a fase central do estudo na aula, recorrendo a uma apresentação PowerPoint.<sup>197</sup>

Numa primeira etapa, o docente lembrou certos conceitos tratados nas aulas anteriores tais como, por exemplo, a vocação, construção contínua, caminho dinâmico, a responsabilidade implícita nas escolhas tomadas individualmente, que dão sentido à história pessoal. A esta luz, e em vista a uma interdisciplinaridade, o docente provocou os alunos com a visualização de dois quadros como imagens do jogo da vida. Este pauta-se pela tensão entre a alegria do sucesso

---

<sup>197</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 8.

e aprendizagem e a tristeza do insucesso e erro. No primeiro caso, exibiu-se o *Lucheon of the Boating Party* de Pierre Renoir, de modo a retratar a relação interpessoal, a alegria da comunhão e do convívio. A este respeito, o docente apontou a presença de vinho na mesa como símbolo da alegria, segundo a perspectiva teológica-bíblica. No segundo caso, mostrou o *skirk*, o grito, de Edvard Munch, a fim de expressar o sofrimento, a dor, a tristeza, os erros e as dificuldades próprias da vida. Neste dinamismo, os discentes revelaram-se interessados e participativos, na medida em que procuraram descodificar as próprias imagens, embora, em poucos momentos, o docente teve de relembrar o objetivo deste exercício visual.

Numa segunda etapa, o professor abordou o conceito de felicidade, com recurso não só à sua etimologia, como também no acento de outros conceitos da mesma raiz. Então, o docente, perspetivando uma maior facilidade de compreensão, optou por um realce nas terminologias de fecundidade/fertilidade, as quais significam a capacidade de gerar, de dar vida a algo novo. Não obstante, tal afirmação não consiste numa ideia puramente biológica, mas retrata um processo intrínseco ao ato de viver em relação. Por outras palavras, a ação de dar vida nova, de renovar é um dos desafios contínuos ao longo da vida. Face à incompreensão dos alunos, o docente deu um exemplo: no âmbito da educação, o professor gera/produz algo novo nos alunos, na medida em que os estimula ao nível da reflexão ou, até mesmo, da sua criatividade. Por isso, todo o ato fecundo está relacionado com a capacidade humana de *ser-relação* com o outro. À luz disto, o docente ligou os conceitos de fecundidade/fertilidade com o de felicidade, onde este último só surge na relação com o Outro e, portanto, todo o movimento contra esta dinâmica de relação não propõe um projeto de felicidade. Num horizonte mais vasto, é o plano do ter ao serviço do ser, e não o oposto como é acentuado numa proposta social consumista.

Numa terceira etapa, o professor provocou os discentes a comentarem um conjunto de afirmações, tendo como linha orientadora as noções acima trabalhadas. De notar, neste período da aula, tanto a capacidade de mobilização dos conhecimentos por parte dos alunos, como o êxito na objetividade desta dinâmica, a saber: a felicidade não é uma proposta adquirível, não

se compra; não é um projeto acabado, mas uma construção contínua; é um caminho que passa pela responsabilidade vislumbrada nas escolhas, as quais tornam cada um o escultor/artista da sua própria história. Além disso, este exercício despertou a atenção dos alunos, de modo a que o diálogo entre estes e o docente ocupou algum tempo da aula. Por conseguinte, com pouco espaço de tempo disponível, o docente só teve oportunidade de explorar superficialmente o jogo das operações. Este consistia no retrato da tensão entre ter e ser. E, tal como foi trabalhado no início da aula, um projeto de felicidade surge na medida em que o poder, o dinheiro ou a influência social não se servem das pessoas para atingir esse fim, mas é um meio de relação com os outros. Não obstante a sua previsão, não foi possível realizar uma síntese da aula, devido à conclusão do tempo na sala de aula.

### 3.6.2. Leitura avaliativa

Nesta aula, é de realçar a participação e atenção da turma, tal como tem sido recorrente nas últimas lições. Além disso, alguns alunos conseguiram mobilizar conteúdos nucleares, não só a nível indicativo, mas, e sobretudo, concretizaram os conteúdos, de maneira aprofundada. Com efeito, o docente, no início da aula, teve de intervir, uma vez que a entrada na sala de aula e os momentos iniciais da mesma foram marcados por alguma confusão e agitação por parte dos discentes. Tudo isto não influenciou o resto da aula. Por seu lado, é de salientar os exercícios baseados na projeção de afirmações como estímulo à reflexão crítica dos alunos.

### 3.6.3. Plano de aula



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Ano letivo 2018/2019

## Planificação de Aula

Aula n.º 6

**SUMÁRIO: Apontamentos sobre a aula anterior a respeito do matrimónio. A felicidade como meta individual e comum. O jogo entre 'ter' e 'ser': a sua provocação no mundo das relações.**

Data: 21 de fevereiro de 2019

Tempo previsto: 45 minutos

| Metas de aprendizagem  | Objetivos a atingir  | Conteúdos a desenvolver                    | Estratégias/Atividades de Ensino  | Recursos                 | Tempo           | Avaliação formativa  |
|--|--|--|---|--------------------------|-----------------|--|
|  |  |  | Acolhimento e considerações finais a propósito da última aula.  |                          | 13'             | Comportamento na entrada da sala de aula. Capacidade de concentração.  |
| <b>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</b> | - Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos. | - A felicidade como meta pessoal e social. | - Apresentação PowerPoint n.º 6:<br><br>Numa primeira etapa, o professor recorda alguns conceitos já trabalhados ao longo das aulas como caminho dinâmico, a responsabilidade implicada nas múltiplas escolhas/opções no decurso da história pessoal, entre outros. Findo este momento, os alunos são provocados, a partir da visualização de dois quadros (um de Edvard Munch e outro de Pierre Renoir), a pensar no jogo da vida, que oscila entre várias fases: a alegria, a vitória, o erro, o fracasso, a persistência, o esforço, etc. Por um | - Computador e projetor. | 27'<br><br>(7') | Capacidade de articulação com outros conteúdos trabalhados. Expressão oral. Respeito pelos outros e pelo tempo dado a cada um. |

|  |   |   |   |  |              |                                    |
|--|---|---|---|--|--------------|------------------------------------|
| <p><b>Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b></p> | <p>- Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade.</p> | <p>- A construção da felicidade como jogo: o 'ter' ao serviço do 'ser'.</p> | <p>lado, a pintura de Pierre Renoir (<i>Luncheon of the Boarding Party</i>) representará a alegria da comunhão, do convívio, da relação interpessoal. Neste sentido, o docente indicará a presença do vinho na mesa como símbolo da alegria, como apresenta a Sagrada Escritura. Por seu lado, o grito de Edvard Munch (<i>skirk</i>) apresentará as dores, sofrimentos, fracassos, erros próprios de um caminho cheio de dinamismo.</p> <p>Numa segunda etapa, o professor fala sobre a felicidade a partir da raiz latina, a qual, entre outros termos, pode significar fecundidade ou fertilidade. Estas representam a capacidade de gerar, de dar vida a algo novo. Este dinamismo não é exclusivo de uma dimensão biológica, mas constitui uma de várias respostas ao longo da vida: gerar algo novo pode-se ligar à questão da educação, do pensamento, do modo de ser no mundo, da fé, etc. Portanto, a felicidade está inerente à condição de ser-em-relação com os outros, e não tanto, como parece evidente na sociedade atual, pelo ter, isto é, pelo poder, pela influência e outras formas de tornar objetos o que está em redor ao serviço do 'eu'.</p> | <p>- A Arte da Vida de Zygmunt Bauman e o manual do 9.º Ano.</p> | <p>(7')</p>  | <p>Capacidade de argumentação.</p> |
|  |   | <p>- As várias opções de vida e a 'Opção fundamental'.</p>                  | <p>Numa terceira etapa, o docente projeta algumas afirmações como ponto de partida para uma reflexão mais próxima do núcleo da aula: a tensão entre o <i>ser</i> e o <i>ter</i>.</p>  |  | <p>(13')</p> |                                    |

|  |  |  |   |  |    |                                  |
|--|--|--|---|--|----|----------------------------------|
|  |  |  | <p>Terminado esse momento, em forma de síntese, o docente apresenta a 'operação das opções', provocando a consciência dos alunos sobre a influência das coisas no modo de ser no mundo das relações.</p> <p>- Síntese da aula, tendo em conta o <i>feedback</i> dos alunos.</p> |  | 5' | Capacidade de trabalho em turma. |
|--|--|--|---|--|----|----------------------------------|

### 3.7. Aula 7: Síntese da unidade letiva, o Projeto de Vida

Esta última aula, num percurso total de sete, articula as metas de aprendizagem e objetivos propostos em cada uma das aulas anteriores. Assim sendo, como objetivos, espera-se que os alunos sejam capazes de identificar a necessidade e importância de projetos na vida pessoal como elementos de responsabilidade e sentido na construção da história individual, reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos e a Fé como elemento constitutivo da experiência da felicidade. Quanto às metas de aprendizagem, os discentes devem não só reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade de cada ser humano, como ainda construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

#### 3.7.1. Análise descritiva

A sétima intervenção, em contexto de sala de sala, organizou-se em vista a uma revisão de todos os conteúdos trabalhados no decurso de seis aulas anteriores, de modo a que se pudesse mostrar aos discentes a articulação de todo o estudo e, por conseguinte, a sua interdependência. Dessa forma, esta aula consistiu, sobretudo, num diálogo constante entre o docente e a turma, a fim de que o primeiro entendesse se tudo o quanto foi analisado, ficou compreendido, ou não, pelos alunos e, à luz disto, se lhes fez sentido toda esta reflexão. Assim, o docente, auxiliado por uma apresentação PowerPoint,<sup>198</sup> deu início à aula na sua fase central.

Como linha introdutória, o professor recordou o modo sistemático da elaboração de um projeto, exposto na primeira aula, que perpassa a fase inicial das ideias até à chegada à meta. Neste caminho feito por etapas não se esquece os objetivos, planos e estratégias a adotar. À luz disto, mostrou-se, por meio deste esquema de construção, o desenvolvimento das aulas e como todos os assuntos trabalhados inserem-se numa etapa específica do projeto de vida. Portanto, nas ideias, inseriu-se o estudo concetual da profissão e da vocação; nos objetivos, trabalhou-se o sacerdócio, o casamento, o programa televisivo *Casados à Primeira Vista* e o matrimónio; no

---

<sup>198</sup> Disponível na secção dos Anexos como documento 9.

âmbito dos planos, salientou-se a importância das opções individuais na construção do próprio projeto, o que reveste de responsabilidade a história pessoal; na área das estratégias, notou-se a essencial criação de modos de superação face às dificuldades, como ainda de facilitação nesse projeto de vida; ao nível da meta, explorou-se o conceito de felicidade e como esta resulta só a partir da capacidade de abertura a um outro.

No seguimento desta organização de ideias, o docente, contando com a cooperação dos alunos, relembrou certos conceitos fulcrais a respeito de cada aula, tendo em conta o seu estudo. Assim, no campo da vocação e da profissão, realçou-se que a primeira, em síntese, é a ação de resposta ao chamamento de dar sentido à vida. Unido a isto encontra-se o exercício profissional como o modo prático de resposta à vocação pessoal, onde estão implícitas as competências académicas, práticas e a remuneração face a esse ofício. Por outro lado, ao nível do casamento e do matrimónio, propôs-se a necessidade de transformação do *preencher* da casa, trabalhado no casamento, em construção a dois de uma família, de um lar com vida, com relação, onde são condições entre os esposos a fidelidade, compromisso, respeito, cooperação, flexibilidade face aos desafios diários, entre outras. Aqui, salientou-se a fundamental consciência de que qualquer tipo de violência não é retrato de amor, mas imagem de um sentimento de posse do outro. Um outro elemento recapitulado foi a importância da comunicação/diálogo entre um casal, em que, numa dinâmica de respeito entre a escuta e resposta, se trabalham as diferenças, os obstáculos, as dificuldades vividas numa relação a dois. Por seu lado, no âmbito da felicidade, apontou-se este caminho como um projeto vivido em relação com o Outro. É um projeto inacabado e, tal como na descoberta contínua da vocação pessoal, a felicidade é um itinerário repleto de vários traços, onde a tela da vida é preenchida por sucessos e insucessos, erros e aprendizagens. Neste projeto também está inerente o jogo do ter ao serviço do ser, no qual o mundo de relações não é um meio para alcançar poder, dinheiro ou influência social, mas estes últimos são colocados ao serviço dessa teia de relações. Nesta linha, abriu-se o horizonte da reflexão ao propor a fé como caminho de felicidade, em que esta é resposta de confiança face ao chamamento de um

Outro, que Se revela e Se dá a conhecer. Neste período da aula, os alunos mostravam sinais de alguma agitação. Desafiado por este ambiente, o docente prosseguiu para a fase seguinte, dado que a proposta se inseria numa dinâmica mais apelativa.

Como conclusão do estudo e, por isso, da unidade letiva, num tom de desafio aos alunos, foi sugerida a visualização da música *I was here* da cantora Beyoncé, divulgada pela ocasião do dia mundial da ajuda humanitária, com o pedido de atenção à letra da música. Concluída a canção, o docente analisou o sentido do vídeo, interpelando os discentes para a importância das suas decisões/escolhas individuais, rumo à construção do seu projeto de vida. Sublinhou-se também que cada um é artista/escultor da sua história pessoal. Nesta linha, também se assinalou o valor do legado, do testemunho a deixar em cada membro da sua teia de relações, como que imprimindo a sua memória num tempo e espaço contínuos. Findo este processo de descoberta, o docente não só agradeceu aos alunos a sua participação e atenção ao longo das sete aulas, mas também pediu aos alunos aspetos a notar e aperfeiçoar no futuro ao nível da lecionação. Apesar do pedido do docente, nada foi pronunciado, a não ser a gratidão pelo estudo acompanhado.

### 3.7.2. Leitura avaliativa

Nesta última sessão, acentua-se a cooperação, atenção e prontidão dos alunos perante os desafios do docente. Foi estimulante e interessante a confirmação de que os conteúdos tratados foram apreendidos pelos alunos. Estes não ficaram só numa linha de memorização de noções, mas de articulação entre conceitos e incentivo à capacidade crítica dos mesmos. Como súplica, esta turma pautou-se por um espírito de descoberta incessante e participação ativa, embora, em certas ocasiões de gestão de sala de aula, o docente teve de intervir, a fim de recuperar o foco da turma.

### 3.7.3. Plano de aula



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Ano letivo 2018/2019

## Planificação de Aula

Aula n.º 7

Data: 07 de março de 2019

Tempo previsto: 45 minutos

**SUMÁRIO: Revisão dos conteúdos lecionados a propósito da unidade letiva, o projeto de vida.**

| Metas de aprendizagem   | Objetivos a atingir  | Conteúdos a desenvolver  | Estratégias/Atividades de Ensino   | Recursos                | Tempo        | Avaliação formativa   |
|---|--|--|--|-------------------------|--------------|---|
|   |  |  | Acolhimento.   |                         | 5'           | Comportamento na entrada da sala de aula.   |
| <b>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</b>        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a necessidade e importância de projetos na vida pessoal.</li> <li>- Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O projeto de vida como construção de uma casa: a trama de um caminho dinâmico.</li> <li>- Por um projeto vocacional: a resposta ao chamamento de dar sentido à vida. As escolhas profissionais em relação com as opções vocacionais.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação PowerPoint n.º 7:</li> </ul> <p>Num primeiro momento, os alunos são provocados a demonstrar os conteúdos, que apreenderam ao longo de seis aulas, em conformidade com as questões e os conceitos propostos pelo docente: desde a imagem do projeto de vida como construção de uma casa à leitura do caminho de descoberta da felicidade não só como arte, mas também como jogo, passando pelo casamento chamado não só a ser o <i>preencher</i> da casa, como também, e sobretudo, a dar vida à mesma (matrimónio). Na linha de proposta da felicidade como construção da relação com os outros,</p> | - Computador e projetor | 35'<br>(30') | Capacidade de diálogo argumentação com articulação aos vários conteúdos trabalhados. Respeito pelos outros e pelo tempo dado a cada um. |
| <b>Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O casamento e matrimónio: do <i>preencher</i> da casa à fecundidade do lar.</li> <li>- A felicidade: a procura como Arte e o jogo do <i>ter</i> ao serviço do <i>ser</i>.</li> </ul>  |  |                         |              |   |

|  |  |  |  |      |                             |
|--|--|--|--|------|-----------------------------|
|  |  | <p>o docente abre o horizonte para a fé como resposta de confiança a um Outro, que Se revela e chama: um puro dinamismo de revelação e reconhecimento, os quais se implicam mutuamente.</p> <p>Num segundo momento, a partir da visualização da música <i>I was here</i> da cantora Beyoncé, divulgada por ocasião do dia mundial da ajuda humanitária, os discentes são desafiados a um novo olhar sobre o seu próprio projeto de vida, de modo a compreenderem a importância do testemunho, do legado a deixar no mundo, como que imprimindo a sua memória naqueles(as) que fazem parte dos seus laços relacionais.</p> <p>- Finda a apresentação, o professor agradece o trabalho e o estudo mútuos dinamizados através da relação com os alunos.</p> |  | (5') | Capacidade de concentração. |
|  |  |  |  | 5'   |                             |

#### 4. Pontos de reflexão

“O mundo atual coloca desafios novos à educação”<sup>199</sup>, devido não só à evolução crescente no campo tecnológico e científico, mas também, e sobretudo, como esta vai transformando em algo novo o modo de pensar, de estar, de agir do ser humano no mundo. Como tal, a educação, ou a ação educativa, ao vislumbrar esta mudança, é desafiada à reflexão e ao debate de questões emergentes. De facto, ela é o espaço de crescimento humano, da consciência analítica e crítica, de vínculos e relações humanas. Por isso, a educação, sobremaneira o trabalho desenvolvido na relação entre docente e discentes, está longe de ser uma simples transmissão de ideias, noções e categorias, mas sim a comunicação construtiva de conteúdos, onde o diálogo e a interação dos diferentes modos de ser rumam a uma construção tanto individual, como social. Deste modo, o ponto atual orienta-se em vista a uma articulação entre o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória e o programa de Educação Moral e Religiosa Católica, nas suas metas curriculares, relacionando-os com o estudo dos capítulos anteriores sobre *Casados à Primeira Vista* e acerca do casamento/matrimónio.

Por um lado, todo o discente, à saída da escolaridade obrigatória, deve estar “munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia”<sup>200</sup>. Mais, deve ser “capaz de pensar crítica e autonomamente”<sup>201</sup>, de maneira a que possa participar ativamente na construção social, através da reflexão e da ação no seu mundo de relações. Nesta linha, o programa de Educação Moral e Religiosa Católica propõe como metas curriculares, ou de aprendizagem, atendendo à sua matriz cristã católica, a construção de uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, a qual implica o reconhecimento, à luz da mensagem cristã, da dignidade do ser humano.<sup>202</sup> Por sua vez, todo o aluno deve ser

---

<sup>199</sup> Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e Ciência, 2017), 7.

<sup>200</sup> *Ibidem*, 15.

<sup>201</sup> *Ibidem*.

<sup>202</sup> Cf. *Ibidem*: “...que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático”.

capaz de identificar não só o núcleo central do cristianismo e do catolicismo, mas também os valores evangélicos, de modo a conseguir estabelecer o diálogo entre cultura e fé. Este só se torna possível na medida em que se abre ao conhecimento contínuo, ou seja, é “apto a continuar a aprendizagem ao longo da vida, como fator decisivo do seu desenvolvimento pessoal e da sua intervenção social”<sup>203</sup>. À luz desta abertura ao diálogo e da procura de conhecimento, face a uma realidade social em crescente evolução, o discente deve ser apto a identificar o fundamento religioso da moral cristã, de modo a ser capaz de responder aos desafios diários e às propostas sempre novas do mundo tecnológico, bem como científico. Em tudo, deve ser “capaz de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação”<sup>204</sup>.

Por outro lado, na medida do estímulo e da promoção de uma consciência analítica e crítica, o aluno, face à transmissão de *Casados à Primeira Vista*, é desafiado à reflexão ora no campo das relações, ora ao nível da perceção sobre o casamento nas suas linhas civis, mas também, e porque a disciplina é de Educação Moral e Religiosa Católica, a respeito do matrimónio na sua ação sacramental, isto é, como sacramento. Aqui, pressupõe-se como metas adquiridas pelo aluno à saída da escolaridade obrigatória: o conhecimento da mensagem e cultura bíblicas, de modo a articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica. Por seu lado, deve ser capaz de descobrir a simbólica cristã, numa maneira particular, do sacramento do matrimónio, o que, conseqüentemente, o orienta ao amadurecimento da sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, através do vínculo matrimonial enquanto exclusivo e perpétuo. Atendendo aos conteúdos acima propostos, sobre a unidade letiva *o Projeto de Vida*, a história individual é um caminho contínuo, de encontros e desencontros, de escolhas e opções tomadas pela própria pessoa. É nesta ação de resposta, na promoção da escolha individual, que cada um é capaz de se reconhecer como “livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia”<sup>205</sup>. Na consciência da existência de um outro, a vida deixa de ser

---

<sup>203</sup> *Ibidem.*

<sup>204</sup> *Ibidem.*

<sup>205</sup> *Ibidem.*

vista como um projeto isolado de todos, mas inclusivo a outros projetos, por vezes, comuns. Esse é o caso do casamento/matrimónio, no qual duas pessoas se unem na promessa de traçarem um caminho a dois, um projeto comum.

Em conclusão, a ação educativa, à luz da relação entre docente e discentes, não é a simples tarefa de transmitir ideias ou conceções formatadas, mas de estimular e promover a reflexão e a consciência analítica e crítica daqueles que ontem, hoje e amanhã são futuros construtores de uma sociedade em mudança, de um tempo e um mundo em transformação. A título de exemplo, veja-se o novo modelo relacional e como estas se dinamizam de diferente forma em comparação a tempos passados. Não é crise de relação, mas uma nova forma de comunicação. E, em vista à sua leitura e análise, é essencial as ferramentas de uma reflexão crítica, que constrói, não destrói. De facto, é esta a potencialidade da Educação Moral e Religiosa Católica, pela qual o estímulo e o desafio da reflexão, à luz da fé cristã, propõem: um novo olhar, um transformado modo de *ser* no mundo.

## CONCLUSÃO

“O amor, claramente, é aquilo que dá sentido à nossa vida, porque uma vida sem amor não valeria muito”<sup>206</sup>. É nesta dinâmica pela qual o atual Relatório se faz conduzir, se deixa orientar, à luz de uma reflexão individual face a um tempo renovado, a novas formas de comunicar e de construir as relações humanas, de viver e celebrar a vida e o amor. Perante isto, é fundamental uma atitude de reflexão e de posicionamento crítico, de modo que a construção social não seja apenas tarefa de alguns, mas de todos. Neste propósito se associa a Educação Moral e Religiosa Católica, de maneira a que estimula a uma educação interativa, dinâmica, de comunicação e de diálogo desafiante entre docente e discentes. Na mesma lógica, intenta-se que o estudo, ao longo da estrutura de três capítulos em diferentes movimentos, seja, de facto, um autêntico contributo de reflexão.

Ora, a educação sem comunicação não é verdadeira aprendizagem, tal como a reflexão sem existência não é capaz de trazer à superfície a densidade e complexidade da vida humana. Deste modo, o Relatório Final, que é expressão da concretização de uma meta e o início de uma nova etapa, é um estudo existencial, na medida em que lê e analisa o programa de televisão *Casados à Primeira Vista*, assim como teológico, na maneira em como redescobre, exprime e renova o olhar sobre o sacramento do matrimónio cristão católico. Este é, sem dúvida, o projeto traçado até aqui: mais do que um tratado litúrgico-sacramental, é, na verdade, o convite à reflexão sobre o mundo social, sobremaneira no campo dos meios de comunicação social, como é a televisão. Aliás, não é estranho, nem novidade a crescente exibição de experiências sociais, cujo objetivo reside na união de pessoas, na criação de relacionamentos, no jogo das relações humanas. Face a este fenómeno, o dinamismo crítico sem construção não é resposta, mas sim a atitude de uma análise cuidada, com fundamento, sólida nos seus alicerces e flexível na sua atenção ao contexto e à transformação social e cultural. Só assim é possível o caminho no diálogo entre a cultura e a fé. E só assim é que se torna capaz uma educação construtiva, uma aprendizagem social, na

---

<sup>206</sup> Luc Ferry, *7 lições para ser feliz ou os paradoxos da felicidade* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2017), 79.

qual todos participam ativamente. Tendo em conta estes elementos, compreende-se a escolha da unidade letiva *o Projeto de Vida* do 9.º ano. É sair ao encontro do projeto de cada um. É ir à procura dos desafios vocacionais. É o descobrir o *sentido* não só da vida, da história individual, mas, e sobretudo, dos compromissos assumidos, na *responsabilidade* de transformar a própria vida e a dos outros numa verdadeira *obra de arte*.

Em conclusão, este Relatório Final é fruto ao desafio de um novo tempo, de uma nova forma de viver as relações humanas. Resulta de uma reflexão à procura do *sentido* de celebrar o amor retratado num projeto a dois, como é o casamento. É a redescoberta da arte da relação com um outro, no qual se dá e se entrega toda a vida numa plena confiança de que o *sim* traduz fidelidade, compromisso, respeito, exclusividade e indissolubilidade. É o *sim* de “uma escolha que deve ser feita diariamente e depois firmemente mantida e reafirmada dia após dia”<sup>207</sup>. Logo, “é algo que precisa de ser sempre *feito* de novo e refeito a cada dia, a cada hora: constantemente ressuscitado, reafirmado, servido e cuidado”<sup>208</sup>.

---

<sup>207</sup> Zygmunt Bauman. *A Arte...*, *op. cit.*, 164.

<sup>208</sup> *Ibidem*, 176.

## BIBLIOGRAFIA

*Bíblia Sagrada*. 5.<sup>a</sup> Edição. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2009.

### Magistério da Igreja

*Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

*Codex Iuris Canonici auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgatus* (25 de janeiro de 1983) 1-317: AAS 75 (1983), II. Consultado na edição portuguesa: *Código de Direito Canónico*. 2.<sup>a</sup> Edição. Braga: Diário do Minho, 1997.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Introdução Geral ao Missal Romano*. 3.<sup>a</sup> Edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ritual Romano. Celebração do Matrimónio*. 3.<sup>a</sup> Edição. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1990.

Denzinger, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia. Manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de la Iglesia en materia de fe y costumbres. Versión directa de los textos originales por Daniel Ruiz Bueno*. Teología y Filosofía 22. Barcelona: Herder, 1963.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. *Constitutio de Sacra Liturgia* (4 de dezembro de 1963) 97-138: AAS 56 (1964), 2. Consultada na edição portuguesa: Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição. A Sagrada Liturgia”. In *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios*. 11.<sup>a</sup> Edição, 12-41. Braga: Editorial A.O., 1992.

\_\_\_\_\_. *Constitutio Dogmatica de Ecclesia* (21 de novembro de 1964) 5-75: AAS 57 (1965), 1. Consultada na edição portuguesa: Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição dogmática. A Igreja”. In *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios*. 11.<sup>a</sup> Edição, 57-116. Braga: Editorial A.O., 1992.

\_\_\_\_\_. *Constitutio Dogmatica de Divina Revelatione* (18 de novembro de 1965) 817-835: AAS 58 (1966), 12. Consultada na edição portuguesa: Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição dogmática. A Revelação Divina”. In *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios*. 11.<sup>a</sup> Edição, 219-234. Braga: Editorial A.O., 1992.

\_\_\_\_\_. *Constitutio Pastoralis De Ecclesia in mundo huius temporis* (7 de dezembro de 1965) 1025-1120: AAS 58 (1966), 15. Consultada na edição portuguesa: Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constituição Pastoral Gaudium et Spes”. In *Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios*. 11.<sup>a</sup> Edição, 343-418. Braga: Editorial A.O., 1992.

XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”. Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco, Vaticano, 24 de outubro, 2015. Consultado a 13 de maio, 2019: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20151026\\_r elazione-finale-xiv-assemblea\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_r elazione-finale-xiv-assemblea_po.html)

### **Documentos Pontifícios**

Benedicti XVI, PP. *Litterae Encyclicae Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005): AAS 98 (2006), 3. Consultada na edição portuguesa: Bento XVI, PP. *Carta Encíclica «Deus caritas est»*. Braga: Editorial A.O., 2006.

Francisci, PP. *Adhortatio Apostolica Post-Synodalis “Amoris Laetitia”* (18 de março de 2016): AAS 108 (2016), 4. Consultada na edição portuguesa: Francisco, PP. *A alegria do amor. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. Prior Velho: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus vivit*. Prior Velho: Paulinas, 2019. Ainda não disponível na *Acta Apostolicae Sedis*.

\_\_\_\_\_. *Litterae Encyclicae Lumen Fidei* (29 de junho de 2013): AAS 105 (2013), 7.  
Consultada na edição portuguesa: Francisco, PP. *Luz da Fé. Carta Encíclica Lumen Fidei*. Prior Velho: Paulinas, 2013.

Ioannis Pauli II, PP. *Adhortatio Apostolica Familiaris consortio*. (22 de novembro de 1981): AAS 74 (1982), 2. Consultada na edição portuguesa: João Paulo II, PP. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*. 7.<sup>a</sup> Edição. Braga: Editorial A.O., 2006.

### **Teologia específica: bíblica, litúrgica e sacramental**

A. Fitzmyer, Joseph. *El Evangelio según Lucas IV*. Madrid: Ediciones Cristiandad, S.A., 2005.

Augé, Matias. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade*. Dessedentar 3. Prior Velho: Paulinas, 2005.

Arnau, Ramón. *Tratado general de los sacramentos*. 5.<sup>a</sup> Edição. Madrid: BAC, 2007.

Boff, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. 28.<sup>a</sup> Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

Borobio, Dionisio. *Celebrar para vivir. Liturgia y sacramentos de la Iglesia*. Lux Mundi 81. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003.

\_\_\_\_\_. (dir.). *La celebración en la Iglesia I. Liturgia y sacramentología fundamental*. 6.<sup>a</sup> Edição, Lux Mundi 57. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

\_\_\_\_\_. (dir.). *La celebración en la Iglesia II. Sacramentos*. Lux Mundi 58. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

Bovon, François. *El Evangelio según San Lucas. Lc 19,28-24,53 IV*. Biblioteca de Estudios Bíblicos 132. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

Granados, José. *Una sola carne en un solo espíritu. Teología del matrimonio*. Madrid: Ediciones Palabra, 2014.

Guardini, Romano. *O Espírito da Liturgia*. 2.<sup>a</sup> Edição, Exsultet 2. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

\_\_\_\_\_. *Sinais Sagrados*. 2.<sup>a</sup> Edição, Exsultet 3. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

Joaquim Fernandes Costa, Manuel. “Ritualidade simbólica e encarnação da fé”. In *Theologica*. 2.<sup>a</sup> Série, 42, 1 (2007), 53-65

Léon-Dufour, Xavier. *Lectura del Evangelio de Juan. Jn 1-4 I*. Biblioteca de Estudios Bíblicos 68. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1989.

Lopez Martin, Julian. *La Liturgia de la Iglesia. Teología, historia, espiritualidad y pastoral*. 2.<sup>a</sup> Edição, Sapientia Fidei 6. Madrid: BAC, 1996.

Kasper, Walter. *La liturgia de la Iglesia*. Volume 10, «Presencia Teológica» 228. España: Sal Terrae, 2015.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 6.<sup>a</sup> Edição, Dessedentar 2. Prior Velho: Paulinas, 2014.

Schmaus, Michael. *Teologia Dogmatica VI. Los Sacramentos*. Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 1961.

Sesboué, Bernard. *Invitación a creer. Unos sacramentos creíbles y deseables*. Madrid: San Pablo, 2010.

### **Teologia complementar**

Bento XVI, PP. *Jesus de Nazaré*. 5.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Esfera dos Livros, 2010.

De Leão Cordeiro, José (org.). *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 2003.

Duquoc, Christian. «*Creo en la Iglesia*». *Precariedad institucional y Reino de Dios*. «Presencia Teológica» 112. Santander: Sal Terrae, 2001.

Garcia de la Fuente, Olegario (org.). *Obras completas de San Agustín*. XXVII. Madrid: BAC, 1989.

Moran, Jose (org.). *Obras completas de San Agustín*. XVI-XVII. Madrid: BAC, 1958.

## Legislação Portuguesa

Ministério da Justiça – Gabinete do Ministro. 1966. “Decreto-Lei n.º 47344”. *Diário da República* 1.ª Série, 274 (novembro): 1883-2086. Consultado a 2 de dezembro, 2018:

[https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/119405076/201905191849/exportPdf/normal/1/cacheLevelPage?\\_LegislacaoConsolidada\\_WAR\\_drefrontofficeportlet\\_rp=indice](https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/119405076/201905191849/exportPdf/normal/1/cacheLevelPage?_LegislacaoConsolidada_WAR_drefrontofficeportlet_rp=indice).

Presidência da República. 1976. “Decreto de Aprovação da Constituição”. *Diário da República* 1.ª Série, 86 (abril): 738-775. Consultado a 2 de dezembro, 2018:

<https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/337/201905191843/exportPdf/maximized/1/cacheLevelPage?rp=indice>.

## Ciências Humanas

Barbosa Sobreira de Miranda, Alex. *Introdução ao Coaching*. Janeiro, 2014. Consultado a 4 de março, 2019:

<https://psicologado.com.br/atuacao/coaching/introducao-ao-coaching>.

Bauman, Zygmunt. *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Arte da Vida*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2017.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Espanha: Paidós, 2006.

Ferry, Luc. *A Revolução do Amor. Para uma espiritualidade laica*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

\_\_\_\_\_. *7 lições para ser feliz ou os paradoxos da felicidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017.

Lipovetsky, Gilles. *A Era do Vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

Ordem dos Psicólogos Portugueses. *Orientações para as especialidades. Processo de Equiparação*. Janeiro, 2018. Consultado a 4 de março:

[https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/orientaa\\_aoes\\_especialidades\\_coaching\\_psicologica\\_equiparaa\\_aao.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/orientaa_aoes_especialidades_coaching_psicologica_equiparaa_aao.pdf).

Sampaio, Daniel. *Do telemóvel para o mundo. Pais e adolescentes no tempo da Internet*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Caminho, 2018.

\_\_\_\_\_. *Labirinto de Mágoas. As crises do casamento e como enfrentá-las*. Lisboa: Caminho, 2012.

## **Educação**

Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Editorial do Ministério da Educação e Ciência, 2017.

Sá Carvalho, Cristina (coord.). *Quero Ser! Manual do Aluno. Educação Moral e Religiosa Católica. 9.º Ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Secretariado Nacional da Educação Cristã (coord.). *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

## **Revistas**

Ruela, Rosa e Clara Soares. “Bingo! Tem um parceiro”. In *Revista Visão*, 25 de outubro, 2018.

## **Sítio-grafia**

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio. *Projeto Educativo. Triénio 2016-2018*. 2015. Consultado a 29 de maio, 2019:

[http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE\\_AESAS\\_2016\\_2018.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1516/PE_AESAS_2016_2018.pdf).

\_\_\_\_\_. *Regulamento Interno*. 2016. Consultado a 29 de maio, 2019:

[http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016\\_RI\\_AESAS\\_vfinal.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016_RI_AESAS_vfinal.pdf).

Pimentel, Marina. “O casamento não é um jogo”. Rádio Renascença. 17 de novembro, 2018.

Consultado a 12 de dezembro, 2018: <https://rr.sapo.pt/noticia/131121/o-casamento-nao-e-um-jogo>.

Pires, Jacinto Lucas e Henrique Raposo. “‘Casados à Primeira Vista’ revela ‘solidão tremenda’ e ‘leveza consumista’”. *Rádio Renascença*, 24 de outubro, 2018. Consultado a 12 de dezembro, 2018: <https://rr.sapo.pt/artigo/128419/casados-a-primeira-vista-revela-solidao-tremenda-e-leveza-consumista>.

Raposo, Henrique. “Não há casamentos estáveis”. *Rádio Renascença*, 8 de junho, 2018.

Consultado a 26 de outubro, 2018: <https://rr.sapo.pt/artigo/115360/nao-ha-casamentos-estaveis>.

Ricou, Miguel. “É perigoso convencer as pessoas de que a psicologia pode descobrir um ‘par ideal’”. *Rádio Renascença*, 16 de novembro, 2018. Consultado a 16 de novembro, 2018: <https://rr.sapo.pt/noticia/130811/e-perigoso-convencer-as-pessoas-de-que-a-psicologia-pode-descobrir-um-par-ideal>.

Rocha, Inês. “‘Casados à Primeira Vista’ promove uma ‘banalização do casamento’, diz Igreja”.

*Rádio Renascença*, 16 de novembro, 2018. Consultado a 16 de novembro, 2018: <https://rr.sapo.pt/noticia/130798/casados-a-primeira-vista-promove-uma-banalizacao-do-casamento-diz-igreja>.

\_\_\_\_\_. “‘Coaching’. O que é e por que deve ser praticado por psicólogos?”. *Rádio Renascença*, 16 de novembro, 2018. Consultado a 16 de novembro, 2018: <https://rr.sapo.pt/noticia/130788/coaching-o-que-e-e-por-que-deve-ser-praticado-por-psicologos>.

# **ANEXOS**

Documento 1: Modelo do inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados dos alunos, a fim de potenciar uma caracterização mais profunda da turma desde a sua forma de pensar (a visão da disciplina de Educação Moral e Religiosa e Católica e objetivos de vida) ao modo de viver (os hábitos, preferências e passatempos).



**Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio**

Escola EB 2,3 de Nogueira – Braga

3º. Ciclo 9º. Ano Turma: A

Nome:

Idade:

1. O que pensas sobre a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC)? E sobre os temas abordados até agora? Dentro dos limites desta disciplina, gostarias de estudar outro tema ou aprofundar algum em particular?

---

---

---

---

---

2. Escreve um pouco, segundo a tua perceção, sobre profissão e vocação? Achas que estão relacionados? Ou são independentes um do outro?

---

---

---

---

---

3. Neste momento, tens alguma noção do que gostarias de fazer? Quais os teus objetivos de vida? Enuncia-os, caso te sintas confortável, não só a nível profissional, como também pessoal.

---

---

---

---

---

---

---

4. Fora do ambiente escolar, quais os teus passatempos favoritos? Por seu lado, no campo dos programas de televisão, o que preferes ver?

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Conheces o programa da SIC ‘casados à primeira vista’? Se sim, o que achas? Se não, o que te sugere este título?

---

---

---

---

---

---

---

---

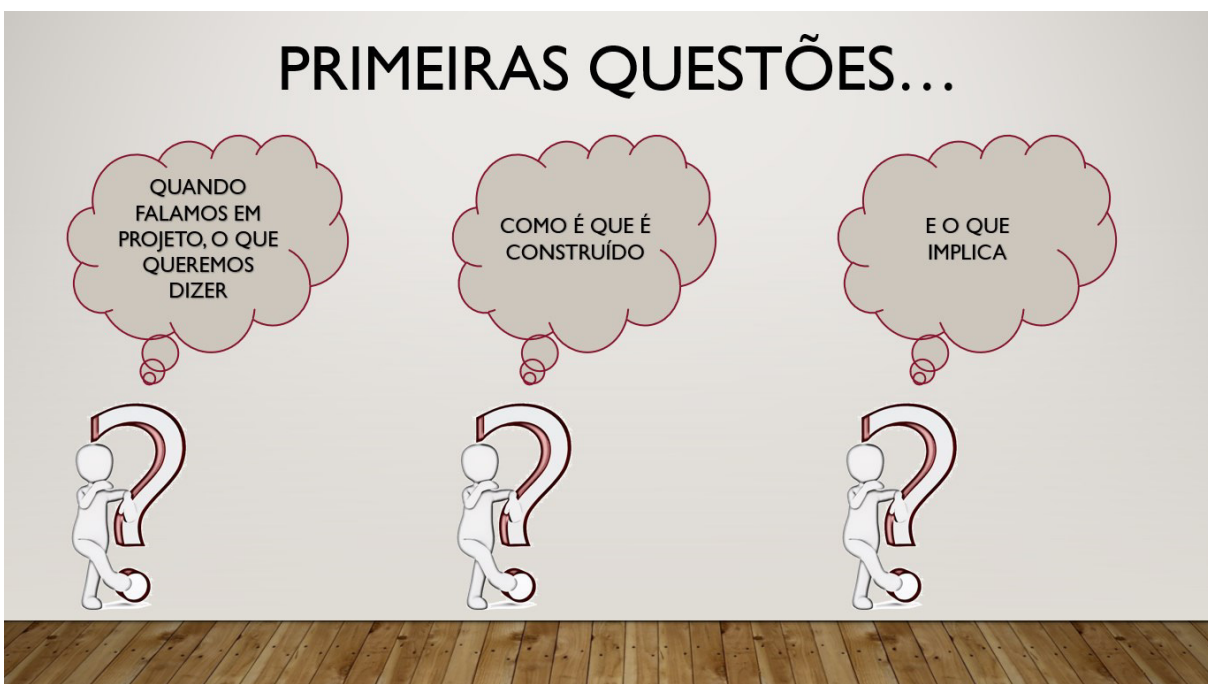
Este breve questionário serve como ferramenta de conhecimento de cada aluno(a) do 9º.A, facilitando, por sua vez, a tarefa de caracterização da turma desde o seu modo de pensar (a perceção da disciplina de EMRC e objetivos de vida) à forma de viver (os hábitos, preferências e passatempos).

Elaborado por Moisés Pereira, 2º. Ano do Mestrado em Ciências Religiosas – Área de EMRC.

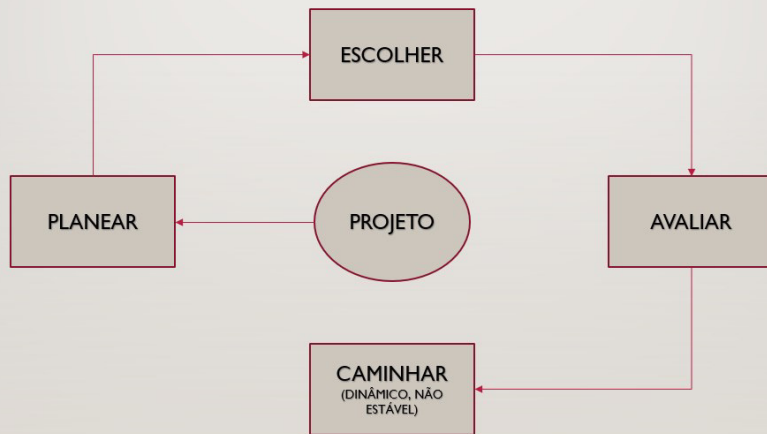
Documento 2: As metas curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica como elementos orientadores da Prática de Ensino Supervisionada.

| <b>DOMÍNIOS</b>  | <b>METAS CURRICULARES</b>  |
|--|--|
| <b>RELIGIÃO<br/>E<br/>EXPERIÊNCIA<br/>RELIGIOSA</b>          | <b>A.</b> Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.<br><b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.<br><b>C.</b> Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.<br><b>D.</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.   |
| <b>CULTURA<br/>CRISTÃ<br/>E<br/>VISÃO CRISTÃ<br/>DA VIDA</b> | <b>E.</b> Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.<br><b>F.</b> Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.<br><b>G.</b> Identificar os valores evangélicos.<br><b>H.</b> Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.<br><b>I.</b> Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.<br><b>J.</b> Descobrir a simbólica cristã.<br><b>K.</b> Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.<br><b>L.</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. |
| <b>ÉTICA<br/>E<br/>MORAL</b>                                 | <b>M.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.<br><b>N.</b> Promover o bem comum e o cuidado do outro.<br><b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.<br><b>P.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.<br><b>Q.</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.  |

Documento 3: PowerPoint empregue na aula 1, *o conceito de projeto e como este se dinamiza*,  
como linha orientadora da reflexão.

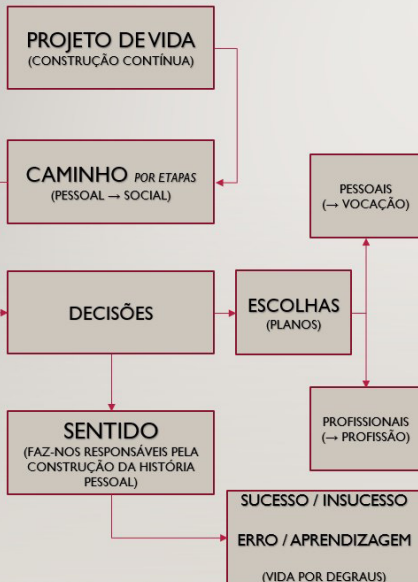
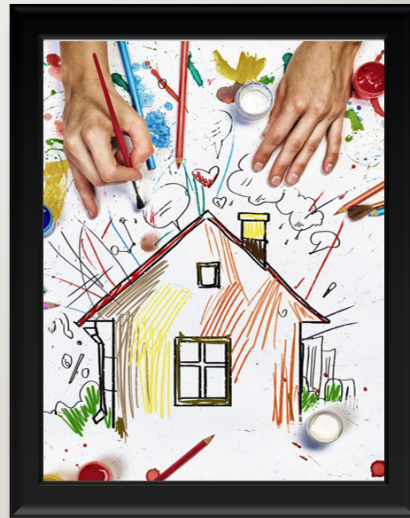


# FALAR SOBRE...



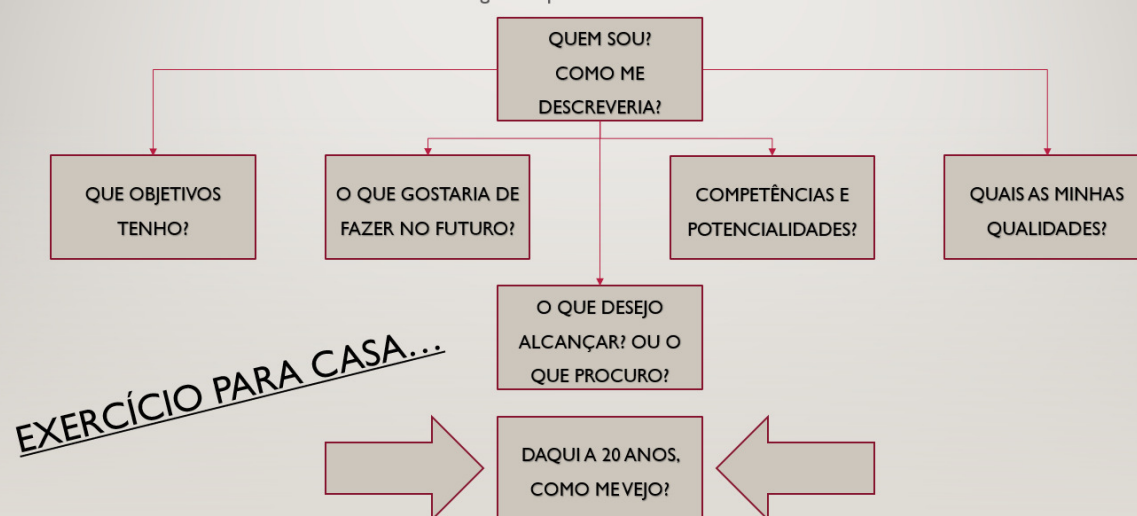
## O PROJETO COMO CONSTRUÇÃO DE UMA CASA

- COMO É QUE SE PENSA A CASA?
- O QUE É PRECISO PARA A CONSTRUIR?
- TEM UM PRAZO PARA A TERMINAR? SE SIM, QUAL?



## Por um projeto de vida

Algumas questões fundamentais



## ÚLTIMAS LINHAS DE REFLEXÃO

- Síntese da aula...
- Dúvidas...
- Um possível sumário...
- Algumas pistas para a próxima aula...
- Um *feedback* dos alunos sobre a aula...



Documento 4: PowerPoint utilizado na aula 2, da abordagem concetual de vocação e profissão a exemplos concretos, como linha orientadora da reflexão.

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio  
Aula n.º 2



**POR UM PROJETO VOCACIONAL...**

EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA




**INTRODUÇÃO AO TEMA...**

---

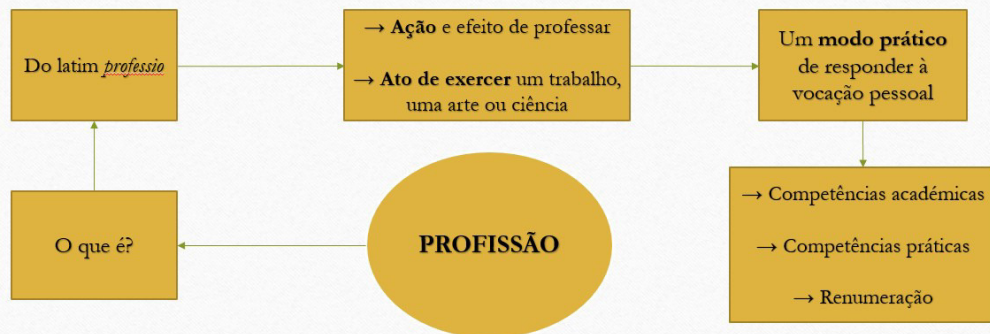
O que é a profissão e a vocação?

Existe alguma relação entre eles?

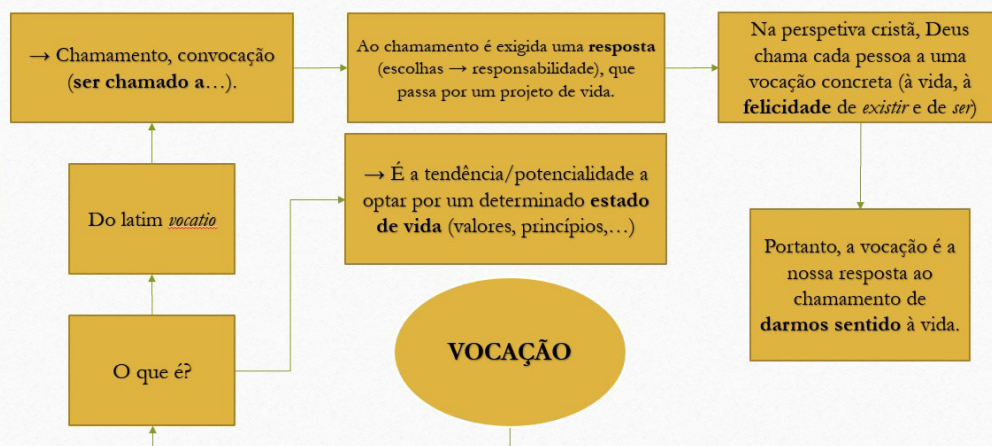
Que exemplos podemos dar?



## FALAR SOBRE...



## FALAR SOBRE...



## EM FORMA DE SÍNTESE...

→ A **profissão** é a forma prática de como respondemos aos nossos desejos/sonhos rumo à felicidade (vocaçãõ);

→ A **vocaçãõ** é o chamamento a responder à vida, procurando o seu sentido mais profundo (ser-se feliz, reconhecendo o dom da vida);

→ A **vía profissional** pode proporcionar, ou não, um sentido de **autorrealização/felicidade**, na medida em que esteja de acordo com a vocaçãõ pessoal;

→ Por fim, a **procura da vocaçãõ pessoal** é um processo de descoberta da felicidade. Portanto, a vocaçãõ é sempre um caminho a construir, repleto de escolhas e decisões, onde cada um se torna responsável pela sua construção (caminho pessoal → social).

## JOGO DE EXEMPLOS



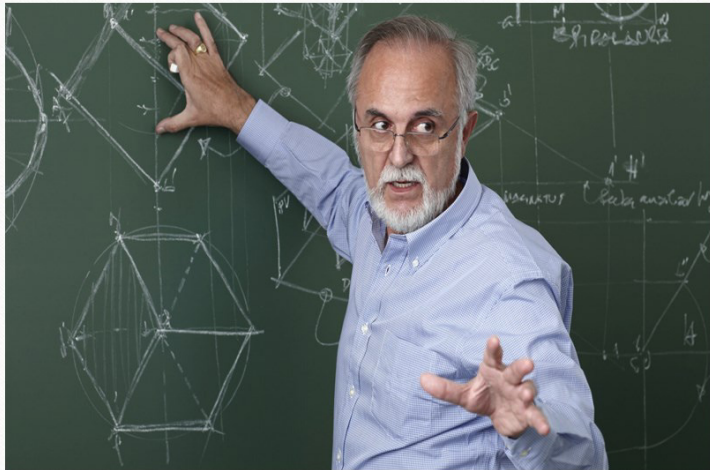
**FAMÍLIA**  
(Maternidade/Paternidade)

**VOCAÇÃO**



**PROFESSOR**

**PROFISSÃO**



MÉDICO

PROFISSÃO



CASAMENTO

VOCAÇÃO



**RELIGIOSO**

(Monge da Ordem da Cartuxa)

**VOCAÇÃO**



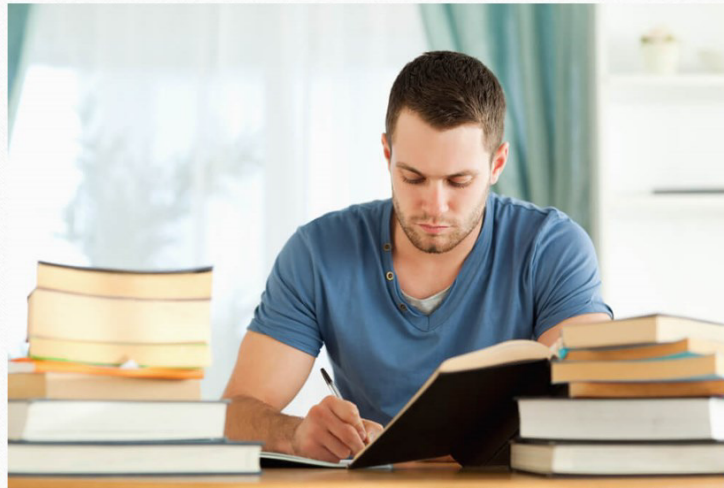
**PSICÓLOGO**

**PROFISSÃO**



ESTUDANTE

PROFISSÃO  
(VOCAÇÃO)



VOLUNTÁRIO

VOCAÇÃO



MÚSICO

VOCAÇÃO  
(PROFISSÃO)



O SACERDÓCIO...



## AO TERMINAR...

---

→ Síntese da aula...

→ Dúvidas...

→ Algumas pistas para a próxima aula...



Documento 5: PowerPoint usado na aula 3, *o conceito de casamento e características essenciais*, como linha orientadora da reflexão.



## PRIMEIRAS QUESTÕES...

O que é o casamento?



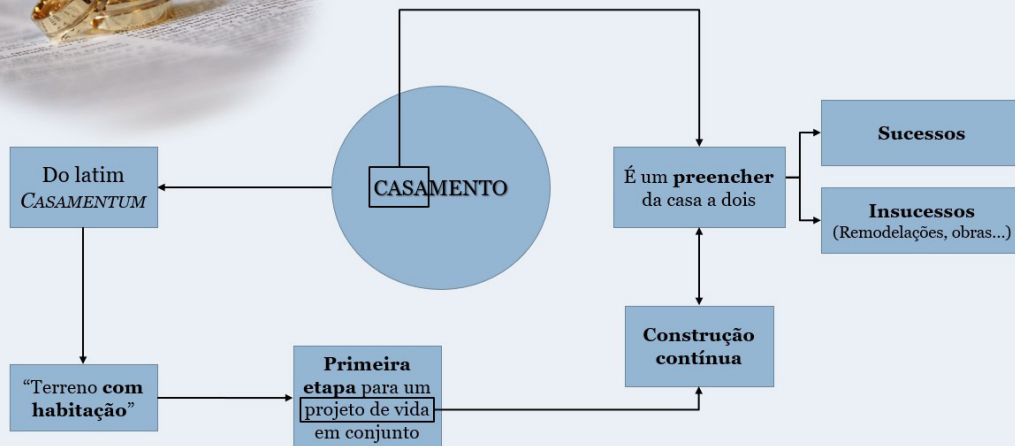
Em que é que se fundamenta?



O que podemos falar sobre esta realidade?



# O QUE É O...



# O CASAMENTO BASEIA-SE NUMA...



## FALAR SOBRE CASAMENTO...



## “Não há casamentos estáveis”



O que  
queremos dizer  
com isto?

**SIM**

**NÃO**



» «O casamento **não é** uma ilha que se ergue, **titânica**, acima das águas do oceano. É, isso sim, uma **frágil barcaça** em constantes **reparações** em pleno alto mar. O casamento faz até lembrar aquele velho mestre cuja função era tapar os buracos no casco de madeira dos navios antigos. A **entrada da água** era **inevitável**, mas o **naufrágio** era **evitável**».

Henrique RAPOSO. *Rádio Renascença*, Junho 08, 2018.



# “O casamento não traz felicidade”



O que  
queremos dizer  
com isto?

**SIM**

**NÃO**



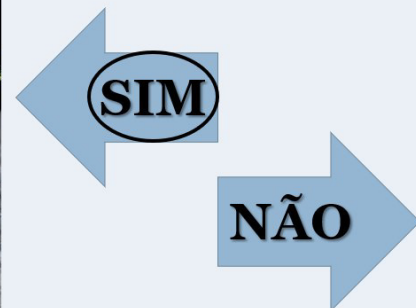


- «Não há casamento **sem sacrifício pessoal**».
- «O casamento não é sobre nós, **é sobre os outros** que nos rodeiam. Nós não casamos para sermos felizes, **casamos para fazer os outros felizes**».
- «O casamento **ensina-nos a procurar a felicidade nos outros**, nos filhos que crescem, na ajuda que **se dá** aos sogros, na ajuda que **se recebe** dos sogros, nas provações que se superam **em conjunto**».

Henrique RAPOSO. *Rádio Renascença*, Abril 07, 2017.



**Todas as pessoas têm o direito de constituir família e, portanto, de se casarem.**





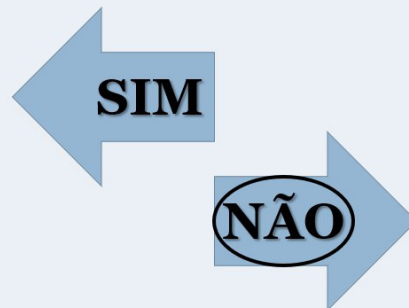
### Artigo 36.º

- «**Todos** têm o direito de **constituir família** e de **contrair casamento** em condições de **plena igualdade**».

“Constituição da República Portuguesa”. In *Diário da República* 86, 1ª. Série, 10 de Abril de 1976.



Os esposos estão ligados entre si **apenas** pelos deveres de respeito e fidelidade.





**Artigo 1672.º**  
*(Deveres dos cônjuges)*

- «Os cônjuges estão reciprocamente vinculados pelos deveres de **respeito**, **fidelidade**, **coabitação**, **cooperação** e **assistência**».

“Código Civil. Decreto-Lei 47344”. In *Diário da República* 274, 1ª. Série, 25 de Novembro de 1966.



**Os esposos não têm os mesmos direitos.**



**SIM**

**NÃO**





### Artigo 1671.º

(Igualdade dos cônjuges)

- «O casamento baseia-se na **igualdade de direitos e deveres** dos cônjuges».
- «**A direção da família pertence a ambos os cônjuges**, que devem acordar sobre a orientação da vida em comum tendo em conta o **bem da família** e os **interesses de um e outro**».

“Código Civil. Decreto-Lei 47344”. In *Diário da República* 274, 1.ª. Série, 25 de Novembro de 1966.



**‘O casamento é apenas um pedaço de papel, um contrato sem valor’.**



**SIM**

**NÃO**





**Artigo 1577.º**  
(Noção de casamento)

- «Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que **pretendem constituir família** mediante uma **plena comunhão de vida**».

“Código Civil. Decreto-Lei 47344”. In *Diário da República* 274, 1ª. Série, 25 de Novembro de 1966.



## AO TERMINAR...



- Dúvidas...
- Síntese da aula...
- Algumas pistas para a próxima aula...



Documento 6: PowerPoint utilizado na aula 4, o programa de televisão *Casados à Primeira Vista*, como linha orientadora da reflexão.

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio  
Aula n.º 4



**CASADOS  
À PRIMEIRA  
VISTA**

À PROCURA DO CASAMENTO 'PERFEITO'  
EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA



PRIMEIRAS QUESTÕES...



Qual a finalidade?

Quem são os participantes?

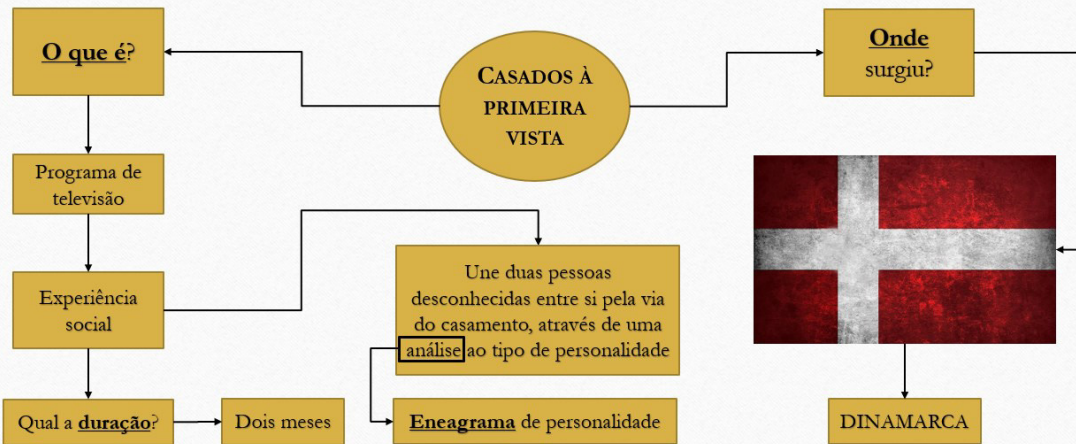
Qual o método usado?

Que leitura podemos ter entre o casamento e o programa?

O que é?

Onde surgiu?

## FALAR SOBRE...



## O PROGRAMA PROPÕE...

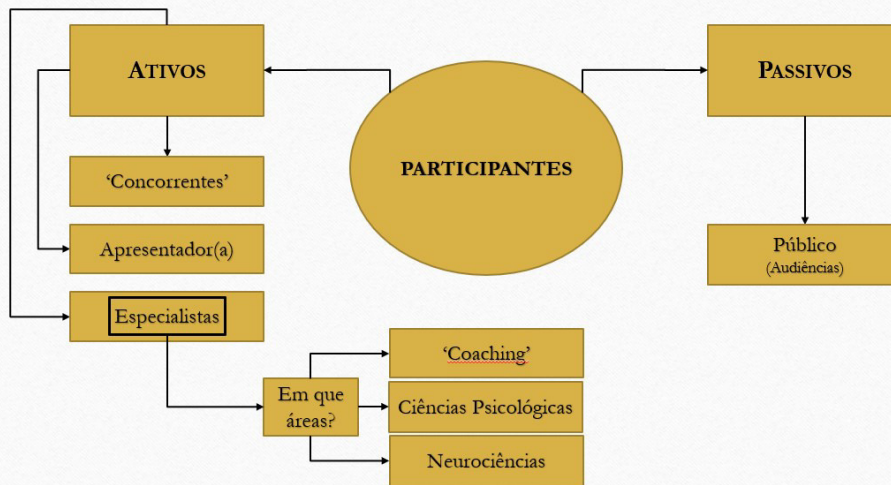
- **Possibilitar, ajudar e/ou facilitar** uma possível relação esponsal entre duas pessoas.

Quem são estas pessoas?

- Com idade superior a 18 anos, **sem qualquer vínculo matrimonial**, desejosas de encontrar o 'amor'.

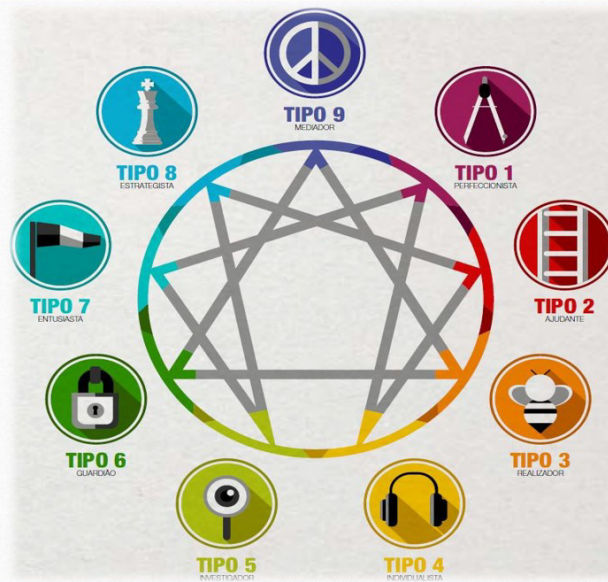
Que 'amor' pretendido será este?

# SOBRE OS...



## ENEAGRAMA DE PERSONALIDADE

- Tipo 1 → Perfeccionista
- Tipo 2 → Ajudante
- Tipo 3 → Realizador
- Tipo 4 → Individualista
- Tipo 5 → Investigador
- Tipo 6 → Guardião
- Tipo 7 → Entusiasta
- Tipo 8 → Estrategista
- Tipo 9 → Mediador





“

Tentar convencer as pessoas que a Psicologia pode permitir a descoberta do ‘par ideal’ é perigoso, não só porque essa definição simplesmente não existe, mas também porque o ‘sucesso’ de uma relação – seja lá o que isso for – não depende, no essencial, das características das pessoas tal como elas podem ser avaliadas pela ciência psicológica.

”

Miguel RICOU (Presidente da Comissão de Ética da Ordem dos Psicólogos Portugueses). *Rádio Renascença*, 16 de Novembro, 2018.

#### Conteúdos-chave

O ideal do ‘par  
**perfeito**’

A **semelhança**  
como caminho do  
**‘êxito**’ amoroso

“

O outro não é uma coisa, não é um eletrodoméstico que eu compro, não é como um carro. Eu posso ir a um stand e dizer ao vendedor que estou à procura de um carro com estas características. No amor, isto não tem lugar. O outro não é um objeto que eu adquiro. É um encontro de pessoas que vão crescendo nesse encontro.

”

Entrevista ao Padre Rui CARVALHO (Coordenador da Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa). *Rádio Renascença*, 16 de Novembro, 2018.

#### Conteúdos-chave

O Outro **não é à  
minha medida**  
(Quero uma pessoa assim...)

O Outro **não é um  
objeto de barro**  
(Não o posso criar, nem moldar)

“

...o psicólogo pode-me ajudar a discernir, não me pode substituir. No programa, os concorrentes abdicam do seu discernimento para entregarem isso a outros.

”

Entrevista ao Padre Rui CARVALHO (Coordenador da Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa). *Rádio Renascença*, 16 de Novembro, 2018.

**Conteúdos-chave**

**Escolha**

(Responsabilidade pela construção da vida)

“

Nós acabamos por nos relacionar no conflito, e é esse desencontro que promove o encontro. Quando andamos só à procura do ideal, só encontramos desilusões, é o horror do espelho. Mas as pessoas procuram soluções mágicas, fogem daquilo que dá trabalho, e não há nada que dê mais trabalho do que o relacionamento amoroso...

”

Entrevista a Jorge GRAVANITO (Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica). *Revista Visão* n.º 1338, 25-31 de Outubro, 2018.

**Conteúdos-chave**

A **diferença** como potencialidade de uma **relação dialógica**

(Semelhança → Monólogo)

“

O nascimento de uma paixão é um momento impossível de antecipar, prever, controlar. Se fosse um banalíssimo cisne branco, o amor já estaria à venda nas farmácias...

”

Henrique RAPOSO. *Rádio Renascença*, 23 de Novembro, 2018.

Conteúdos-chave

**Não se compra**  
uma relação.

**Não se força** o amor.  
**Há, sim, um esforçar-se**  
pela sua construção.

“

A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e uma vigilância sem descanso.

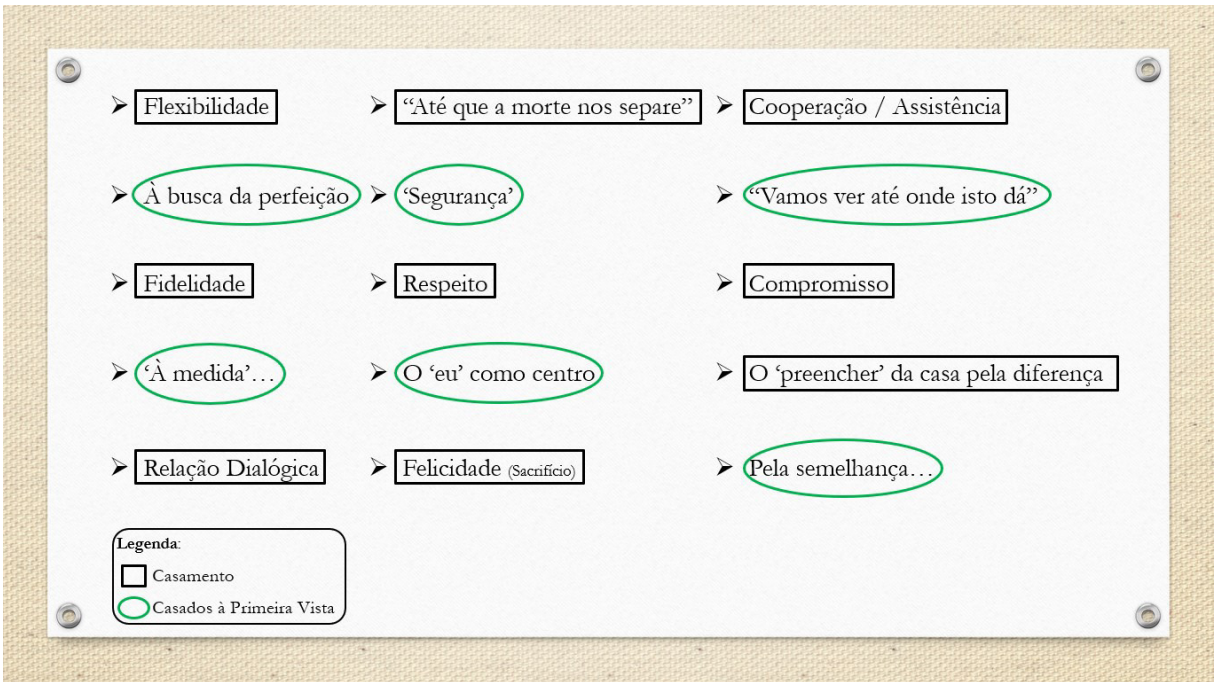
”

Zygmunt BAUMAN. *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*.

Conteúdos-chave

**Luta diária**  
(Investimento)

**Construção**  
**contínua**



# AO TERMINAR...



- Últimos apontamentos...
- Dúvidas...
- Síntese da aula...
- Algumas pistas para a próxima aula...



Documento 7: PowerPoint aplicado na aula 5, *o matrimónio à luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*, como linha orientadora da reflexão.

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio

Aula n.º 5

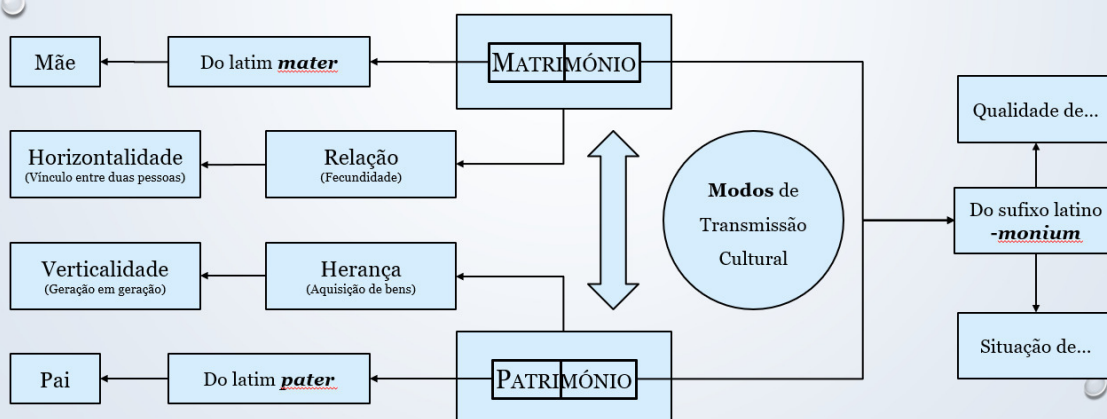
14 DE FEVEREIRO

# O MATRIMÓNIO

“A ALEGRIA DO AMOR”



## INTRODUÇÃO AO TEMA...



## PONTO DE PARTIDA...

«Temos dificuldade em apresentar o matrimónio mais como um **caminho dinâmico** de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira».

PAPA FRANCISCO. A ALEGRIA DO AMOR. §37

## POR UM RETRATO DO CAMINHO...

«O amor é **paciente**,

O amor é **prestável**;

**Não é** invejoso,

**Não é** arrogante, nem orgulhoso,

**Nada faz** de inconveniente,

**Não procura** o seu próprio interesse,

**Não** se irrita,

**Nem** guarda ressentimento,

**Não** se alegra com a injustiça,

Mas **rejubila** com a verdade.

**Tudo desculpa**,

**Tudo crê**,

**Tudo espera**,

**Tudo suporta**».

1Cor 13,4-7

“

Ter paciência não é deixar que nos maltratem permanentemente, nem tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §92

A paciência é reconhecer que o Outro não é 'perfeito', não é um(a) deus(a) grego(a)

A paciência não é dizer 'sim' à falta de respeito

“

...O amor não é apenas um sentimento, mas deve ser entendido no sentido que o verbo 'amar' tem em hebraico: 'fazer o bem'.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §94

Não basta apenas sentir ou dizer: “eu amo-te”

**Comunicação**  
(Demonstrar esse amor)

**Amabilidade**  
(Afetividade)

“

...o amor não age rudemente, não atua de forma inconveniente, não se mostra duro no trato. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos. Detesta fazer sofrer os outros.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §99

**Amabilidade**  
(Afetividade)

**Confiança**  
(Estímulo/Força)

“

...nunca se deve terminar o dia sem fazer as pazes na família.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §104

**Comunicação**

**Respeito**

**Perdão**

“

A verdade é que ‘a comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de facto, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação...’.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §106

**Flexibilidade**

**Perdão**

**Paciência**

**Caminho**

**Comunicação**

**Amor**

“

A família deve ser sempre o lugar onde uma pessoa, que consegue algo bom na vida, sabe que ali se vão congratular com ela.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §110

**Alegria**

**Felicidade**

**Caminho**

“ Não é necessário controlar o outro, seguir minuciosamente os seus passos, para evitar que fuja dos meus braços. O amor confia, deixa em liberdade, renuncia a controlar tudo, a possuir, a dominar. ”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §115

**Respeito**

**Confiança**

**Amor**

“ Poucas alegrias humanas são tão profundas e festivas como quando duas pessoas que se amam conquistaram, conjuntamente, algo que lhes custou um grande esforço compartilhado. ”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §130

**Flexibilidade**

**Caminho**

**Felicidade**

“

...aqueles que estão verdadeiramente enamorados tendem a manifestar aos outros o seu amor. O amor concretizado num matrimónio contraído diante dos outros (...) é manifestação e proteção de um “sim” que se dá sem reservas nem restrições. Este sim significa dizer ao outro que poderá sempre confiar, não será abandonado, se perder atrativo, se tiver dificuldades ou se se apresentarem novas possibilidades de prazer ou de interesses egoístas.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §132

**Fidelidade**

(Compromisso)

**Caminho**

**Amor**

“

Na família, é necessário usar três palavras: com licença, obrigado, desculpa. (...) ‘Quando numa família não somos invasores e pedimos ‘com licença’, quando na família não somos egoístas e aprendemos a dizer ‘obrigado’, e quando na família nos damos conta de que fizemos algo incorreto e pedimos ‘desculpa’, nessa família existe paz e alegria...’.

”

PAPA FRANCISCO. *A ALEGRIA DO AMOR*. §133

**Comunicação**


**Respeito**

**Caminho**

## PALAVRAS FUNDAMENTAIS...

- Flexibilidade
- Fidelidade/Compromisso
- Amabilidade/Afetividade
- Amor
- Paciência
- Perdão
- Comunicação
- Felicidade
- Confiança
- Respeito
- Alegria
- Caminho

## AO TERMINAR...

- 
- Dúvidas...
  - Síntese da aula...
  - Algumas pistas para a próxima aula...
  - Sobre o dia 14 de Fevereiro...

# O DIA 14 DE FEVEREIRO...



→ Também chamado dia de São Valentim... → *Quem foi?*

→ Bispo que celebrava casamentos em segredo → *Porquê?*

→ O imperador Cláudio II proibiu os casamentos, de modo a criar um exército maior e mais poderoso.

→ Entretanto, o bispo Valentim foi preso e condenado à morte, uma vez que a sua prática foi descoberta.

→ Enquanto ele estava na prisão, muitos jovens enviavam flores e bilhetes a dizer que ainda acreditavam no amor. Entre estas, estava uma jovem cega, filha do carcereiro, que pediu ao pai para visitar o bispo Valentim. Neste encontro, os dois apaixonaram-se e, como que milagre, a jovem recuperou a visão.

→ A memória deste santo foi comemorada na Igreja Católica até 1969. Após esta data, deixou-se de se celebrar pelo facto de haver poucos dados históricos que comprovem a sua história...e até a sua existência.

Documento 8: PowerPoint utilizado na aula 6, *a felicidade como meta pessoal e comum, o jogo construtivo de escolhas*, como linha orientadora da reflexão.

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio  
Aula n.º 6



# A FELICIDADE

À descoberta do jogo da vida



## INTRODUÇÃO AO TEMA...

Recordar alguns conceitos

|  |   |
|--|---|
| <b>VOCAÇÃO FUNDAMENTAL</b><br><i>(RESPOSTA AO CHAMAMENTO DE DAR SENTIDO)</i> | <b>CAMINHO DINÂMICO</b><br><i>(VITÓRIAS/FRACASSOS → SUCESSOS/ERROS)</i> |
| <b>META INDIVIDUAL E COMUM</b><br><i>(PESSOAL → SOCIAL)</i>                  | <b>ESCOLHAS/OPÇÕES</b><br><i>(SENTIDO)</i>                              |
| <b>CONSTRUÇÃO CONTÍNUA</b><br><i>(PROJETO INACABADO)</i>                     | <b>RESPONSABILIDADE</b><br><i>(‘ESCULTORES’ DA HISTÓRIA PESSOAL)</i>    |
|  | <b>DESCOBERTA</b><br><i>(DESVELAMENTO DO DESCONHECIDO)</i>              |



O CAMINHO  
COMO ARTE...



Pierre Renoir, *Luncheon of the Boating Party*, 1881.



Edvard Munch,  
*Skrik*, 1893.



“

Não existe um caminho para a felicidade.

A felicidade é o caminho.

”

Mahatma Gandhi

CONSTRUÇÃO  
CONTÍNUA

CAMINHO  
DINÂMICO

“

A nossa felicidade depende mais do que temos  
nas nossas cabeças do que nos nossos bolsos.

”

Arthur Schopenhauer

A FELICIDADE **NÃO** É UM  
PRODUTO ADQUIRÍVEL

**NÃO SE TEM** FELICIDADE.  
PROCURA-SE **SER-SE** FELIZ

“ Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não existir qualquer relação entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade! ”

Zygmunt BAUMAN. *A Arte da Vida*. 12.

NÃO SE COMPRA  
FELICIDADE

“ ...o gosto agradável da comida do restaurante, ou os preços altos nas etiquetas e as marcas conceituadas presas aos presentes difícilmente alcançarão o valor... dos bens cuja ausência ou raridade devem compensar: bens como reunir-se em torno de uma mesa com comida preparada em conjunto para ser compartilhada, ou ter uma pessoa que nos é importante a ouvir com atenção uma longa exposição dos nossos pensamentos, esperanças e apreensões mais íntimos, e outras provas semelhantes de atenção, compromisso e carinho amorosos. ”

Zygmunt BAUMAN. *A Arte da Vida*. 18.

A FELICIDADE PASSA POR *SER-SE* EM  
RELAÇÃO COM O OUTRO  
(É **um fim** em si mesmo, não um meio)

“

Na pista que leva à felicidade, não existe linha de chegada.

”

Zygmunt BAUMAN. *A Arte da Vida*. 21.

CONSTRUÇÃO  
CONTÍNUA  
(Projeto *inacabado*)

“

As nossas vidas, quer o saibamos ou não e quer o saudemos ou lamentemos, são obras de arte. (...) Precisamos de tentar o impossível.

”

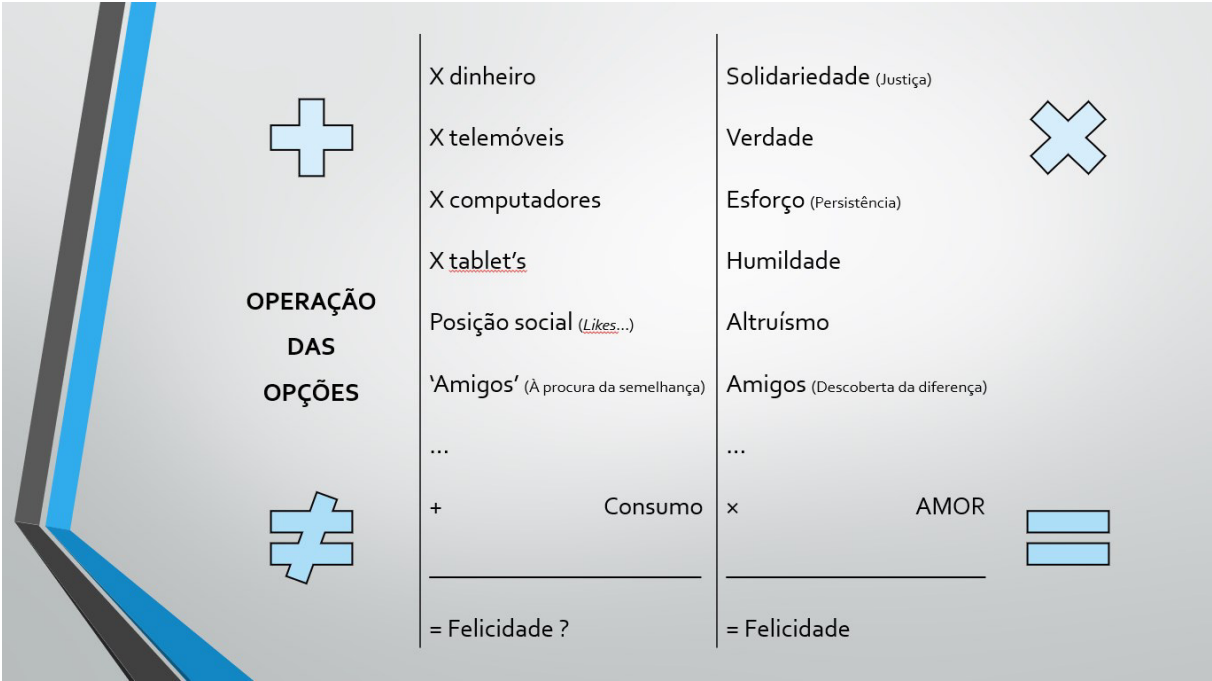
Zygmunt BAUMAN. *A Arte da Vida*. 34.

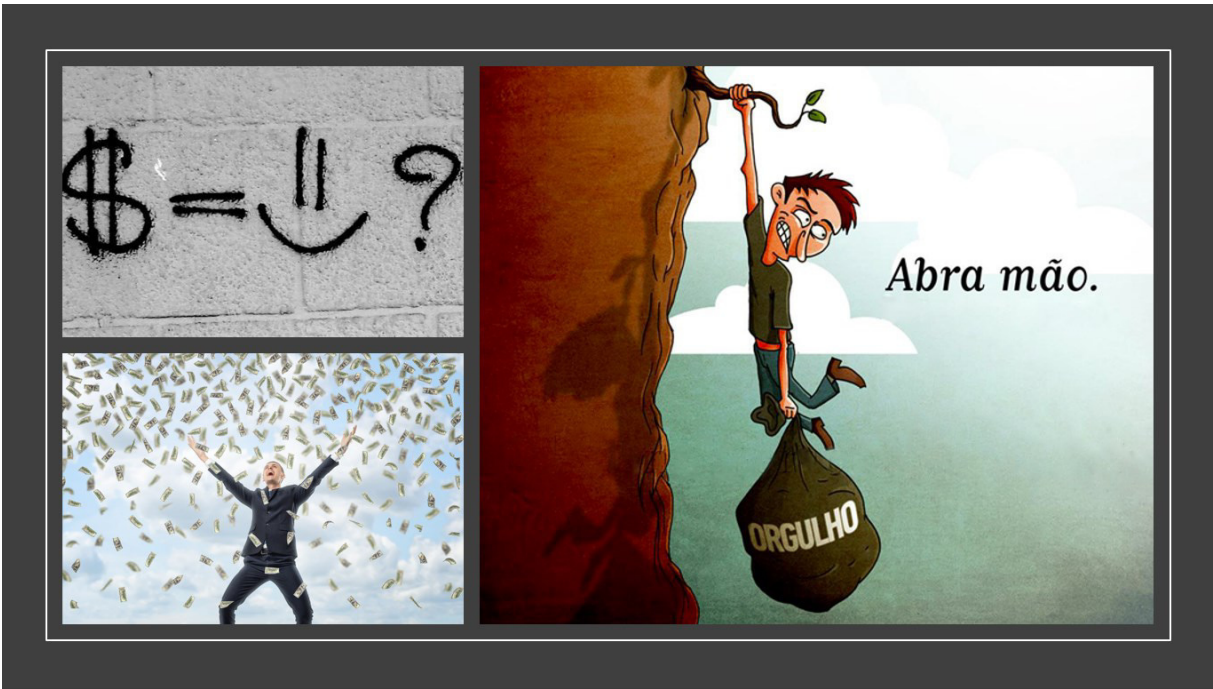
A CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE  
PASSA PELA RESPONSABILIDADE  
(Cada um é o seu *'escultor'*)

A VIDA É UM DESAFIO  
(Objetivos, Estratégias, Escolhas...)



# A FELICIDADE COMO JOGO...





## AO TERMINAR...

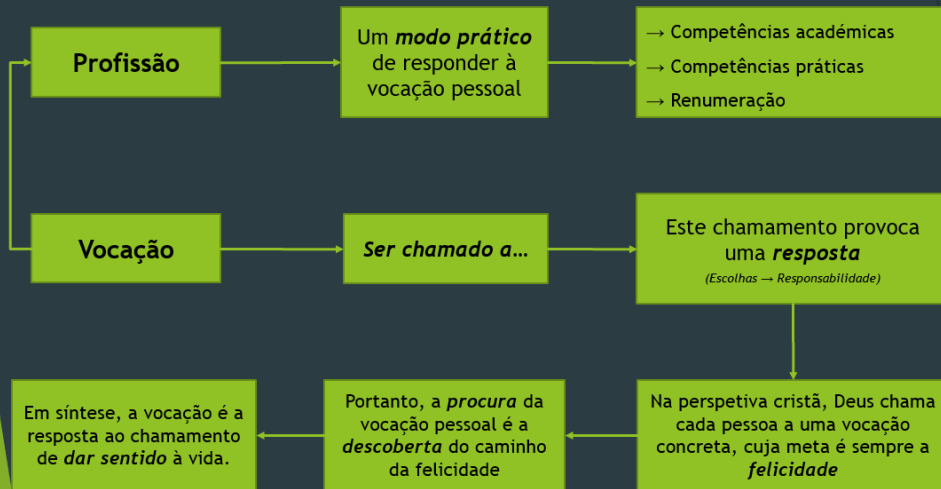
- Dúvidas...
- Síntese da aula...
- Próxima semana: Última aula...



Documento 9: PowerPoint empregue na aula 7, *síntese da unidade letiva, o Projeto de Vida*, como linha orientadora da reflexão.



## UM PROJETO VOCACIONAL...



## DO 'PREENCHER' A CASA À FECUNDIDADE DO LAR...



# O JOGO DA VIDA RUMO À FELICIDADE...



OBRIGADO POR  
FAZEREM  
PARTE DO MEU  
PROJETO DE  
VIDA!

